

## Corretos escritores

De que cor são nossos  
personagens literários? • 12

## A cadeira e o sonho

A luta de Paulo Hirano por  
uma vaga na ABL • 16

## Um pau no bruxo

Domingos Pellegrini descasca  
Machado de Assis • 6

Arte: Ricardo Humberto



## As boas obsessões

Marçal Aquino • 4/5

## A loucura do mundo

Roberto Piva • 14



## O descanso da morte

José Saramago • 19

## Jogos no espelho

Javier Cercas • 18



## 68

DEZEMBRO/05

SALOMÉ DE MENOTTI DEL PICCHIA	10
MENINO OCULTO DE GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO	11
UM ESTRANGEIRO NA LEGIÃO DE ROBERTO PIVA	14
LAS NOCHES DE FLORES DE CÉSAR AIRA	20
OS SUICIDAS DE ANTONIO DI BENEDETTO	22
ADA OU ARDOR DE VLADIMIR NABOKOV	23



Divulgação

## CARTAS

rascunho@onda.com.br



Há pouco mais de dois meses tornei-me assinante do **Rascunho**. Além do espírito relativamente crítico, por conta de alguns excessos descarados, beirando ao favoritismo, não sei — vejo o jornal com grandes expectativas, em vista deste ser o maior canal de ligação entre escritores, poetas e tradutores publicados, aspirantes e aprendizes, tanto no Brasil quanto no exterior. Dos três exemplares que li, um personagem em especial permanece em destaque. É Régis Bonvicino, juiz e polemista, po-

eta e tradutor, entrevistado no **Rascunho** de novembro. Lendo a matéria de Carlos Willian, Francisco Perna e Flávio Paranhos, senti-me muitíssimo instigado a contatar esse retrucador espontâneo, em busca de corresponder-me, senão com minha própria mente, com o reflexo mais próximo desta.

• **André Luiz Braga** — Barra do Pirai — RJ

É sempre uma alegria receber um jornal literário do nível do **Rascunho**, coisa raríssima por essas bandas. Gostei muito da entrevista com Miguel Sanches Neto, a quem encontrei logo depois em Ouro Preto, durante o Fórum das Letras, onde estavam também, entre muitos outros, alguns colaboradores de vocês — Wilson Bueno, Nelson de Oliveira e Luiz Ruffato, que fez o texto de orelha do meu mais recente livro de poemas, *Ronaldo Werneck revista Selvaggia*. Gostei também do conto de Flávio Moreira da Costa sobre Nelson Cavaquinho,

que me lembrou um texto que fiz para o catálogo de uma série de shows em homenagem ao Nelson, realizados no CCBB-Rio, e que depois publiquei numa coluna no jornal *Cataguases*, da cidade onde nasci e para onde voltei desde o início deste século, após 30 anos de Rio de Janeiro. Parabéns.

• **Ronaldo Werneck** — Cataguases — MG

Encantamento. Pela beleza e simplicidade ao tratar a arte. Pelo grandioso respeito aos notórios e vindouros. Por tudo, enfim.

• **Aluisio Aderaldo Martins Rodrigues** — Fortaleza — CE

Sou assinante do **Rascunho** há um mês e estou muito satisfeito com a qualidade do jornal.

• **Gilberto Garcia da Silva** — Praia Grande — SP

## TRANSLATO

Eduardo Ferreira

## A tradução e o desenvolvimento das línguas

Ainda está para ser contada a história da contribuição das traduções e dos processos tradutórios para a evolução da língua portuguesa. Desconheço obra sobre o tema. Outros idiomas talvez tenham estudos sobre o assunto. No trajeto evolutivo de uma língua, a tradução representa elemento de importância nada desprezível. Trata-se de fator de enriquecimento e consolidação, com reflexos notáveis no léxico e na sintaxe.

A literatura, claro, subjaz esse processo. O alimenta e renova. É seu principal motor. Mas há outros. A tradução de textos técnicos tem também seu próprio peso. No português brasileiro de hoje, é impossível deixar de notar as contribuições trazidas pela tradução de textos de informática, só para ficar em um único exemplo. Influência que não se deleta facilmente.

O argentino Oscar Caeiro comenta, em artigo na antiga revista *Tradução & comunicação*, a importância que tiveram os processos tradutórios no percurso de formação e fixação do idioma espanhol, e em sua preparação para a brilhante trajetória que o aguardava no futuro. O forte e contínuo influxo de idéias e formas estrangeiras representa, para todo idioma, uma oportunidade de desenvolvimento e expansão de horizontes. O modo como cada língua absorve essa influência determina o papel que poderá desempenhar no mundo literário e cultural.

O modo como se comportou o inglês diante do influxo francês em determinada fase de sua história contribuiu para a espantosa explosão de seu léxico, hoje grandioso em função de haver absorvido e transformado palavras tanto do ramo germânico quanto do ramo latino. Deu-lhe também impressionante versatilidade, que hoje se expressa na

facilidade com que é apropriado por falantes nativos dos mais diversos idiomas.

Do espanhol, dizia Caeiro que um de seus méritos foi justamente a capacidade que teve de receber e transformar a influência estrangeira, enriquecendo-se dela sem perder sua marcante individualidade. O segredo dessa absorção criativa é fazê-lo com liberalidade e personalidade. Não sei se o espanhol o faz hoje com liberalidade. Talvez tenha mais personalidade que liberalidade, o que poderia vir a tolher seu desenvolvimento. A conferir.

O português brasileiro parece mais receptivo, embora ressurgam, volta e meia, movimentos linguístico-nacionalistas que tentam barrar a entrada do estrangeiro no vernáculo. Bobagem. O influxo de novos elementos, especialmente via literatura, só pode fazer bem à língua. Sempre foi, historicamente, agente de arejamento e aperfeiçoamento.

A tradução feita com consciência, inventi-

vidade e método saberá dosar bem a afluência da substância forasteira, estabelecendo equilíbrio entre formas diversas de apropriação (decalque, aproximação, paráfrase ou pura e simples incorporação). “Uma língua só alcança sua plenitude quando é capaz de incluir em si muitas outras, quando tem os órgãos para assimilar, tornando suas as essências estranhas”, analisa Caeiro.

A capacidade que tem uma língua de traduzir textos estrangeiros revela não só sua adaptabilidade, sua eficiência como instrumento de comunicação, mas o gênio daqueles que se serviram dela para expressar idéias e palavras originalmente concebidas em outro idioma.

A língua, cada uma delas, se confunde com sua longa história de traduções. Em certa medida, cada idioma é aquilo que soube traduzir dos outros. 7

## RODAPÉ

Rinaldo de Fernandes

UMA PERSONAGEM  
NEGRA DE DALTON TREVISAN

A *Folha de S. Paulo* (23/10/2005) noticiou: pesquisa coordenada pela professora de Literatura Brasileira Regina Dalcastagnè, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, revela: “Os personagens dos romances brasileiros contemporâneos são homens, de classe média e moram em cidades, e negros, mulheres, velhos e pobres têm pouca ou nenhuma voz. Em números: 62,1% dos personagens são homens; 79,8% dos personagens são brancos (contra 7,9% negros e 6,1% mestiços); 73,5% dos personagens negros são pobres”. O professor da USP Alcides Villaça questionou a validade da pesquisa, dizendo: “Eu ficaria espantado se o resultado tivesse sido outro”. Disse ainda: “Se a literatura tivesse sido, desde o início, espelho das virtudes desejáveis, não se teria recomendado a expulsão dos poetas da república. E os estudos literários se organizariam como um ramo positivamente exemplar

da pedagogia”. Bom, com todo respeito, eu discordo do ponto de vista do professor. Na minha modesta opinião, a pesquisa da professora da UnB é bastante válida — é um termômetro que avalia ideologicamente (e por que não?) a posição de nossos narradores contemporâneos. Talvez o recorte da pesquisa, restringindo-se a romances publicados entre 1990 e 2004, é que seja um pouco discutível, haja vista, por exemplo, o grande impulso do conto recentemente. Um conto — e, é claro, estou falando do óbvio — pode ser mais significativo do que um romance. Pode ser um “resumo implacável de uma certa condição humana” ou mesmo um “símbolo candente de uma ordem social ou histórica”, conforme Julio Cortázar. Quer um exemplo de contista que poderia perfeitamente entrar na pesquisa da professora e ficar ao lado de Paulo Lins (Regina Dalcastagnè afirma que a partir de **Cidade de Deus** houve “uma preocupação dos novos autores em trazer personagens que estavam à margem da sociedade. Ele [o romance do escritor carioca] abriu algumas frentes que ainda não estão completamente preenchidas”)? Quer um exemplo? Dalton Trevisan e seu conto *Maria, sua criada*, que abre o livro **Rita Ritinha Ritona** (Record, 2005). O conto é narrado do ponto de vista

de uma empregada doméstica negra, que, saindo do Nordeste (nasceu num mocambo do Recife), vai parar no Rio de Janeiro e, depois, em Curitiba. A protagonista, Maria das Graças, tem muita personalidade. Padece horrores: mora em várias residências, é estuprada, mãe solteira, e chega a dormir no chão de uma sacada. Mas, decida, enfrenta todas as dificuldades, chegando, com o dinheiro que guarda (“tinha sempre o meu dinheirinho”), a pôr a filha mais nova na universidade (consegue também uma bolsa de estudo para a mais velha, que termina se casando com um dentista). Se os nossos romancistas recentes “representam de forma estereotipada as classes sociais e étnicas menos privilegiadas”, como indica logo no início a matéria da *Folha*, eu diria que um contista como Dalton Trevisan navega contra essa corrente. Maria das Graças (que em certos momentos lembra a Mocinha do conto *Viagem a Petrópolis*, de Clarice Lispector), mesmo na sua penúria, talvez seja uma das representações mais fortes e afirmativas do negro na literatura brasileira contemporânea. Uma bela e paradigmática personagem. 7

rascunho

ROGÉRIO PEREIRA  
editorLUÍS HENRIQUE PELLANDA  
subeditorÍTALO GUSSO  
diretor executivo

## COLABORADORES NESTA EDIÇÃO

Adriano Koehler  
Alberto Mussa  
Aleilton Fonseca  
Álvaro Alves de Faria  
Andrea Ribeiro  
Domingos Pellegrini  
Fabio Silvestre Cardoso  
Joca Reiners Terron  
Luís Augusto FischerLuiz Ruffato  
Marcio Renato dos Santos  
Mayrant Gallo  
Paulo Krauss  
Paulo Nogueira  
Pedro Salgueiro  
Ronaldo Bressane  
Ronaldo Correia de Brito

## ARTICULISTAS

Eduardo Ferreira  
Fernando Monteiro  
José Castello  
Nelson de Oliveira  
Rinaldo de Fernandes  
ILUSTRAÇÃO  
Oswalter Urbinati  
Ramon Muniz  
Ricardo Humberto

## FOTOGRAFIA

Cris Guancino  
Gustavo Ferreira

## EDITORIAÇÃO

Alexandre De Mari

## ESTAGIÁRIOS

Gustavo Ferreira  
Matheus Dias

## PROJETO GRÁFICO

Rogério Pereira

## IMPRENSA

Nume Comunicação  
(41) 3023.6600 www.numa.com.brrascunho é uma publicação  
mensal da Editora Letras & Livros Ltda.  
Rua Filastro Nunes Pires, 175 - casa 2  
CEP: 82010-300 • Curitiba - PR  
(41) 3019.0498

www.rascunho.com.br • rascunho@onda.com.br

TIRAGEM: 5 mil exemplares





**Bodas de osso**  
Paulo Bentancur  
Bertrand Brasil  
140 págs.

## A poesia como rito de passagem

Na orelha que preparou para **Bodas de osso** — volume de poesias do conhecido prosador e crítico literário gaúcho Paulo Bentancur —, Luiz Ruffato escreveu que são “poucos os autores que se permitem cruzar as perigosas águas que separam ficção e poema”. E foi exatamente o que fez Bentancur, tão habituado a trabalhar com narrativas ficcionais. Assim, o livro de poemas que lança agora, pela Bertrand Brasil, vem dividido em três partes, quase três capítulos, como que representando o início, o meio e o fim de uma grande novela. O enredo — repleto de pontuações

autobiográficas — cobre toda uma vida humana, da inocência da meninice ao cansaço desiludido da fase adulta. Na primeira, referente aos primeiros anos da existência do poeta-narrador-personagem de **Bodas de osso**, Bentancur se entrega às lembranças (suas, talvez) de uma época em que a infância — a escola, os brinquedos, a rua — era quase que um sinônimo de lirismo. Na segunda, ganha destaque o homem, jovem, como poeta, descobridor do mundo por meio da palavra, do pensamento e da consciência. E, finalmente, na terceira parte da obra, esse mesmo poeta já

surge crescido, maduro e perdido — para a vida e talvez para a própria poesia. É como se a composição e o consumo de versos simbolizassem um rito de passagem da infância à maturidade. Paulo Bentancur, também biógrafo de Erico Veríssimo e autor de vários livros infanto-juvenis, colabora com diversos veículos da imprensa cultural brasileira, como *Journal do Brasil*, *Zero Hora*, *Bravo!*, *O Globo*, *Época*, *Aplauso* e *Rascunho*. Sobre as tais bodas de osso a que seu livro se refere, Bentancur diz que são aquelas “cumpridas na mais absoluta solidão”.

# Balzaquianos pós-modernos

Contos de MARCELO CARNEIRO DA CUNHA problematizam dilemas, impasses e relações dos que estão na faixa dos 30 anos

MARCIO RENATO DOS SANTOS • CURITIBA – PR



**Simples**  
(o amor nos anos 00)  
Marcelo Carneiro da Cunha  
Record  
281 págs.

O título do mais recente livro de Marcelo Carneiro da Cunha traduz com exatidão a proposta literária do escritor gaúcho de 47 anos: **Simples (o amor nos anos 00)**. O autor trata de relacionamentos nesta contemporaneidade. De maneira simples. E simplicidade é um aspecto presente no conteúdo e, também, na linguagem de sua obra.

Os 17 contos de **Simples** foram construídos com a linguagem mais clara e direta possível. A idéia do autor, muito mais do que ser simplesmente entendido, é ser lido — e a legibilidade da obra é total. No primeiro

conto, o que dá título ao livro, em meio a algumas digressões, o narrador emite discurso que auxilia na compreensão do projeto de Marcelo Carneiro da Cunha:

*Acredito que Einstein também falou que a Teoria da Relatividade era simples. Simples para um fóton, talvez, carapálida, que não precisa fazer nada a não ser se comportar como partícula e como onda ao mesmo tempo, aparentemente sem precisar de idas ao analista para aprender a lidar com essa ambigüidade.*

Que ambigüidade é essa a que o narrador se refere? A própria existência e seus impasses. Carneiro da Cunha criou pequenas narrativas (algumas longas até, mas são contos) com a finalidade de problematizar dilemas de quem está na faixa dos 30 anos — um pouco mais, um pouco menos —, inserido na sociedade brasileira contemporânea. O leitor e a leitora do **Rascunho** podem vir a se identificar com os balzaquianos e as balzaquianas recriados, reinventados, pelo autor gaúcho, ou mesmo reconhecer nesses seres ficcionais amigos, conhecidos, colegas. Da realidade para as páginas de **Simples**: gente que tem emprego, e grana que sobra depois de pagar casa, comida e roupa lavada. Seres descolados. Frequentam *vernissages*, *raves*, sessões de autógrafos. São pessoas que lêem Diogo Mainardi. E odeiam José Sarney. Uns já estiveram em Berlim. Outros em Nova York. Muitos já transaram sem camisinha em Porto Seguro. Santa Catarina é o cenário de suas férias de verão. São humanos para quem o advento do [www.google.com.br](http://www.google.com.br) se revelou solução para preencher as lacunas de conhecimento. Frequentam as Livrarias Cultura e Saraiva. Não perdem um episódio de *Sex and the City*. E o telefone celular é uma extensão de seu próprio corpo.

Não há juízo de valores. Nem absolvição. Tampouco são apontados os condenados. Nada disso. Os personagens criados por Marcelo Carneiro da Cunha estão em ação. E ação, no caso da literatura “*carneiriana-cunhana*”, significa se relacionar. A dois. O protagonista do conto *Ódios* é um sujeito, a exemplo do que o título irradia, que se caracteriza — ou, então, é caracterizado — por aquilo de que não gosta. E ele poupa pouca coisa:

*Odeio música do tipo que toca em rádio de táxi, axé, pagode, e especialmente odeio reggae. [...] Odeio cigarro, e andar de táxi; comida de avião e mulheres que querem ser minhas amigas. Odeio incenso, misticismo, Paulo Coelho, BBB, filmes do Glauber, Paul Auster, o SBT todinho. Rapping, rapel, trilha ecológica, surfe, comida vegetariana, macrobiótica, florais de Bach, homeopatia, o PSTU, o PFL, PMDB, PSDB, PDT, e especialmente o PTB e aquele monte de pastor com cara de vendedor de terreno subaquático.*

O personagem vive a odiar, em meio a sua solidão e seu desencanto existencial, até que conhece, casualmente, em um território até então inóspito, uma exposição de arte contemporânea — “odeio arte contemporânea” — Marta (Mati). Tudo muda. Os ódios deixam de ter tanta importância. Ele, que anteriormente demonstrava odiar tanta coisa e tanta gente, José Sarney por exemplo, reconhece que, a partir daquele momento, poderia vir a aplaudir o José Sarney. Enfim, o advento Marta, a relação a dois que se inicia, passa a significar uma nova perspectiva e possibilidade existencial. No entanto, ele



MARCELO CARNEIRO DA CUNHA: moderninhos

**Simples**, como um todo, se revela um bem-sucedido empreendimento literário; necessário, por discutir o imaginário de uma geração.

pondera: “Gosto dos meus ódios, eles me davam um sentido para as coisas. Mas hoje eu sei que adoro começos e acho até que gosto bastante do que acontece pelo meio. O que eu odeio mesmo, mais do que qualquer coisa no mundo, são finais”.

Gostar de começos: eis uma característica, não apenas do protagonista de *Ódios*, mas de muitos dos personagens do universo ficcional de Marcelo Carneiro da Cunha. Os balzaquianos pós-modernos estão a fim é da fase do descobrimento do corpo, e do universo, até então estranho, da época em que há mais risada e menos choro, beijo todo dia, muitos abraços, euforia antes de cada encontro. **Simples**, não é mesmo? **Simples**, como o amor nos anos 00.

Em vários dos 17 contos de **Simples** os personagens, homens e mulheres, manifestam preferência pelos inícios — sinal inequívoco de que, para eles e para elas, a hipótese de vir a casar, ter filhos, constituir família e viver feliz para sempre está fora de cogitação. E mais: as mulheres retratadas, recriadas literariamente por Marcelo Carneiro da Cunha, são apresentadas como livres, leves e soltas — o “príncipe”, a exemplo do texto de Cazuza, eternizado na voz de Cássia Eller, “virou um chato”. O conto *Orgasmo*, versão *feminina*, exemplifica isso. A personagem central, uma mulher, conhece um sujeito por meio da internet. Eles vivem em cidades distantes, mas o diálogo, via msn, o teclado diante da tela do computador, a troca de informações instantâneas os aproxima. Entre uma “verdade”, e muitas “mentiras”, ela revela, para ele, qual seria a fantasia ideal. Marcam encontro. Em um território neutro: uma outra cidade. E a fantasia, descrita em detalhes mínimos, é materializada. Ao final, ela revela: “Com tanto msn, com tanto homem o tempo inteiro, com tanta coisa pra fazer e tantas viagens por aí, quem quer ser casada?”

### Teia social esmiuçada

Na ficção de Carneiro da Cunha, os personagens não desejam se aprofundar nas relações — e, se não querem isso, é porque, necessariamente, já não são mais crianças e tiveram, anteriormente, experiências que se tradu-

ziram em frustração. O modelo de seus pais, tios e conhecidos — que envelheceram entediados ao lado de alguém que não lhes diz nada — não os seduz. Eles e elas não precisam, obrigatoriamente, de sapiência. Querem, acima de tudo, viver intensamente o período que é considerado um dos ápices da existência humana: a pele é exuberante, os cabelos ainda não ficaram brancos — há energia para muita aventura e todo um futuro porvir. A personagem central do conto *Rave* é uma devoradora de homens: “Até quando, eu pensei, até quando? Não sei, não sei, mas acho que um dia, quando eu for mais velha, tiver, uns, sei lá; nesse tempo em que a gente fica séria, acho que isso passa.”

A protagonista de *Banco de sêmen* também: ela vai à luta, em busca do homem ideal. Se, no tempo da narrativa, ainda não o encontrou, devora outros, muitos. Sabe que esse homem — o ideal, não o príncipe encantado — existe e que, algum dia, deverá conhecê-lo e, finalmente, devorá-lo (sobretudo, se ele demonstrar conhecer algo além do básico do jazz e comprovar não ter escutado nenhuma canção do Djavan). **Simples**? Sim, como o amor nos anos 00.

Apesar dos personagens da ficção de Carneiro da Cunha demonstrarem despreocupação em relação ao futuro, há, em um único dos 17 contos do livro — exatamente o mais extenso — um personagem que revela outras inquietações. O conto se chama *V1/V2*; o protagonista, Maximiliano, conhecido como Max: os amigos o chamam de Vat. É, também, balzaquiano. “Sou solteiro e trabalho num grande escritório e tenho um grande futuro.” No entanto, todos em sua órbita estão casados ou a um passo do altar. “Então, agora eu era um solteirão a ser combatido.” Ele não tinha necessidade interna de passar pelo rito. A pressão era social. E, por isso, não parava de se indagar: “Por que as pessoas se casavam?”. É o impasse do goleiro diante do pênalti, ou melhor, e com mais precisão, do piloto antes da decolagem. V1 é o ponto do não-retorno e V2 é o imenso vazio que se abre quando a aeronave já decolou da terra-firme rumo ao céu. Vat tem possibilidades e um futuro a ser traçado em poucos instantes — possivelmente, o conto mais bem-resolvido do autor.

**Simples** é um livro que trata dos impasses de uma geração e traz simultaneamente, seja em suas linhas, mas também em suas entrelinhas, uma leitura crítica da sociedade brasileira contemporânea. Relações, cultura, economia, enfim, a teia social é esmiuçada. As narrativas fluentes, temperadas com ironia e doses inesgotáveis de humor, dialogam com o universo retratado — e apontam para um grande acerto literário. O deslize se dá nos contos-piadas: peças mínimas, por exemplo, *google*, em que são, simplesmente, citados itens de consumo de balzaquianos:

[www.voegol.com.br](http://www.voegol.com.br)  
[www.varig.com.br](http://www.varig.com.br)  
[www.tam.com.br](http://www.tam.com.br)

[www.localiza.com.br](http://www.localiza.com.br)  
[www.avis.com.br](http://www.avis.com.br)

[www.caminhodorei.com.br](http://www.caminhodorei.com.br)  
[www.fazendaverdosa.com.br](http://www.fazendaverdosa.com.br)  
[www.pousadabounganville.com.br](http://www.pousadabounganville.com.br)

[www.livrariacultura.com.br](http://www.livrariacultura.com.br)  
[www.saraiva.com.br](http://www.saraiva.com.br)

[www.cadernodigital.uol.com.br/guidosexo](http://www.cadernodigital.uol.com.br/guidosexo)  
[www.viagra-exchange.com](http://www.viagra-exchange.com)

De toda forma, **Simples**, como um todo, se revela um bem-sucedido empreendimento literário; necessário, por discutir o imaginário de uma geração. **Simples** faz de Marcelo Carneiro da Cunha, até o presente, o autor brasileiro que, com escrita impecável, com mais precisão traduziu os balzaquianos pós-modernos. 7

### marcelo carneiro da cunha

é gaúcho de Porto Alegre, escritor, roteirista e jornalista. Já publicou 12 livros, entre eles **Contos publicitários** e o romance **O nosso juiz**.



# UM ROMANCE DE AMOR?

Em **EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DE SEUS LINDOS LÁBIOS**, prosa de Marçal Aquino volta a explorar rincões e dramas brasileiros

**LUIZ RUFFATO • SÃO PAULO — SP**

Há tempos, Marçal Aquino vem flertando com a construção de uma grande história de amor — essa possibilidade se apresenta em diversos de seus contos —, e é isso o que ele nos oferece em seu novo livro, **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**. Mas quem acompanha a trajetória do autor sabe que de sua imaginação nunca brotaria uma lovestória, aquela cujas provações emulam uma fábula moralizante ou antecipam um futuro estável de preservação de valores. Quem o conhece está acostumado às suas investigações a respeito do caráter humano, aos seus processos de laceração das feridas que corromem a alma, à sua profunda desconfiança em relação à Verdade como conhecimento em si — grande autor que é, percebe quão pouco nítidos são os limites entre conceitos como bem e mal, certo e errado, amor e ódio.

Sempre estranhei o lugar que a crítica destina a Marçal Aquino, ainda que em relação a ele não haja, o que é ótimo sinal, um consenso. Ora enquadram-no no rol dos autores policiais, ora nos escaninhos dos “marginais”, mas sempre entre os que hoje escrevem a história do Brasil urbano e pós-industrial. Nada, talvez, mais redutor de sua obra. A literatura policial, apegada ao modelo norte-americano, assenta-se sobre uma moral (qualquer que seja ela), visando uma reordenação do mundo momentaneamente desarticulado — distante demais do problemático universo de Aquino, cujos personagens tateiam lugares onde pouca coisa ainda faz sentido.

Tentar incluí-lo entre os autores da chamada “literatura marginal” torna-se um despropósito, por dois motivos diferentes mas complementares: os personagens de Aquino não são “marginais”, estão à margem da sociedade não por opção, mas por “acidente”; e não se revestem da caracterização mani-

queísta que costuma marcar essa produção. Os complexos personagens de Aquino, geralmente oriundos da classe média baixa, mostram profundo desconforto com sua situação, desejando todo o tempo a reinclusão na sociedade, ainda que, no mais das vezes, isso seja uma impossibilidade.

Finalmente, inserir Aquino entre os autores que elegem prioritariamente o urbano como campo de ação é talvez desconhecer grande parte de sua narrativa, que privilegia, na verdade, as fimbrias da sociedade capitalista, os pouco explorados rincões do Brasil, regiões geograficamente fronteiriças onde não chegaram ainda a lei e a urbanidade. As fronteiras, como sabemos, erigem-se em espaços físico e imaginário ideais, por representarem as possibilidades de ultrapassagem e fuga, por encamarem a relatividade das condutas morais e legais. Nesse sentido, **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios** é um ótimo exemplo da proposta concebida por Marçal Aquino desde seus primeiros escritos, o que, aliás, se explicita no próprio título de seus livros anteriores, que iremos trazendo à tona aos poucos.

#### Calvário de culpas

Narrado em primeira pessoa — à exceção do segundo capítulo, em terceira —, **Eu receberia...** é a história da paixão avassaladora de Cauby (sim, “igual ao cantor”) por Lavinia, numa dessas pequenas cidades do interior do Pará que nascem do dia para a noite em função da exploração de ouro. Cauby, 40 anos, é um fotógrafo paulista, relativamente bem-sucedido, filho de um também repórter fotográfico esportivo e de uma descendente de barões do café arruinados. Entediado, ganha uma bolsa de uma agência francesa para retratar o submundo do garimpo. Lavinia, capixaba, 24 anos, 1,68m, 63 quilos, ginásial incompleto, cujos olhos “tinham antiguidade e abismos”, é uma ex-menina de rua, ex-prostituta, ex-dro-

gada, casada com um pastor evangélico, Ernani, viúvo, ex-executivo, que pensa ter encontrado na religião a salvação de sua própria alma. O que em outras mãos poderia render o clássico triângulo amoroso, nas páginas de Aquino transforma-se em um calvário de culpas.

A desagregação do núcleo familiar é uma tônica nas narrativas de Aquino. Transbordam de seus livros personagens desgraçados pela incompatibilidade de viver a dois ou de manter vínculos afetivos de laços sanguíneos — são as **famílias terrivelmente felizes**. Em **Eu receberia...**, Cauby, adolescente, apanha do pai por manter, sem saber, uma relação com a amante desse. “Gente neurótica e infeliz, [...] que nunca poderia ter se encontrado na vida”, seus pais não se entendem — a reconciliação de Cauby com eles só ocorrerá anos e anos depois, quando de nada adiantará, ao descobrir que o pai fotografara a mãe nas diversas etapas de sua vida em comum, entrevendo, em meio à infelicidade, um talvez resquício de amor.

Lavinia, filha de uma relação fortuita da mãe alcoólatra, amontoa-se em um barraco em Linhares (ES) com os irmãos, que, drogados, tornam-se assaltantes. Estuprada pelo padrasto, também alcoólatra, foge e perambula às cegas por Guarapari e Vitória, onde acaba amante de um *playboy*. Abandonada, volta às ruas, substituindo-se para adquirir drogas, até conhecer o pastor Ernani, que, apaixonado, casa-



Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios Marçal Aquino Companhia das Letras 229 págs.

se com ela, muda-se para São Paulo e depois para o interior do Pará. Desde sua fuga, Lavinia nunca mais procurou o que restava de sua família, pois “não gostava deles a ponto de sentir saudades”.

Também é recorrente na ficção de Marçal Aquino a imagem da **cabeça a prêmio**. Aqui, quase todos os personagens têm percepção de que sua existência incomoda a sociedade. A paixão proibida de Cauby e Lavinia coloca-os como alvo prioritário, mas também trafegam no limite Chang, dono de uma loja de material fotográfico, agiota e pedófilo; Viktor

Laurence, jornalista assexuado, dono de um semanário mantido pelas mineradoras, que destila veneno em sua coluna social; Chico Chagas, matador; os garimpeiros acossados pelos “seguranças” das mineradoras; e o próprio pastor Ernani, por motivos que o leitor descobrirá nas páginas do livro.

**O invasor** — personagem que, saindo de seu universo restrito, desequilibra a frágil ordem estabelecida — é aqui também muito bem representado. Cauby, o “forasteiro charmoso”, é culto, dono de uma pequena biblioteca, amante da música clássica, um “civilizado” em meio à “barbárie” — sua simples presença na cidade é desestabilizadora. Mas também o pastor Ernani, que busca levar a palavra da salvação, a ética da religião, às ovelhas desgarradas em um mundo sem crença; o investigador Polozzi, que tenta assumir a lógica policial num lugar onde detém o poder quem tem o dinheiro; e Lavi-

nia, pela liberdade com que desfila sua beleza e juventude pelas ruas da cidade. Todos eles invasores.

#### Espelhos

É curioso como Marçal Aquino trabalha com a imagem do duplo nesse romance, espelhos que se reproduzem infinitamente. Cauby aceita fazer cartões pornográficos de prostitutas para ganhar dinheiro — um trabalho que conscientemente repele, pois seu interesse, digamos assim, seria pela “fotografia artística”. O contraponto é seu pai, também fotógrafo, que com as fotos de futebol teria se deixado prostituir, segundo a concepção do filho, mas que tem sua dignidade resgatada com a descoberta das fotos de nu artístico da mãe. Esse espelhamento se dá também com Chang, fotógrafo amador que faz retratos de gente assassinada para a constituição de inquéritos policiais, trabalho no qual seria substituído por Cauby, após sua morte brutal. A obsessão pela fotografia, que tanto descobriu nas páginas do livro, esse tema daria um tratado...

São modelos especulares ainda Viktor Laurence e Cauby, ambos cultos e poderosos a ponto de se sentirem superiores aos outros humanos — suas diferenças emergem no animal de estimação que cabe a cada um: um gato, Camus, do primeiro; um tatu, Zacarias, do segundo... Lavinia é por si só espelho de si mesma, devorada por um transtorno de personalidade que a divide em duas: uma, recatada e depressiva, outra, tresloucada e maniaca. À segunda, Cauby nomeará Shirley, libertina e doidivanas; à primeira, nomearão Lúcia, desmemoriada e afundada na auto-alienação.

Outro espelhamento ocorre entre as histórias, rigorosamente idênticas, de Cauby e Altino. O “careca” Altino sustentou um amor louco e casto por uma colega do Banco do Brasil, Marinês — quando, jovem, ela não correspondia à sua paixão, mas alimentava-a. Ele viveu das migalhas de sentimento até que a morte do noivo, pouco antes do casamento, corrói a razão de sua Dulcineia. Levada pela mãe, volta àquela pequena cidade do interior do Pará, acompanhada por Altino, que abre mão de tudo apenas para cuidar dela, para estar perto dela, vivendo dela e para ela. As histórias de Cauby e Altino nos sugerem o perigo que é mexer com **o amor e outros objetos pontiagudos**. Ainda dentro da perspectiva da especularidade poderíamos lembrar o ficcional “filósofo do amor”, Benjamin Schianberg, cujo livro **O que vemos no mundo** pontua e comenta a narrativa de Cauby, com suas tiradas ora cínicas, ora autocomplacentes, mas sempre visando uma estranhíssima auto-ajuda, com frases como “nenhuma vida está completa sem um grande desastre”...

Marçal Aquino pode ser considerado o continuador e renovador mais identificado com a obra de Rubem Fonseca, responsável pela modernização da narrativa brasileira. Mas, enquanto Fonseca problematizou a cidade em seus contos e romances, Aquino pretende mostrar como o crescimento desordenado ultrapassou os limites urbanos e ganhou os rincões — com suas frases e diálogos curtos e cerceiros, sua auto-ironia, sua absoluta falta de complacência, única narrativa possível, talvez, para contar a nossa conquista do oeste, os nossos **faroes**tes.👁

# GRAÇA E DEGRADAÇÃO

**LUIZ HENRIQUE PELLANDA • CURITIBA — PR**

Para Marçal Aquino, amar, assim como escrever, é uma tentativa de negar a morte. E esta última é — pelo menos em termos literários — o melhor antídoto para os muitos venenos amorosos. Em seu novo romance, **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**, a morte está sempre à espreita, rondando os amantes Cauby e Lavinia. Ele, fotógrafo, romântico e inconseqüente; ela, linda, adúltera e histórica. Formam um casal improvável, perdido entre o idílio, o pateticismo e a doença, deslocado em meio à hostilidade de uma cidadezinha no interior do Pará. De economia sustentada pelo garimpo e pela prostituição, trata-se do local ideal onde fazer prosperar bordéis e igrejas evangélicas. Novamente explorando como cenário o “Brasil profundo”, Marçal Aquino desenvolve outra trama típica de sua obra: nela há sexo, violência e corrupção. Mas, além do amor, outro novo componente se insinua na esperança. Um fio dela. Afinal, como diz o autor, no mundo se misturam graça e degradação, em proporções nem sempre equilibradas. É sobre isso que ele discorre nesta entrevista. E também fala sobre poesia, cinema, sonho e pessimismo.

“Não creio num mundo de vilões e mocinhos; somos mais complexos que isso, mais sujeitos a nuances e sutilezas.”

“Se um dia inventarem uma máquina que projete sonhos enquanto um sujeito dorme, será a morte do cinema e da televisão.”

### marçal aquino

nasceu em Amparo (SP), em 1958. É jornalista, roteirista e escritor de ficção adulta e juvenil. Já publicou os livros de contos **O amor e outros objetos pontiagudos**, **Faroes**, **As fomes de setembro**, **Miss Danúbio** e **Famílias terrivelmente felizes**, e os romances **O invasor** e **Cabeça a prêmio**. Entre os filmes que já escreveu estão

*Nina, Os matadores, Ação entre amigos, O invasor e Crime delicado*.

• **Em *Eu receberia...*, o fotógrafo Cauby diz que as melhores histórias de amor são as mal contadas. O que isso significa? E quais são as suas histórias de amor favoritas?** Penso que ele está se referindo às histórias que, mal comportadas, não se preocupam

muito em se explicar para os demais. Feito o drama amoroso que ele vive e narra, e que escapa a qualquer juízo ético, moral ou comportamental. A literatura está cheia de grandes histórias de amor. Gosto de muitas; cito algumas de que me lembro agora: **O amor nos tempos do cólera**, do García Márquez, conta uma extraordinária história de amor; assim como São Bernardo, do Graciliano Ramos; **A seguinte história**; do Cees Nooteboom; **Luna caliente**, do Memo Giardinelli; **Lolita**, do Nabokov; e **El pasado**, do Alan Pauls. Pensando na sua primeira questão, repare como a morte está presente em todas essas histórias como uma espécie de único antídoto possível contra os venenos do amor.

• **Seu livro trata vários personagens com grande complacência. Principalmente o chinês Chang. É raro ver um pedófilo retratado com tamanha delicadeza. O mesmo acontece com o pastor Ernani, com o matador Chico Chagas e até mesmo com o jornalista corrompido Viktor Laurence — que se mostra, muitas vezes, vítima de suas carências mais essenciais. Trata-se de uma negação de estereótipos óbvios ou da constatação de que o mundo é feito de subjetividades?**

Entendo que é mais uma tentativa de mostrar os personagens por inteiro, sem maniqueísmos. Não creio num mundo de vilões e mocinhos; somos mais complexos que isso, mais sujeitos a nuances e sutilezas. Como minhas histórias são uma proposição do real, acho que soaria artificial se eu perdesse isso de vista.

• ***Eu receberia...* é pontuado pelo relato dos sonhos de seus personagens. Para você, o sonho é revelador de que tipo de verdades? Você se interessa por suas interpretações psicanalíticas ou o trata apenas como recurso narrativo?**

Os sonhos sempre me interessaram e me intrigaram. Os meus e os dos outros. Mas não como elemento revelador do futuro, como acredita Chang, ou como material para interpretações psicanalíticas, como certamente diria o professor Schianberg (até porque nunca fiz análise). Prefiro olhar os sonhos como um mistério humano. E como a ciência não permite que duvidemos de nada, imagine-se um dia alguém inventar uma máquina que projete os sonhos

enquanto o sujeito dorme. Será a morte do cinema e da televisão, eu não tenho dúvida.

• **E sobre o professor Schianberg (*personagem do livro*), o pensador do amor, das “fezes da alma”? É um autor sábio ou lunático? Ou seria sempre obrigatório harmonizar esses adjetivos para se escrever (bem) sobre o amor?**

Na visão de Cauby, que é a que importa, o professor Benjamin Schianberg é um pensador tão sábio quanto lunático, capaz de exprimir reflexões que, ele acredita, podem ajudá-lo a compreender seu estado amoroso, na mesma proporção em que enuncia verdades triviais, com a falta de pudor de um livro barato de auto-ajuda. No fundo, acho que ambos sabem que escrever sobre o amor é a forma mais segura de não compreendê-lo.

• **Em certo momento de seu livro, lemos que o espírito humano se alimenta tanto do bem quanto do mórbido, e que, nesse meio, encontramos a poesia. Sua prosa habita essas regiões?**

O mundo é um lugar de “miséria e maravilha”, como disse o poeta. Graça e degradação. Isso me interessa como escritor. E embora eu seja um prosador, tenho especial apreço pela poesia, que acabo lendo até mais que a prosa. Falo de poetas cuja leitura nunca termina: Drummond, Bandeira, Murilo, Jorge de Lima, Carlos Penna Filho — por sinal, todos presentes no romance.

• **Só os poetas de língua portuguesa lhe interessam?**

Não. Leio um pouco de tudo, contemporâneos e clássicos, de várias procedências. Exemplos? O Michael Ondaatje, só conhecido no Brasil como prosador (*autor de O paciente inglês* e *Na pele de um leão*), é um excelente poeta, ainda não traduzido por aqui. Gosto também do americano John Ashbery e do romeno Marin Sorescu, que descobri recentemente.

• **E nesse seu apreço pela poesia não há a vontade de publicar versos seus?** Meu primeiro livro, **Por bares nunca dan**tes naufragados, publicado há exatos 20 anos, era uma coletânea de poemas. Hoje acho que foi uma indelicadeza minha com a poesia. Felizmente, até por uma questão de higiene e de

respeito aos verdadeiros poetas, desisti. Aquilo já era prosa disfarçada em versos, eu não tenho dúvida. Prometi não reincidir no engano.

• **A origem da tragédia de seus personagens está em relações familiares desastrosas. Cauby, aliás, demonstra tardiamente sofrer de uma grande nostalgia do núcleo familiar. A família é fundamental — para o bem ou para o mal de seus rebentos?**

Reincido com freqüência nos núcleos familiares, publiquei até um livro chamado **Famílias terrivelmente felizes**. Acho a família uma formidável matriz de delicadezas e perversões, daí um excelente ponto de partida para a ficção.

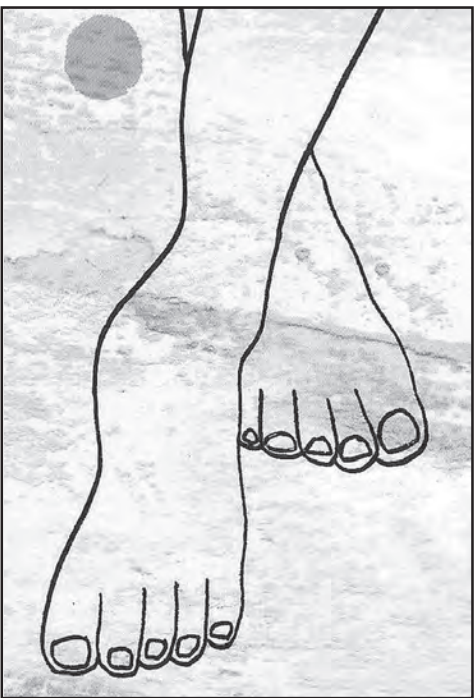
• **Sua literatura — e nela, é claro, não se incluem seus trabalhos como roteirista — sempre esteve muito ligada à imagem. O fato de *Eu receberia...* ser protagonizado por um fotógrafo é um reflexo de seu interesse pela literatura como registro de nosso olhar e de nossas observações?**

Acho que cada um escreve literatura como pode. No meu caso, costumam mencionar o caráter imagético (ou cinematográfico) da minha prosa e, de forma equivocada, vincular essa característica à minha atitude como roteirista. É um engano. Tem a ver com o cinema, sim, mas não por causa dos roteiros. O cinema entrou na minha vida antes da literatura, me fascinou desde que, garoto, entrei pela primeira vez numa sala. Me parece natural que ele tenha contaminado minha forma de “contar” histórias. E isso nunca me incomodou — na verdade, não é uma coisa que me preocupa quando escrevo. Meu desejo é apenas contar uma história — e se consigo fazer o leitor “ver”, por que ficaria insatisfeito? Especificamente neste livro, a narrativa constituída por imagens me pareceu ainda mais coerente por ter um fotógrafo como narrador.

“Escrever sobre o amor é a forma mais segura de não compreendê-lo.”

### TRECHO

eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios



Não adianta explicar. Você não vai entender.

Às vezes, como num sonho, vejo o dia da minha morte. É uma coisa meio espírita, um flash. E embora a mulher não apareça, sei que é por causa dela que estou me matando. E tenho tempo de saber que não me deixa infeliz o desfecho da nossa história. Terá valido a pena.

Hoje, a Lua está transitando por sua casa astrológica favorita. Câncer. Uma criança nascida neste dia terá personalidade calma e cordata. Gente boa, portanto. Sofrerá num lugar como este.

Sopra uma brisa vinda do rio e a noite está silenciosa e com um cheiro de dama-da-noite tão intenso que chega a ser enjoativo. Faz calor ainda. À tarde, vi pássaros voando em formação rumo ao norte. Não demora e teremos frio. Menos aqui, claro.

O homem que sai na varanda da pensão é calvo e barrigudo, e usa camiseta, bermuda listrada e chinélos. Ele diz um boa-noite torcendo a boca — derrame? — e senta-se na cadeira de palhinha. Abre o jornal com suas mãos micóticas e passa a grunhir a cada notícia que lê. Tosse, bufá. O mais próximo que um ser humano pode chegar de um bovino.

Um garoto da redondeza vem sentar-se nos degraus da escada, como já aconteceu em outras noites. Não gosta de conversar, mas fica ali, ouvindo a prosa alheia. As roupas dele são ordinárias, porém limpas. O garoto tem altivez no olhar, uma espécie de confiança em estar no mundo. Algo secreto na cabeça dele, que não consegue se exprimir ainda, mas que o informa: você é melhor do que essa gente ao seu redor. É só uma questão de tempo para que todos saibam disso.





Ricardo Humberto

# Dom Casmurro, obra-prima de um gênio? Não e não!

Estilo do romance de MACHADO DE ASSIS seria uma mistura de prosa doméstica com meia-pompa erudita

DOMINGOS PELLEGRINI • LONDRINA – PR

Concordo com Millôr Fernandes: que é que tantos tanto vêm em **Dom Casmurro**, de Machado de Assis?

O estilo é uma mistura de prosa doméstica com meia-pompa erudita (já que no livro nada é inteiro, tudo é dissimulado, tudo é muito sugerido e mal revelado, as meias palavras a dizer mais que as inteiras. Há quem veja mérito literário nisso. Vejo apenas sintoma da falta de caráter do narrador protagonista).

A visão de mundo do protagonista é um espelho das convenções e valores da sociedade escravocrata, machista e culturalmente colonizada, plenamente assumida, sem qualquer remorso ou indício de crítica do autor subjacente ao seu personagem. Como sentimos, por exemplo, em **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, onde o também narrador protagonista Paulo Honório se mostra tão dolorosamente fragilizado com as consequências de seus atos, e então vemos o autor e sua visão humanista por trás do protagonista desumano.

Ao contrário, em **Dom Casmurro** autor e personagem parecem se fundir em simpatia e empatia perfeitas, até porque o modo narrativo escolhido, além de ser na primeira pessoa, é enfeitado por digressões, alusões, citações e elucubrações tidas como “literárias”, e que, no entanto, tornam a narrativa pedante, arrastada, cansativa e, numa palavra, tediosa. A menos, claro, para quem cresceu ouvindo que Machado de Assis é um gênio e **Dom Casmurro** uma obra-prima, e, obediente às convenções como também é Bentinho, lê com o espírito pronto a concordar letra por letra com tal julgamento tão corrente que se tornou também uma convenção.

Relerei **O alienista**, que na juventude me pareceu instigante e crítico, o contrário do espírito conformado e da narração tediosa de **Dom Casmurro** e **Brás Cubas**. Mas não posso deixar de me parabenizar por não ter lido **Dom Casmurro** nem no colegial nem na faculdade, para trabalhos escolares que consegui enrolar ou assinar grupalmente. Nas duas oportunidades, foi porque achei a narrativa muito tediosa, num tempo em que lia Melville, Faulkner, Hemingway, Graciliano, Erico, Escorza, Guilhén, Henry James e Henry Miller, entre muitos outros.

Depois fiquei curioso de ler **Dom Casmurro** desde que, há duas décadas, numa praia, conversei com um engenheiro alemão, casado com brasileira, que estava lendo (com um dicionário e a metódica aplicação dos alemães) o livro do “maior escritor brasileiro”, para entender nossa cultura, e me questionou confuso:

— Mas ninguém acha ruim um herói tão sem caráter e uma narrativa tão enrolada?

Recentemente, graças a uma salmonela, tive tempo de ler muitos livros seguidos, inclusive os dois de Machado e... Há passagens, sim, há passagens destacáveis, como a do almoço, em **Brás Cubas**. Mas, de resto, são o tipo de livro que se deve manter longe dos colegiais, ou indicar que leiam mas, com tantas ressalvas críticas e éticas, que eles certamente perguntarão:

— Mas se é assim, por que devo ler isso?

Professores, pais e cidadãos de bom senso: vossos filhos não perdem nada se não lerem **Dom Casmurro** e **Brás Cubas**. Se ética é o que falta em nossa civilização, falta de ética é o que sobra nesses dois romances. E não venham dizer que Machado pretendeu nos oferecer um retrato crítico da sociedade de seu tempo

através de seus protagonistas dândis e eticamente monstruosos. Ao contrário, o que parece oferecer claramente é uma visão do homem que ele mesmo gostaria de ter sido, se não tivesse nascido mulato e pobre.

Lendo com meus olhos, pensando com minha cabeça e julgando com meus valores, “nosso maior escritor”, nos seus livros tidos como melhores, para mim é uma lástima. No entanto, o artista (como todos nós) pode ser mais de um. Relerei **O alienista**, com a prévia impressão de que, justamente por ser agudamente crítico, é o livro que deveria estar nas relações dos vestibulares, mas que, por isso mesmo, não está. (Se a impressão se confirmar, pedirei a este jornal que troque para **O alienista** o título de um de seus cadernos...)

Nossa elite intelectual de direita gosta de enganar, a de esquerda gosta de ser enganada, e no caso de Machado as duas estão de acordo. Por mim, como o bêbado da peça **O rinoceronte**, de Ionesco, mesmo que todos (menos Millôr) continuem a dizer que **Dom Casmurro** é a obra-prima de um gênio, continuarei a dizer: — Não! Eu resisto!

## Quem merece tal história?

**Dom Casmurro** começa com o narrador Bentinho (depois de dois capítulos para dar título à obra e para comunicar que escreverá sobre sua própria vida) lembrando que, adolescente, ouviu o agregado José Dias prevenir sua mãe de que ele andava “metido nos cantos” com a vizinha Capitu, o que podia comprometer os planos de ser enviado ao seminário para ser padre.

Os fatos se embaralham com volteios, firulas e apreciações sobre personagens, que pouco acrescentam à história, e depois de 40 páginas ainda estamos com



Bentinho atarantado com a descoberta, pela boca de outro, de que está amando Capitu... Vê que Capitu escreve seus nomes num muro, sinal de paixão. E Capitu o convence a pedir a José Dias que peça a sua mãe para estudar Direito, em vez de entrar para o seminário. O rapaz não consegue tomar decisões quanto ao próprio destino, manipulável e fraco como um boneco.

Promete “rezar mil padre-nossos e mil ave-marias, se José arranjar que eu não vá para o seminário”... Mas lembra que já tem promessas não cumpridas... E acaba pedindo a José Dias que peça a Dona Glória dispensa da promessa de enviar o filho ao seminário. Para isso, acena ao agregado com a possibilidade de ser seu acompanhante nos estudos na Europa. Mas logo em seguida já revela ao leitor que tinha mesmo era vontade de continuar no Rio, “a Europa era muito longe, muito mar e muito tempo”.

Conta a Capitu a conversa com o agregado, e ela pede detalhes, confere, “pois Capitu era Capitu, isto é, uma criatura muito particular, mais mulher do que eu era homem”... (o que endossa a opinião de Millôr Fernandes de que é Bentinho é gay). Noutros dias, Capitu insiste em ver resolvida a situação, com que Bentinho se conforma. Mas, depois que se beijam, ele se orgulha: — Sou homem!

Continua, porém, sem enfrentar o desejo da mãe, a quem até pergunta quando irá para o seminário... E, quando ela o tranqüiliza de que logo gostará de viver lá, ele diz: — Eu só gosto de mamãe. E “esclarece” ao leitor: “Não houve cálculo nesta palavra, mas estimei dizê-la, por fazer crer que ela era a minha única afeição: desviava as suspeitas de cima de Capitu”. Mentira e dissimulação vão se mostrando esteios do caráter de Bentinho, para quem “a mentira é, muita vez, tão involuntária quanto a transpiração”, mas tudo se desculpa porque “as contradições são deste mundo”.

Acaba revelando à mãe que não tem vocação para padre, mas “repreendeu-me sem aspereza, mas com alguma força, e eu tornei ao filho submisso que era”. Conta o fato a Capitu, que, “com um gesto cheio de graça, bateu-me na cara, sorrindo, e disse: — Medroso!” Ao escárnio Bentinho reage... dizendo que “afinal de contas, a vida de padre não era má”... Capitu tripudia, contando como bem se vestirá para a primeira missa dele, ao que ele replica pedindo duas coisas: que ela se confesse com ele padre, e que também seja ele o padre a officiar o casamento dela. Ao que ela responde que só pode prometer outra coisa: “que há de batizar o meu primeiro filho”. Momoqueios maiores nem mesmo nos romances românticos de Alencar.

Mas se reconciliam, e Bentinho a faz prometer que com ele se casará quando voltar dos estudos... no seminário! — para onde vai com a esperança de agradar a mãe mas de não acabar padre finalmente, dando-se o prazo de dois anos para a experiência vocacional, com o que a mãe concorda. A procrastinação

Em **Dom Casmurro**, autor e personagem parecem se fundir em simpatia e empatia perfeitas, até porque o modo narrativo escolhido, além de ser na primeira pessoa, é enfeitado por digressões, alusões, citações e elucubrações tidas como “literárias”.

Professores, pais e cidadãos de bom senso: vossos filhos não perdem nada se não lerem **Dom Casmurro e Brás Cubas**. Se ética é o que mais falta em nossa civilização, falta de ética é o que sobra nesses dois romances.

Capitu pede a Bentinho que prometa que há de batizar o seu primeiro filho. Momoqueios maiores nem mesmo nos romances românticos de Alencar.

é outro esteio do caráter de Bentinho.

Despedindo-se do pai dela, ele lhe dá de lembrança um cacho de cabelos, que tinha cortado para dar a ela mas... Vai para o seminário confiando que José Dias, em um ano, convencerá a mãe de que melhor destino é a Europa e o estudo de medicina... No seminário, conhece o esquivo Escobar, para quem “a princípio fui tímido, mas ele fez-se entrado em minha confiança. (...) Escobar veio abrindo a alma toda” e “como as portas (da alma) não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las e Escobar empurrou-as e entrou. Cá o achei dentro, cá ficou”... A relação entre os dois é resumida nessas penetrantes ou penetratórias imagens.

Bentinho deixa-se enrolar por José Dias, com vagos planos de futura viagem à Europa, enquanto, em visita à casa da mãe, representa, em cumplici-

dade com Capitu, que um dia será padre e até a casará, para que não desconfiem do namoro secreto. E assim vai Bentinho aprimorando seu caráter...

### O mundo do trabalho

Capitu vê Bentinho e Escobar em “despedidas tão regadas e afetuosas”. Bentinho tem ciúme de Capitu que da janela troca olhar com um cavaleiro da rua, e fica com ganas de ser mesmo padre, claro, com tão firme caráter... Mas volta a se reconciliar com Capitu, que ganha crescente simpatia da futura sogra e também “ia crescendo às carreiras, as formas arredondavam-se e avigoravam-se com grande intensidade; moralmente, a mesma coisa. Era mulher por dentro e por fora”, cuidando de uma amiga doente. Já Bentinho, só a custo e só graças à própria fraqueza de caráter, concorda em visitar um amigo recém-falecido, destilando cinismo: “Por que morrer exatamente há meia hora? Toda hora é apropriada ao óbito”.

Mas pensa em ir ao enterro no dia seguinte, porque assim “não iria ao seminário e podia fazer outra visita a Capitu”. Vai pedir isso à mãe, que não consente, com o que fica amuado, mas disso logo passa, tal a leveza de caráter do nosso herói, que parece amar mais ser conduzido do que conduzir-se. Recebe a visita de Escobar, “que durante cerca de cinco minutos esteve com a minha mão entre as suas”... Ao amigo conta, assim casualmente, que a mãe tem casas e escravos de que o filho mal sabe... Bentinho vive da mãe, que vive da herança do marido. O mundo do trabalho passa longe da obra-prima de Machado de Assis.

José Dias conta a Bentinho que a mãe está disposta a consentir que ele deixe o seminário, desde que vá a Roma... pedir a absolvição ao papa! Mas Capitu tem idéia melhor: que, para pagar a promessa, a futura sogra dê à Igreja algum “mochinho órfão” a ser ordenado à sua custa... com o que, claro, prontamente concorda nosso nobre Bentinho. Escobar também deixa o seminário, e Bentinho vai estudar Direito.

Escobar casa com Sancha, a amiga de Capitu. E Bentinho e Capitu se casam, Escobar ajuda Bentinho a conseguir clientela, Escobar tem uma filha, e depois Bentinho e Capitu têm o seu, Ezequiel. Mas o menino cresce, tem mania de imitar pessoas, às vezes até parecendo o padrinho Escobar... E a mãe de Bentinho deixa de visitar o casal... enquanto José Dias chama o menino de “filho do homem”, e o menino tem de Escobar gestos, modos e risos que Capitu procura repreender.

Mas é olhando um retrato de Escobar na escrivaninha de trabalho, e a dedicatória ao “querido Bentinho”, que Bentinho se sente “fortalecido” nos pensamentos... Escobar, porém, morre afogado no mar. E “os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva”. No enterro, Bentinho lê um discurso “obrigado a dizer e dizia mal (...) temendo que me adivinhassem a verdade”. Que verdade? Tudo é mal desvelado, tudo dissimulado, como o caráter, claro, do protagonista narrador, que mal se reve-

la às próprias memórias.

Bentinho torna-se melancólico... até porque o filho Ezequiel vai se tornando um Escobar redivivo. Bentinho confessa ter sentido ganas de matar mãe e filho, mas... acaba é colocando o filho num internato, solução típica de seu caráter: afastar o problema. Que, quando visita os pais, é “um Escobar mais vivo e ruidoso”, de quem Bentinho procura manter distância, passeando “pela cidade e arrebalde do meu mal secreto”.

Bentinho, então, pensa em se matar, compra veneno, mas vai ao teatro ver o suicida Otelo e resolve que Capitu é quem deve morrer... Em casa, já resolve novamente se matar, escreve cartas de despedida. Lembra que Capitu leu Platão antes de se matar, e então lê também, e amanhece, e o criado traz café, que ele quase bebe com o veneno, quase dá a Ezequiel... tudo quase. Dom Casmurro é quase uma celebração da vacilação e da pusilanimidade, e “quase” apenas porque tais qualidades não comportam celebração.

Mas, depois de quase envenenar o menino que o chama de pai, beija-lhe “doidamente a cabeça”, enquanto tem finalmente a coragem de dizer “eu não sou teu pai!” (Ufá! Finalmente um enfrentamento dos fatos, que continua com Bentinho acusando Capitu de infidelidade, embora com meias palavras indiretamente narradas, claro, “não disse tudo”. “A separação é coisa decidida” — resolve — e “era melhor que a fizéssemos por meias palavras ou em silêncio”. Bentinho é o arquétipo da dissimulação.

Com a separação, Bentinho deixa de lado o suicídio. E, indo à Europa, deixa Capitu e Ezequiel na Suíça! “Assim regulada a vida”, volta ao Brasil. Retorna duas vezes à Suíça, “com o intuito de simular” (...) “como se acabasse de viver com ela” e “enganar a opinião” (das pessoas).

Morrem-lhe a mãe e José Dias, e manda demolir a velha casa da mãe, construindo outra igual em outro bairro... metáfora da tentativa de recuperar o passado. Até que, um dia, recebe a visita de Ezequiel, “o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar”, em luto por Capitu. Faz o rapaz esperar na sala, até se lembrar “que cumpria ter certo alvoroço e correr, abraçá-lo”. Bentinho não tem personalidade, é um títere das convenções sociais.

Custeia viagem arqueológica de Ezequiel ao Egito, onde o rapaz morre de doença. Ao saber da notícia, Bentinho arremata capítulo: “jantei bem e fui ao teatro”. No fim, solitário e amargo a ponto de ganhar o apelido de Dom Casmurro, Bentinho conclui: “é a suma das sumas (...) que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me...”

Enfim, a história de um anti-herói, ou melhor até, um des-herói, tão sem caráter que não chega a tomar consciência de que é homossexual, torna-se corno e até para se vingar é sub-reptício. O tipo de história e de protagonista que nenhum colegial merece. ❶

**A empresa é sua.  
O planejamento é nosso.**

**Controle Assessoria Contábil.**  
Tranquilidade na ponta do lápis.



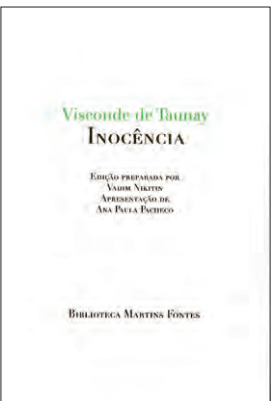
## PRATELEIRA

### TAUNAY, COMO SCOTT

Logo após o lançamento de **Inocência**, em 1872, o jornalista Francisco Octaviano, empolgado pelo sucesso do livro do Visconde de Taunay, escreveu que a obra certamente teria vida longa. “Do mesmo modo que se pode, ainda hoje, viajar à Escócia com as novelas de Walter Scott por guias”, completou. Interessante previsão, mesmo quando sabemos que, já naquela época, **Inocência** se tornava um grande *best seller*, nacional e internacional, ganhador de diversas traduções estrangeiras. É como se a descrição irônica que o romance faz de sua protagonista valesse também para a peça literária: “É moça muito bela... Digna de ser vista na Europa”. Trata-se do idílio trágico entre Cirino, técnico de farmácia auto-intitulado médico, e Inocência, caipirinha ingênua metida nos sertões mato-grossenses. Prometida pelo pai a outro homem, tudo indica que os amantes (assim como seus ancestrais mais óbvios, Romeu e Julieta) enfrentarão problemas graves. A escrita de Taunay — filho de franceses, militar, engenheiro, músico, pintor, monarquista, conservador e abolicionista — é precisa ao reconstruir a paisagem local e a rígida moral do patriarcalismo rural brasileiro do século 19.



Reprodução



**Inocência**  
Visconde de Taunay  
Biblioteca Martins Fontes  
322 págs.

### TRÊS MARGENS



**Angola e Moçambique**  
— Experiência colonial e territórios literários  
Rita Chaves  
Ateliê Editorial  
302 págs.

Se culturalmente entendermos Angola e Moçambique como duas grandes margens do continente africano, enxergaremos o Brasil como uma terceira margem dessa mesma África — enorme, subestimada, desconhecida e lusitana. Compreender isso seria, na visão da estudiosa Rita Chaves, “abrir os olhos a matrizes que nos compõem, que interferem em nosso modo de ser, em nossa forma de estar no mundo”. Algo urgente, portanto. Essa descoberta, assim como a destruição do clichê que ainda pinta a África como um imenso safári, é um dos principais objetivos do livro **Angola e Moçambique — Experiência colonial e territórios literários**, que reúne vários ensaios de Rita sobre a literatura produzida nesses dois países. A autora é professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da USP.

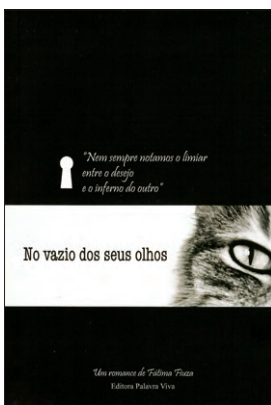
### ALÉM DA ESPLANADA



**Com o céu entre os dentes**  
Kido Guerra  
Geração Editorial  
110 págs.

Existe uma literatura tipicamente brasileira? Com essa questão, recorrente nos círculos literários da capital da república, o jornalista Kido Guerra diz não se preocupar. Para ele, nascido em Brasília há 45 anos, mais impressionante foi notar, após quase uma década de ausência, que a cidade em que nasceu não existe mais. Cresceu juntamente com sua geração, nos anos 70, tornando-se, para muitos, um mero símbolo estereotipado, um antro onde se multiplicam os políticos corruptos e os funcionários públicos. Há mais que isso, é claro. E, sem dúvida, houve mais que isso. Foi entre a nostalgia, o documental e a memória que Guerra escreveu os contos e as crônicas de seu livro **Com o céu entre os dentes**, um retrato do Distrito Federal de 30 anos atrás.

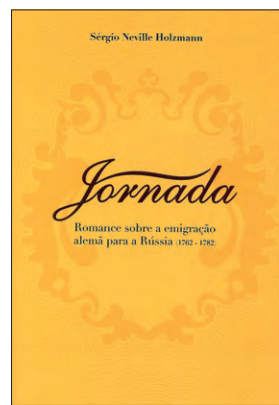
### DESEJOS E INFERNOS



**No vazio dos seus olhos**  
Fátima Fiuza  
Palavra Viva  
221 págs.

Parecem cada vez mais comuns os casos em que a felicidade de alguém causa profundo mal-estar às pessoas que o cercam, em especial às mais próximas e supostamente queridas por ele. A busca pela felicidade — tão banalizada pela literatura de auto-ajuda — ou, antes, o fracasso de tantos ao buscar essa felicidade serve de mote à escritora e psicóloga Fátima Fiuza, em seu romance **No vazio dos seus olhos**. A obra conta a história de insucessos de Maria, uma fotógrafa reprimida pelo medo e por sua rígida educação moral e religiosa. A violência emocional a que se submete é a regra básica para todos os seus relacionamentos, algo tão subliminar que mal se deixa perceber e, mesmo assim, compromete gravemente suas relações sociais.

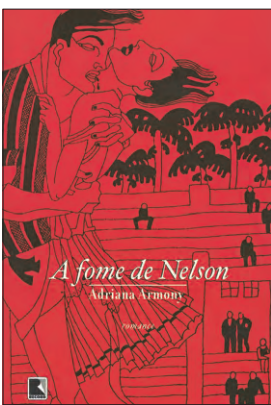
### NA ESTRADA



**Jornada — Romance sobre a emigração alemã para a Rússia (1762-1782)**  
Sérgio Neville Holzmann  
Edição do autor  
434 págs.

Quando os alemães do Volga chegaram ao Brasil, no século 19, encerravam o segundo grande e penoso processo de emigração por que passavam em pouco mais de cem anos de provações. O primeiro, ocorrido na segunda metade do século 18, dizem ter sido ainda pior. É dele que trata o volumoso **Jornada**, primeiro da lavra do empresário paranaense Sérgio Neville Holzmann, mais conhecido por já ter ocupado a vice-presidência do Citybank em seis países. Holzmann também foi vice-presidente da Electronic Data System e presidente da ACI Worldwide e, hoje, dirige sua própria empresa de softwares, a Omnia. O autor, membro da quarta geração de alemães do Volga nas Américas, também é contista e pianista.

### CRIME E CHICABON



**A fome de Nelson**  
Adriana Armony  
Record  
112 págs.

Para a carioca Adriana Armony, é fácil precisar de onde vem a comicidade dos textos de Nelson Rodrigues, misturada a seu aspecto híbrido de tragédia atemporal e crônica de costumes. É que Nelson, diz ela, via “tragédia grega num Fla-Flu” e “felicidades sublimes num Chicabon”; além disso, “sofria torturas íntimas diante de um prato de salgadinhos com guaraná”. Apaixonada pela obra rodriguiana, Adriana é autora da tese de doutorado pela UFRJ **Nelson Rodrigues, um leitor de Dostoiévski**. Procurando a melhor maneira de publicá-la, optou pela adaptação ficcional. Assim, em seu livro de estréia, **A fome de Nelson**, ela o põe como protagonista de um típico romance de formação. Do ponto de vista de um narrador internado no mesmo sanatório em que Nelson tratou sua tuberculose, recria-se livremente parte da biografia do escritor e dramaturgo.



### TRECHO DE A FOME DE NELSON

“Só três internos pareciam não gostar de Nelson: um era Luciano, o da primeira vaga de indigente; o segundo era Carlos Roberto ou, por extenso, o ‘seu’ Carlos Roberto, uma espécie de Rockefeller do Sanatorinho, que desfrutava de grande respeito entre os doentes — ou seria temor? De qualquer forma, todos lhe deviam alguma soma em dinheiro, que anotava escrupulosamente num caderninho preto e enebado. Nelson ainda não lhe devia nada, o que o colocava num patamar desconhecido. Com toda a arrogância que pode haver na piedade, Carlos Roberto perdoava as dívidas de muitos; e aqueles que lhe pagavam em dia recebiam menos afagos que os endividados crônicos, que o seguiam com olhos de cão fiel. Por fim, havia Onofre, ou dr. Onofre, um senhor de meia-idade com ares de poeta parnasiano que de vez em quando balançava a cabeça como a dizer que o mundo estava perdido. [...] Se dr. Onofre dizia que não podia haver amor onde houvesse traição, Nelson comentava casualmente e até candeidamente que a pior coisa era a virtude ressentida.”

## VIDRAÇA

Divulgação



### Mago vai cozinhar em novo caldeirão

Há três anos, a Rocco pagou R\$ 600 mil a Paulo Coelho para resgatá-lo da Objetiva e novamente garantir o direito de publicar seus livros no Brasil. Muito dinheiro, grande investimento. Nesse tempo, a editora certamente deve ter faturado bem mais que isso. E espera-se que tenha feito bom proveito. Porque a Planeta tomou-lhe o homem. Mais uma vez, o espiritualíssimo mago trocou de editora em seu país natal. Agora, quem cuidará da obra de Coelho — pelo menos no que se refere a 14 de seus títulos já lançados — é a megaeditora espanhola. E o valor do passe do sujeito subiu muito: na negociação, ele teria embolsado, de pronto, 800 mil dólares. Melhor ainda: o novo contrato não o obrigaria a escrever uma linha sequer. Paulo Coelho foi o segundo escritor mais vendido no mundo em 2005. Perdeu para J. K. Rowling e ganhou de Dan Brown.

### Morre Oscar Dias Corrêa

No dia 30 de novembro, morreu, aos 84 anos, o escritor e magistrado mineiro Oscar Dias Corrêa, ex-ministro da Justiça do governo José Sarney e ocupante da cadeira número 28 da Academia Brasileira de Letras. A morte de Dias Corrêa ocorreu na véspera do lançamento de seu último livro, **Viagem com Dante**, editado pela Topbooks e pela ABL.

### E os vivos...

E nem bem se foi um imortal, já se mobiliza o mundo literário, quase que insensivelmente, em *lobbies* e diz-que-diz-ques Brasil afora, buscando novos candidatos à nossa academia. O nome da vez é Ziraldo. Dizem.

### Mão na roda

Ser elegante é ser culto. Se você não for culto, você é o quê? Um coitado, provavelmente. Para evitar que pensem isso de você, vale qualquer esforço. Até ler livros velhos, assistir a filmes russos e comprar dezenas de discos de jazz e MPB. Tudo bem, até aí. Mas como saber quais obras são as mais indicadas para o consumo dos tantos candidatos à elegância? Sem problemas: o livro **Cultura & elegância**, organizado por Jaime Pinsky e editado pela Contexto, resolve isso para você. Com muita graça e donaire.

### Mau exemplo

Entre os consultores de cultura e elegância recrutados para o livro de Pinsky, está o escritor e jornalista Daniel Piza. Escolhido para a difícil tarefa de eleger as obras literárias não-ficcionais mais fundamentais do mundo, deu péssimo exemplo aos seus garbosos leitores. Na sua lista de títulos indispensáveis, ali entre os **Ensaio**s, de Montaigne, e **O príncipe**, de Maquiavel, está **Waal — O dicionário da corte de Paulo Francis**. Piza só esqueceu de citar que foi ele o organizador do volume. É aí que mora o perigo: leitores mais cínicos podem supor que ele estaria simplesmente fazendo propaganda de seu trabalho. O que seria bastante deslegrado.

### Sonora

Acompanha o oitavo número da revista *Sibila*, organizada por Regis Bonvicino, um CD de leituras de poemas realizadas por Allen Ginsberg, Philip Glass, Ezra Pound e Enzo Minarelli, entre outros. *Sibila* também publica, nessa edição, textos de Furio Lonza, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Franchetti. 7



# ASSINE PEL AMOR DE DEUS.



Nem só de literatura vive o homem.  
Assine o Rascunho e ajude a mantê-lo vivo e independente.  
Seis meses por apenas R\$ 30,00.

41 3019 0498 - [rascunho@onda.com.br](mailto:rascunho@onda.com.br)





# MUSA DECADENTISTA

## A vingança da fêmea furiosa

**SALOMÉ** de Menotti Del Picchia, apesar de apresentar matizes simbolistas wildeanos, preserva o tom prosaico do autor

NELSON DE OLIVEIRA • SÃO PAULO – SP

Segunda de três partes

*O tédio mordente roía a alma de Santa. Tinha raiva de todos: do marido, de Sara, desse pedante Verger que se dava arres de gênio perdido na taba de zulus. “Ele deve estar pensando: Ces sales brésiliens, ces grotesques sauvages...” Pensou em sair. Aonde iria? Percebeu que sua vida era um charco de tédio do qual não a defendiam seus nervos desmantelados. Então pensou em Salomé. Dividiu seus sentimentos entre a preocupação irritada pelo silêncio da filha e a estranha prevenção, a quase repulsa da sua própria feminilidade estéril e inútil contra a alegria juvenil de que a sabia dotada. Nesse instante pareceu-lhe que o mundo havia morrido e ela, Santa, era um cadáver.*

Essa matrona fria e rancorosa não encontra bálsamo para sua angústia. Os saras literários a que se vê freqüentemente convidada, repletos dos modismos estéticos recém-chegados da França, dão-lhe nojo. Aqui, caberia um parêntese: apesar de ter sido publicada em 1940, a novela mostra tais reuniões, sempre regadas a vinho importado, de maneira ingênua, como se o período retratado não fosse justamente o do fim das vanguardas em todo o mundo civilizado. Assim, é com demasiada pompa que os *vanguardistas* apresentados por Menotti, durante as festas da alta sociedade, ficam a expor, como se fossem o supra-sumo da originalidade, idéias já preconcebidas e desgastadas.

De qualquer maneira, a imagem que fica não deixa de corresponder, guardando as devidas proporções, ao espírito de chacota que certamente comandava a recepção das novas concepções estéticas, que desvirtuava o real valor de movimentos de renovação, como o futurismo, o surrealismo, o cubismo, o dodecafonismo, assim que punham o pé neste pedaço do Novo Mundo. Apesar do pendor para os formatos tradicionais, tanto em poesia quanto em prosa, senso de humor não faltava a Menotti (talvez devido à convivência com Oswald), que, mesmo tendo sido uns dos pioneiros do modernismo no Brasil, não se cansava de ridicularizar certas facções mais ortodoxas do movimento que ajudara a colocar na rua. Otávio, durante uma reunião social, tenta convencer Jarbas, diretor artístico de uma emissora de rádio, a viabilizar seu mais novo e revolucionário projeto de vanguarda:

— Aqui está — suspirou, olhando para seus documentos. — Isto é o fruto de vários meses de meditação e observação. Corri vários bairros para estudar os vários tipos de ouvintes. Cheguei a conclusões imprevistas que reuni para uma conferência que pronunciarei no Círculo de Arte.

— Mas, vamos homem! Do que se trata?

— Disto. O primeiro programa constará de quinze minutos de silêncio absoluto.

Cotti não segurou a gargalhada. Otávio olhou-o furioso.

— O silêncio é o negativo do som. Destino-o, pois, aos ouvintes para que gravem nele as músicas recalçadas que trazem no subconsciente. É a liberação do potencial harmônico individual, uma sublimação, enfim, o surrealismo acústico. Novo! Absolutamente novo. (...) O segundo programa vai ser composto de quinze negros de bairro dos mais brancos poderão urrar, gemer, ganir à vontade junto do microfone. Serão o desencadeamento musical do instinto e da combinação casual dos sons interjetivos. Isso é para se obter o que denomino a sinfonia animal, ou seja, a pura música primária, a mais representativa, a mais documental, a mais expressiva de todas as músicas. (...) No terceiro programa já entram instrumentos musicais conjugados com vozes humanas e ruídos naturais. O Cotti com o piano e o Eduardo com seu canto poderão tomar parte. O resto será obtido com latas de querosene, um sino, um galo, duas bombas dessas pequenas que os moleques soltam nas festas de São João. Será a combinação da música racional com ruídos artificiais e naturais. A integração do complexo sonoro. Uma experiência para a descoberta das novas combinações cromáticas de alto alcance para o enriquecimento das possibilidades orquestrais... Que tal?

A primeira parte encerra-se com a vitória do conservadorismo nada mais nada menos do que nas três frentes em que combateu. Na primeira frente, Marina, sujeitando-se aos desejos da mãe, casa-se contra a vontade com McGregor. Fora-lhe impossível transcender a condição de carne para abate, de animal de reprodução, destinada aos prazeres do homem escolhido pela família. Menotti, mais uma vez, não soube escapar do lugar-comum. Ao invés de recorrer a figuras como Clitemnestra, Medéia e Lady Macbeth, modelos mais compatíveis com a mulher de nosso século, preferiu lançar mão do “melodrama feminista, estridente, do macho opressor e da mulher vítima, vindo diretamente das fitas baratas de vilões a cofiar bigodes e donzelas aos gritos, amarradas no trilho do trem”. A perda da namorada leva Eduardo a uma tentativa baldada de suicídio, como se fosse possível a João Batista decapar a própria cabeça. No início da novela, Zuleika, melhor amiga de Marina, já a havia questionado — de forma maniqueísta, é claro; sem nenhum aprofundamento, com pouca consciência histórica —, a respeito do papel da mulher na sociedade que se instaurava. Zuleika é sexualmente agressiva, porém destituída de qualquer talento intelectual. Nas palavras que dirige a Marina, sem que ambas se dêem conta disso — o autor optou por mantê-las na in-



**MENOTTI DEL PICCHIA:** vitória do conservadorismo.

consciência, guardando para Salomé as infinitas variações sobre o tema — é possível vislumbrar o desejo de voltar “às verdades pagãs”, como diria Camile Paglia em *Vampes e vadias*, ou seja, de procurar no modelo greco-latino, e em outros mais antigos ainda, regras de comportamento sexual mais flexíveis do que as do modelo judaico-cristão, estreitamente vinculadas com a reprodução.

— Você é boba, Marina. Não sabe viver. Precisamos tirar deste mundo o nosso prazer. Os tempos mudaram. A mulher também tem direito à liberdade.

Marina não respondeu.

— Você precisa libertar-se dessas caraminholas sentimentais. Precisa ser mais objetiva, mais realista. Por que só os homens podem ter sua garçonneière, gozar a vida? Nós também não somos criaturas humanas? Há muitas formas de realizarmos nosso prazer sem correr nenhum risco.

A frivolidade de Zuleika, cuja superficialidade migrara para compor certa faceta de Salomé, assemelha-se à da personagem mais famosa de Benjamin Costallat, Rosalina, menina-moça que já em 1924, no romance *Mademoiselle Cinema*, causava escândalo ao confessar às suas amigas:

“Cada toalete decotada, bem decotada, traz-me três flertes novos. Quando o decote é bem escandaloso, braços inteiramente nus, espáduas nuas e o busto é tão visível sob a seda como se estivesse inteiramente despido, aí chego a conseguir cinco ou seis flertes novos e imprevistos, sendo dessa meia dúzia quase sempre um homem casado austero e um nome nacional nas Letras, nas indústrias ou na política! [...] O vestido de baile também tem suas vantagenszinhas...” E essas meninas de família do nosso século faziam os seus cálculos de conquista, a soma de novos admiradores adquiridos, o balanço de seus conquistados, como prostitutas entre si recapitulando, extenuadas, um dia de labor sexual.

Na segunda frente, exasperada com o excessivo liberalismo da filha no Velho Mundo, dona Santa consegue obrigar Salomé, mesmo sobre protestos, a retornar ao Brasil. Aqui, pela primeira vez, aflora a Salomé simbolista, de matizes wildeanos, porém mais contidos, cuidadosamente adaptados ao tom prosaico característico do estilo de Menotti.

Na terceira, padre Nazareno é afastado de sua paróquia, devido a intrigas e futricas de pés-rapados que, mesmo depois de terem recebido dele todo o tipo de ajuda, o detestam. Tão cristão quanto o próprio Cristo, por isso mesmo não deixa de acreditar, apesar dos reveses, na pureza dos miseráveis. No fatídico momento do afastamento, apesar de não chegar a clamar aos céus: “Pai, perdoa-os, pois não sabem o que fazem”, perpetra ato pior: atira no rosto de seu bispo, de maneira compungida, o mais populista dos discursos, antes de se encaminhar estoicamente para o novo endereço.

Finalizada a primeira partida, dá-se a mudança de posições no tabuleiro. Salomé, coronel Antunes e dona Santa seguem para a fazenda, a fim de se manterem distantes do ambiente corrosivo da metrópole; Eduardo, paralelamente, vai hospedar-se na casa de Totônio,

capataz de coronel Antunes, onde espera encontrar no campo as condições paradisíacas de que necessita para se restabelecer; e Nazareno, por seu turno, é nomeado para a paróquia da vila de Saquarema, a poucos quilômetros da mesma fazenda. Herodes, Herodias, Salomé e João Batista, finalmente reunidos, heróico espaço: o campo, local de per si das verdades pagãs.

**Campo versus cidade**

A segunda parte, também dividida em seis capítulos, ocupa-se unicamente dos protagonistas e desenvolve-se tendo apenas dois panos de fundo: a vila e a fazenda. Para descrever a vidinha provinciana, condicionadora de homens sem brilho, nem bons nem maus, Menotti beneficiou-se largamente dos anos de juventude passados na fazenda da família, em Itapira, interior de São Paulo. Foi de lá que tirou o cenário humano que se espalha por sua obra, cenário de espetáculo circense — pedaço de lona toscamente decorado com árvores e casas humilhadas —, composto de tipos *naïves*, caboclos de pouca expressão porém muito joviais, que, por contraste, dão brilho à Salomé, dona Santa e Eduardo. Uma vez na fazenda, cercados de mata por todos os lados, as personagens remanescentes entram em contato com as forças irremediáveis da natureza. Não à toa padre Nazareno é escalado para ficar na vila, distante dos cipoais, do labirinto de troncos, dos rios e de tudo que possa contaminar-lhe a boa disposição judaico-cristã.

Menotti passa, então, a reelaborar o tradicional contraste retórico entre a vida urbana, turbulenta e sem aura, e a campestre, prenhe de misticismo e de epifanias. Na verdade, como estranhos em terra estranha, Eduardo, Salomé, dona Santa e coronel Antunes, ao se postarem distantes da capital, nem por isso passam a se integrar ao campo, pois não pertencem a ele, por serem gente demasiadamente encharcada de civilização. São visitantes, não aborígenes. São os suburbanos aos quais se refere Raymond Williams em *O campo e a cidade*:

*A vida fervilhante, de lisonja e suborno, de sedução organizada, de barulho e tráfego, com ruas perigosas por causa do ladrões, com casas frágeis e amontoadas, sempre ameaçadas de incêndio, é a cidade como algo autônomo, seguindo seu próprio caminho. Assim, refugiar-se desse inferno no campo ou na costa já é uma visão diferente do simples contraste entre a vida rural e a urbana. Trata-se, naturalmente, de uma visão de rentier. O campo fresco no qual o poeta se refugia não é o do agricultor, e sim o do morador desocupado. [...] Idealiza-se não a economia rural, do passado ou do presente, mas sim uma casa de campo comprada, ou um “encantamento refúgio na costa”, ou mesmo “uma árida ilha costeira”. Isso, portanto, não é um sonho rural, e sim suburbano. E se coloca em reação direta à concorrência interna da cidade: a ascensão do advogado, do comerciante, do general, do cáfeten e do proxeneta; o fedor do status e do lucro; o barulho e os perigos de viver numa aglomeração.*

Nesse clima edênico, os sentimentos belicistas de dona Santa, com relação à filha, se agravam, evoluindo para um estado de morbidez típico dos anais da psicanálise. Santa passa a acompanhar com curiosidade e atenção clínicas o progresso da obsessão que a corrói. A situação insustentável vai sendo levada a seu modo, em banho-maria: Herodias fustiga Salomé aqui e ali, com rituais de posse de seu território e com afirmações do domínio sobre o corpo e a vontade da filha. De forma sub-reptícia torna-se demônio, incubo, e devagar, como quem não quer nada, vai tomando posse do que julga ser seu por direito, vai assumindo o total e despótico controle do casamento e da liberdade dos que lhe estão próximos.

A trama adensa-se, envereda por um funil. Eduardo, obviamente sem o querer, fazendo jus a seu perfil de bode expiatório, desperta em dona Santa uma paixão secreta, irresistível. A mulher já não consegue conciliar o sono, já não tem mais nenhum sossego, vê-se atormentada pela lascívia, pelo desejo de possuir e ser possuída pelo homem jovem que ele é.

O mesmo se dá com Salomé em relação ao padrasto. Coronel Antunes passa a espreitá-la, a admirar-lhe o corpo de amazona, quase desnuda, que passeia pela fazenda, embrenha-se na mata e banha-se no rio. Ela, por seu turno, funde-se na paisagem bucólica como verdadeira camaleoa. Não sente falta da metrópole, da sucessão alucinada de estímulos, da pressa inútil de cérebros maníacos. Sente-se bem dentro da completa imobilidade das árvores e das cachoeiras. Gosta da horizontalidade do mata, em torno do qual as passas permanecem estáticas, aguardando que a vida passe por elas, poupando-lhes o esforço de ir ao encontro de sua inutilidade e de seu vazio. Aliás, “inutilidade” e “vazio”, termos caros aos existencialistas — Salomé foi publicada dois anos após *A náusea*, de Sartre —, perpassa boa parcela da novela, principalmente desta segunda parte. Padre Nazareno agarra-se ao crucifixo, mas por mais que se obrigue à fé não consegue ver nenhuma utilidade na existência; Eduardo, dona Santa e coronel Teodoro se movem como ratos de laboratório numa roda sansárica, tentando realizar desejos que, uma vez satisfeitos, darão lugar a cem outros. Somente Salomé, indo na contramão de seus avatares simbolistas, longe dos paraísos artificiais, realiza-se plenamente ao fundir-se com a natureza, desejo de todo o ser humano ao descer o dia em que os fundadores da raça foram expulsos do paraíso. ●



# DUPLLOS, CLONES, CÓPIAS

No romance **MENINO OCULTO**, Godofredo de Oliveira Neto reinaugura seu estilo de escrever

ALBERTO MUSSA  
RIO DE JANEIRO – RJ



**Menino oculto**  
Godofredo de  
Oliveira Neto  
Record  
222 págs.

Com a publicação de **Menino oculto**, pela editora Record, Godofredo de Oliveira Neto inicia uma nova fase em sua destacada obra de ficcionista. De uma primeira novela — **Faina de Jurema** (1981) —, em que mescla experimentalmente uma diversidade de gêneros discursivos, que vão da poesia ao telegrama, Godofredo passa, com **O bruxo do contestado** (1996), a se inserir na tradição do romance político — ciclo que completaria com mais duas narrativas: **Pedraço de santo** (1997) e **Marcelino Nanmbrá, o manumisso** (2000).

Não se trata de uma trilogia. Num certo sentido, são romances históricos — ou de reflexão histórica, para ser mais exato — porque tentam captar alguns momentos importantes do século 20 brasileiro pelo viés de personagens mal adaptadas às respectivas circunstâncias. No **Bruxo**, é o camponês Gerd Rünnel, vivendo em pleno Estado Novo e sonhando com os ideais que provocaram a Guerra do Contestado, durante a República Velha. Em **Pedraço de santo**, a ação e o tempo se dividem entre o Rio e Paris, para expor o drama de Fábio, exilado brasileiro em plena ditadura militar. No **Marcelino**, trata-se da descoberta do mundo e de suas contradições por um pescador de Santa Catarina, durante a Segunda Guerra e às vésperas da queda de Getúlio.

Após duas felizes incursões

## godofredo de oliveira neto

nasceu em Blumenau (SC), em 1951. É autor de diversos livros, como **Faina de Jurema**, **Marcelino Nanmbrá, o manumisso**, **Pedraço de santo**, **O bruxo do contestado**, **Oleg e os clones** e **Ana e a margem do rio**. É também professor da UERJ.

na literatura “infanto-juvenil” — com **Oleg e os clones** (1999) e **Ana e a margem do rio** (2002) —, Godofredo reinaugura seu estilo de escritor, ao mesmo tempo em que retoma e aprofunda algumas preocupações fundamentais de seus livros anteriores.

A novidade fica por conta da linguagem: estamos longe da prosa lúcida e equilibrada de **Pedraço de santo** e da organização arquitetural de **O bruxo do contestado**. Godofredo optou por um texto que imitiza a língua oral contemporânea, mas que conserva sua estatura literária. Essa forma leve, despojada, se alia a uma estrutura narrativa de planos múltiplos, que não obedece à cronologia dos fatos.

O argumento é simples: Aimoré Seixas, o protagonista, é um português que veio ainda jovem para Santa Catarina. Mas não é uma personagem comum: além de uma inteligência acima da média (foi o primeiro colocado em um concurso público para professor de literatura), de uma memória excepcional (é capaz de recitar páginas inteiras dos principais autores brasileiros), de uma vasta cultura artística (que vai, pelo menos na área musical, do clássico ao popular), Aimoré é capaz de reproduzir perfeitamente telas de grandes pintores. E é em torno de seu envolvimento com negociantes de quadros falsos — que encomendam a ele uma cópia do *Menino morto*, de Portinari — que se dá a ação do romance.

Enquanto é interrogado (e não se sabe exatamente quem são os interrogadores) sobre o

quadro falso, que se acha desaparecido, Aimoré grava numa fita sua história. Num fluxo desordenado, destacam-se alguns episódios: o do cego Baltazar, na baía da Babington, em Santa Catarina, por meio de quem entrou em contato, durante a juventude, com um mundo mitológico e fantástico, constituído pelas histórias do cego, e cuja perda viria a ser fundamental para o colapso da sua noção de realidade; o encontro com um travesti, a quem assassina violentamente; os delírios em que se imagina regente de orquestra, apresentando-se para uma platéia em que figura o próprio compositor da peça executada; e a relação erótica e afetiva com Ana Perena, cujo desaparecimento o transforma de forma irreversível.

Embora estimulada por uma intriga de feição policial, a motivação da leitura (que se faz de um fôlego só) está na decifração da personalidade do protagonista. A medida que o texto avança, ficam visíveis, no discurso de Aimoré, certas impropriedades, certas extravagâncias que se avizinham da loucura. Esse é, me parece, um tema recorrente na obra de Godofredo.

A loucura é, essencialmente, um problema de identidade. Loucos são aqueles que não conseguem obter dos demais indivíduos uma autenticação, um reconhecimento da própria “pessoa”, que se manifesta em atitudes “excêntricas”. O Gerd Rünnel, tomado pelo messianismo visionário que o faz acreditar na ressurreição do Contestado, é uma espécie de louco. O Marcelino Nanmbrá, com o arrebatamento final que o faz se isolar no topo de uma árvore, é outra espécie de louco.

Todos esses textos fazem parte de uma tradição já longa na literatura brasileira, que vem desde *O Alienista* de Machado de Assis e desemboca em romances como **Fron-teira**, de Cornélio Pena, **A lua vem da Ásia**, de Campos de Carvalho, ou **A gaiola de Faraday**, de Bernardo Aizenberg.

Já na fábula do lagarto Olegárcio — ou Oleg —, que se defronta com os clones em que se fragmenta, propõe-se o mesmo problema, embora de maneira diversa. A questão aí não é mais a de uma

identidade não autenticada, mas a da identidade paradoxalmente indistinta, porque perde a condição de única e passa a ser plural. É o dilema dos famosos “duplos” literários, como os de Conrad, Borges, Dostoiévski e Paul Auster.

## Evolução

O que faz de **Menino oculto** um romance singular é a associação entre a loucura de Aimoré e sua vocação de clone — ou duplo. Embora a narrativa tenha diversas idas e vindas no tempo e no espaço, é possível perceber um certo gradiente, uma certa evolução no comportamento do protagonista. Primeiramente, Aimoré reconhece que executa cópias de quadros; depois, rejeita o rótulo de falsário e nega que seus quadros sejam cópias (o que é interessante porque nos leva também a refletir em que medida seriam cópias, se são idênticos aos originais); e finalmente tenta resistir à imitação, à duplicidade, e introduz sutis modificações nas telas, como se buscasse uma auto-afirmação, um espaço pessoal no mundo.

Aimoré passa a ser ameaçado pelos criminosos que lhe encomendam a cópia do *Menino morto* justamente quando entra nesse processo de resistência à loucura e deixa a tela inacabada, como se corresse o risco de se transformar no próprio Portinari. E é nesse embate para conquistar ou reconquistar uma identidade perdida (porque duplicada) que ele decide superar a obra-prima original para “recriar” Portinari.

Este é certamente o mais belo e o mais importante momento do texto. Mas há muito mais coisa: erotismo, poesia, mitologia, múltiplas referências ao mundo contemporâneo, particularmente à música *pop*, e à arte erudita, além de um delicioso jogo de apropriação de textos de outros autores, cuja descoberta provoca um grande prazer.

**Menino oculto** é um romance inteligente, interessante, que se lê sem vontade de parar, que se insere originalmente na linhagem dos bons romances sobre a noção imprecisa de autenticidade e que, por tudo isso, se justifica. 7

# Antes do tempo

Contos de **DEPOIS DE ABRIL**, de Suênio Campos de Lucena, foram colhidos ainda verdes

ADRIANO KOEHLER • CURITIBA – PR

Pegue qualquer pé de fruta, qualquer um. Escolha uma que está quase para madurar. As cores são bonitas, a textura da casca é boa, e mesmo sabendo que ela está para madurar, você resolve experimentá-la. Você a pega, dá uma mordida, e só ali percebe que não adianta mesmo ser apressado, é necessário esperar mais um pouco para que a fruta esteja realmente boa. Não quer dizer que ela não tenha sido gostosa, que a experiência não tenha sido bacana, apenas que, se fosse a ela dado um pouco mais de tempo, aquela fruta estaria melhor e muito mais saborosa.

Como esse periódico não é um jornal de fruticultura, e tampouco é essa a sua pretensão, estamos falando de um outro fruto, **Depois de abril**, primeiro trabalho de ficção do jornalista Suênio Campos de Lucena, um dos colaboradores desse **Rascunho**. Suênio entende de literatura, tendo sido seu primeiro trabalho o livro **21 escritores brasileiros**, lançado pela mesma casa editorial, em que o jornalista condensa 21 entrevistas que fez com escritores brasileiros ao longo de uma viagem de três meses pelo Brasil.

**Depois de abril** reflete esse conhecimento da literatura por parte de Suênio. Os 15 contos do livro mostram que o autor domina diversas técnicas, é hábil ao se referir a diversos autores, tanto nominalmente quanto em estilo, e consegue variar seus argumentos sem nunca se prender a uma temática exclusiva — o que poderia configurar a tentativa de se fixar em um segmento único. Mas a leitura ao longo do texto mostra que, se há bons momentos, há outros em que um pouco mais de calma teria feito bem ao escritor.

Em *Cetim roxo*, por exemplo, primeiro conto do livro, conhecemos Bruno Bueno, 17 anos, possível assassino da atriz Paula Machado, que acompanhava uma trupe de animadores de marionetes a uma excursão ao interior. O texto não segue a história cronologicamente, ele passeia do presente ao passado tanto de Bruno quanto de Paula, e conta como se deu o envolvimento entre eles, como a mãe de Bruno desaprovava suas escolhas e como ficou feliz quando Bruno conseguiu ingressos para ver o Festival de Bonecos. Não ficamos perdidos nesse vaivém, mas parece que falta um pouco mais de estofo para que o conto fique bom. Sem saber precisar o que é, deixo apenas a sensação de incompleto. É bom, mas poderia ser melhor.

Há contos, porém, que mostram, ou melhor, demons-

tram a capacidade de Suênio de produzir boa literatura. Em *Três atos*, o autor conta a vida do personagem, que ele mesmo dividiu em três atos. Ao longo do texto, temos uma noção clara e pesada de sua solidão, e do quão próxima de nós ela está. A solidão volta a aparecer em *Vinho tinto, azeitonas e cigarros*, dessa vez acompanhada da covardia. O personagem principal, Daniel, volta a casa após um longo tempo na capital, onde foi fazer um curso universitário. São tempos do golpe militar brasileiro. Durante sua estadia na capital, Daniel se envolve amorosamente com Miguel, um quase revolucionário que tenta levar Daniel, moço de origens pequeno-burguesas, para a luta armada. Daniel não tem coragem e foge, ou melhor, volta para a casa dos pais. Ali, outros acontecimentos o forçam a uma solidão que sempre temeu, e da qual não tem escapatória.

*O prédio* tem um ritmo interessante, com um bom mistério pairando no ar. *Tardes de ócio e desejo* é bom ao fazer o narrador em primeira pessoa evocar o seu passado ao lado de um amor já ausente, e de quanto esse amor ainda acalenta os seus dias. *A festa* consegue revelar que a hipocrisia e a desonestidade estão presentes em qualquer lugar, em qualquer família, de qualquer classe social. E em *Depois de abril*, conto que dá nome ao livro, ficamos com vontade de ler mais, de saber o que acontecerá com o personagem quando esse parte a um encontro marcado vinte anos antes. Não sabemos, mas a capacidade de fazer com que queiramos saber é um dos méritos de um bom escritor.

A questão da maturidade, ou da falta dela, se revela em detalhes ao longo dos contos. Em alguns momentos as revelações que aparecem, os rumos que os personagens tomam, não são de todo convincentes. A pergunta que fica é: como é que de repente aquele personagem tomou aquela atitude? Em *Hotel Monte Blanco*, por exemplo, a história da decadência do estabeleci-



**Depois de abril**  
Suênio Campos  
de Lucena  
Escrituras  
144 págs.

## suênio campos de lucena

é jornalista, escritor e doutorando em Letras pela USP, com tese sobre a escritora Lygia Fagundes Telles. Da autoria, organizou os livros **Durante aquele estranho chá** e a antologia **Meus contos preferidos** (Rocco). Pela Escrituras, publicou o volume de entrevistas **21 escritores brasileiros**. É colaborador do **Rascunho**.

mento até que é convincente. Não é crível, porém, a atitude final do filho. Como pode?, pergunta-se o leitor a quem nenhum indício, nenhuma pista do que estava por vir havia sido dada anteriormente. Às vezes a surpresa é boa, às vezes ela deixa um gosto amargo na boca, não porque nos pega fundo, mas apenas porque ela não cabe ali. Em *A espera*, a sequência de saltos que o personagem dá ao longo do dia, os coadjuvantes que aparecem do nada e desaparecem no ar, causam a impressão de que faltou um pouco mais de observação para que houvesse mais ritmo ao longo da narrativa. *Palmas para Alfredo Júnior* também carece de um ritmo melhor, mas o próprio autor parece saber disso, ao incluir uma terceira voz, que não é a do narrador nem a dos personagens no conto, comentando o próprio trabalho e sua aparente falta de sentido lógico.

É certo que o autor leu o comentário de Nelson de Oliveira na orelha do livro: “Pode ter certeza, não estamos diante da inocência ou da ingenuidade personificadas. Suênio sabe onde está pisando. Ao enveredar pela ficção, ele não ignora o que o aguarda: o deserto, a solidão. Porque não há mais o glamour nem a pompa e a circunstância dos anos de ouro”. Talvez uma mão se estenda para cumprimentar o autor. Se estamos no deserto, porém, muito provavelmente esta mão será uma miragem. Prova desta consciência é o último conto do livro, *Personagem*, em que Suênio conta, do ponto de vista do resenhista e crítico literário, o que é o lançamento de um livro por conta de um escritor estreado. Com tons de ser um conto autobiográfico, o personagem se vê ali, com seu livro **Depois de abril** nas mãos, pensando no que virá. E o que virá?

A obra não conta que Suênio reuniu trabalhos escritos entre 2000 e 2005, e que não foram lançados antes pois o autor sentia que lhes faltava algo. Nunca é demais lembrar que há vinhos que só ficam excelentes após sete anos guardados. Se não tivermos paciência e tomarmos esse vinho aos seus três, quatro anos, ele será apenas bom. Suênio poderia já ser um ótimo tinto, mas abriram a garrafa antes do tempo. 7



# CORREÇÃO LITERÁRIA

Recentemente, a imprensa brasileira divulgou uma pesquisa realizada pela Universidade de Brasília (UnB), e coordenada pela professora de Literatura Brasileira Regina Dalcastagnè, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Programa de Pós-Graduação em Literatura. O resultado chamou a atenção de muita gente — alguns alarmados pelos dados obtidos, outros descrentes de que eles possuísem alguma significação especial, relevante. Enfim, concluiu-se que os personagens dos romances brasileiros contemporâneos são, em sua maioria, “homens, de classe média, que moram em cidades”; também se notou que “negros, mulheres, velhos e pobres têm pouca ou nenhuma voz”. Alguns números anunciados pela pesquisa: 62,1% de nossos personagens literários são homens; 79,8% são brancos (contra 7,9% negros e 6,1% mestiços); 73,5% dos personagens negros são pobres. E o que significam essas estatísticas? Os escritores brasileiros estão contando as histórias erradas? Desligados do movimento social em que vivem? Ou importar-se com isso é render-se à patrulha do politicamente correto? Para responder a essas questões, o **Rascunho** convidou sete escritores nacionais.

## X, Y e Z%

Ronaldo Bressane

Conheço o trabalho da Regina já de um tempo e o admiro muito — é raro a “academia” debruçar-se sobre a realidade do que se publica atualmente. Por isso me espantei com a estatística vinda da UnB. Primeiro, não sei de onde surgiram esses dados. Não tenho como saber quais foram os escritores pesquisados — por que se escolheram estes e não aqueles. Critério de tiragem, representatividade literária, cotas para cada estado? Também ignoro a idade desses livros — por “contemporâneo” leia-se o que foi produzido nos últimos cinco anos, seria isso? Ou só o ano passado?

Certamente não pegaram nenhum livro meu, já que o critério é romance (sou autor de três livros de contos e um de poesia). Nem posso afirmar se a amostragem tem rigor científico, uma vez que no Brasil de hoje se publica muito mais conto que romance. Por aí, creio que é mais representativo olhar a ficção brasileira contemporânea observando-se o romance, o conto, a crônica — e talvez até a poesia, por que não?

Fico imaginando como será esse censo daqui pra frente. Será que o de 2030 vai ser “No último ano, 20% dos personagens da literatura brasileira contemporânea são negros, 15% são pardos, 10% são morenos claros, 35% são louras de olhos azuis, 10% são ETs, 30% gays, 25% gays não-assumidos, 35% machos homofóbicos que amam hard rock, 15% lésbicas peludas que gostam de assistir a reprises de *Sex in the city*...”?

Caralho, o que quer dizer “6,1% mestiço”? Assim vocês me confundem. Sempre tomei pau em matemática (no sentido não-sexual), por isso é que me enfiei nas letras. Não sei, isso me parece meio ridículo. Seria o caso de, antes de escrever um romance, elaborar uma planilha de cotas para meus personagens? X% esverdeados de terceira idade, Y% paraplégicos adolescentes, Z% latifundiários ricos, K% ninfomaniacas desempregadas entre 18 e 35 anos, W% pretos com um buraco no meio... Ai, sim, eu poderia afirmar que meu romance “representa a realidade brasileira”?

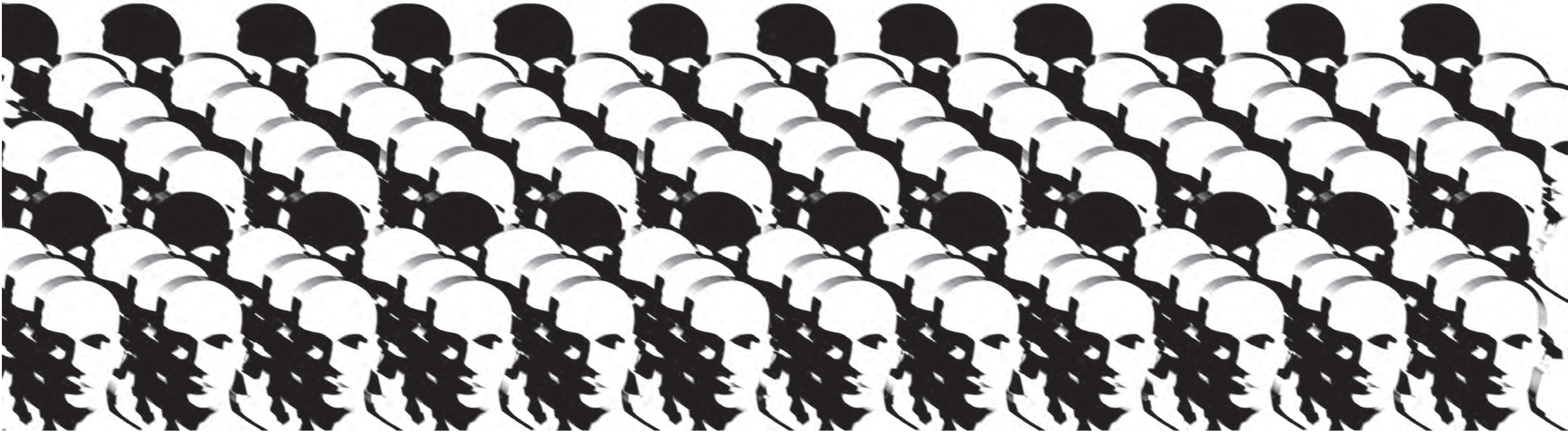
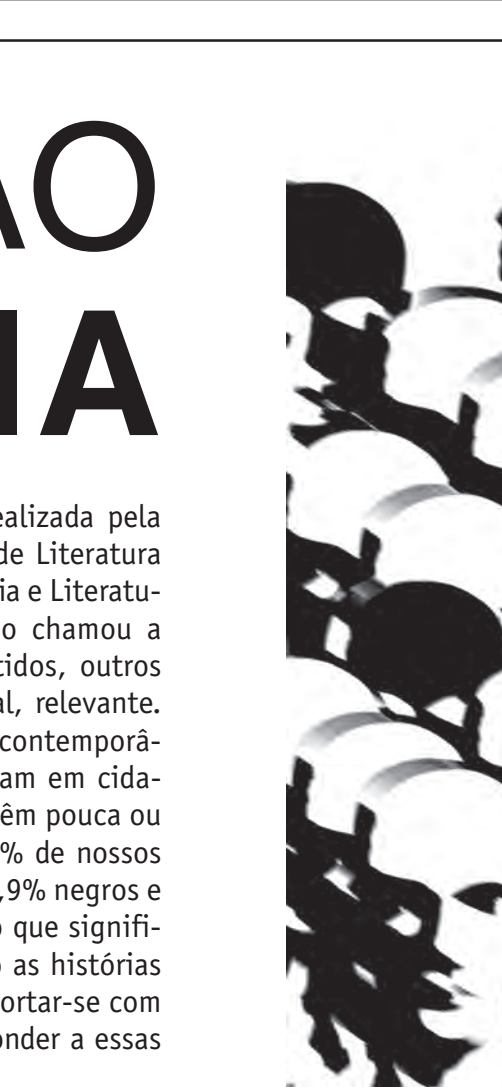
Quantos personagens “de cor” havia nos romances de Machado? A baixa porcentagem seria um sintoma acaciano de seu racismo infiltrado? Nas histórias de João Antônio, a alta incidência de pobres, pretos e lascados teria a ver com consciência política, com ressentimento social ou com estratégia narrativa? Como explicar um sujeito como o contista carioca Jorge Cardoso, que mora na Suécia e escreve sobre, entre outras coisas, muçulmanos heroínômanos? Ele representa a literatura brasileira contemporânea ou não?

E que *cazzo* estatísticas têm a ver, na real, com literatura?

**Assinado**

Ronaldo Bressane, paulistano, 35 anos, 51% escritor, 49% jornalista; aproximadamente 20% italiano, 20% judeu polonês, 20% mouro espanhol, 20% português, 10% bantu, 10% tupi; 100% corinthiano. Mais ou menos classe média (por enquanto).

**RONALDO BRESSANE** é escritor, autor da trilogia de contos **A outra comédia** — formada pelos livros **Os infernos possíveis**, **10 presídios de bolso** e **Céu de Lúçifer** — e do volume de poemas **Impostor**. Mora em São Paulo (SP).



## Na contramão

Ronaldo Correia de Brito

Sábato Magaldi afirma que o teatro busca comunicar-se com o seu tempo. A literatura, também. A partir da década de 50, as populações brasileiras abandonam os interiores e se deslocam para as cidades grandes. O campo se esvazia de poder econômico, da épica e da tragédia, seus significados tradicionais. Incorpora os dramas urbanos através de ciclos migratórios de população, do rádio, da televisão, e mais recentemente da globalização via internet. Falar dos sertões de hoje é escrever necessariamente sobre ruínas, e também sobre drogas, prostituição infantil, trabalho escravo, analfabetismo. O romance brasileiro atual é urbano, porque predominam as cidades e seus dramas. Oitenta por cento das pessoas moram nelas. Os personagens são homens brancos de classe média, talvez porque seus autores pertençam a essa classe social e sejam brancos. O Brasil que serviu de tema ao romantismo, ao naturalismo, ao romance de 30 e ao cinema novo caiu de moda. Se existe patrulhamento, é para que se escreva em ambiências de cidade, literatura para a classe média que lê e compra os livros. Os autores que como eu trabalham a partir de uma memória inventada, buscando uma síntese entre o rural e o urbano, criando uma geografia que é mera cilada, produzem literatura de risco, na contramão do nosso tempo.

**RONALDO CORREIA DE BRITO** é escritor. Autor de **Livro dos homens** e **Faca**. Vive em Recife (PE).

## Tão ruins quanto

Pedro Salgueiro

Não deixam de ser sociologicamente importantes constatações como essas, principalmente por revelarem um país que é, sim, preconceituoso e excludente, que não trata por igual seus agentes sociais. Mas tais constatações se tornam perigosas quando não mais se contentam em apenas fornecer dados preciosos para uma reflexão de autores, educadores, leitores, etc., etc., e passam a exigir que nossos “Fabianos” se revoltem contra os “soldados amarelos”, cobrando de nossos personagens de ficção um idealismo não constatado na realidade (como exigiram de Graciliano Ramos — que seu personagem Fabiano reagisse às humilhações do soldado amarelo), querendo que nossos autores se engajem nas “lutas sociais”. Particularmente imagino que meus personagens sejam pobres, mestiços, morem em subúrbios ou pequenas cidades; confesso que nunca me preocupei com suas cores, situações econômicas, classes sociais e sexos, mas muito mais com os males que atingem o homem (e a mulher, senhora pesquisadora!) desde que o homem é homem, como o ódio, a maldade, o amor, o medo, a inveja, isto é, com problemas menos transitórios; muito embora não tenha preconceito nenhum contra quem trata diretamente de problemas temporais, desde que com talento. Até porque tenho uma visão muito pessimista do ser humano em geral, e acho, sinceramente, que mulheres, negros e pobres são tão ruins quanto homens, brancos e ricos.

**PEDRO SALGUEIRO** é escritor. Autor dos livros de contos **O peso do morto**, **O espantilho**, **Brincar com armas** e **Dos valores do inimigo**. Vive em Fortaleza (CE).

## Campo ruim

Joca Reiners Terron

Tenho minhas dúvidas se a estatística é ciência adequada para o que quer que seja que não auxiliar publicitários e políticos em seus esforços de venda. Mas, partindo dos dados colhidos, seria interessante saber como esses personagens — homens, brancos e de classe média — são retratados hoje em dia. Por exemplo, eles têm empregos ou também sofrem quaisquer tipos de marginalização social? Ou são brancos e de classe média e por isso mesmo ocupam empregos estáveis e com bons salários? Dessa forma (e falo aqui baseado nos parcos dados a respeito da pesquisa que me foram transmitidos para que opinasse) os resultados sofrem o perigo de refletir a estranha forma de marginalização social vigente no Brasil desde o período (oficial) da escravidão: paternalista, cordial, disfarçada e cruel.

Por outro lado considero que a literatura não é bom campo para esse tipo de reflexão, já que existem ciências mais adequadas para isso, como a sociologia, a antropologia, etc. A literatura é outra história, e em nosso caso (brasileiro) temos, representando o supremo fracasso e a suprema vitória pessoal, dois representantes das classes mais baixas, dois mestiços: Lima Barreto e Machado de Assis. E mesmo no caso de Lima (com sua história de vida de final tão trágico) é certo que o tempo lhe fez (e faz) justiça à grande qualidade estética (e ética) de sua obra.

**JOCA REINERS TERRON** é prosador e poeta. Autor dos livros *Curva do rio sujo*, *Hotel Hell* e *Animal anônimo*. Mora em São Paulo (SP).

## Metáfora da vida

Mayrant Gallo

Os personagens de um conto, de uma novela ou de um romance são definidos com base no argumento da história e sobretudo no significado que seu autor pretende alcançar ao fim da trama. Claro que conscientemente isso só ocorre depois que ele atingiu certo grau de independência, afastou-se de si mesmo, de suas emoções pessoais, em favor de uma constante reflexão sobre o mundo, a vida e os homens. Não são poucos os exemplos. Alguns: Machado de Assis, Eça de Queiroz, Lima Barreto, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Dyonélio Machado, Herberto Sales. Ainda que escrevam em primeira pessoa, projetam *personae*, incorporam outros *eus*, desmembroam-se e se multiplicam em muitos seres, que, no íntimo, não são nem brancos nem negros, nem velhos nem jovens, nem ricos nem pobres, nem religiosos nem ateus, nem homens nem mulheres. São apenas indivíduos, exemplares da espécie humana, não importa o meio em que vivam, nem sob que condições; e tudo que sofrem ou alcançam coincide com as expectativas, os fracassos, as frustrações e os desejos humanos mais elementares, tanto de brasileiros quanto de russos, árabes, africanos, japoneses ou nórdicos.

O interesse da literatura não deve recair sobre determinados grupos humanos, mas sobre o ser, o homem primordial, que está aqui desde antes das fronteiras, das línguas ou das diferenças culturais. Um personagem, qualquer que seja ele, mesmo a cachorra Balcia ou uma ponte (personagem de um conto de Kafka), é o meu representante e o de todas as pessoas. Os grandes dilemas não são econômicos, sociais, etários, étnicos ou culturais; são de natureza ontológica, dizem respeito ao homem e sua condição primeira: viver. O resto é pano de fundo. Projetar um personagem é cogitar uma possibilidade humana. Literatura não é realidade, é verossimilhança. Metáfora da vida.

**MAYRANT GALLO** é poeta e contista, autor dos livros **O inédito de Kafka** e **Dizer adeus**. Mora em Salvador (BA).

## Brasil plural

Aleilton Fonseca

Toda pesquisa séria é bem-vinda, pois contribui para o debate, a polêmica, e a reflexão. E para possíveis mudanças. A pesquisa da UnB constata, de forma metódica e analítica, algo que já sabemos empiricamente por experiência de leitura. De fato, em sua grande maioria, os personagens dos romances brasileiros são homens, de classe média e moram em cidades. As chamadas minorias estão ausentes ou pouco representadas. A pesquisa constata algo que é uma realidade. Não significa necessariamente que os escritores estejam contando histórias erradas ou que devam se sentir obrigados a mudar. Eles estão, na verdade, contando parte da história, estão sendo parciais ao representar a sociedade brasileira. É uma tendência antiga. Lembremos que entre as dezenas de romances românticos que retratam a elite imperial, apenas *Memórias de um sargento de milícias* representa os pobres, os mestiços, os remediados e sua sociabilidade peculiar.

As estatísticas atuais refletem o perfil socio-cultural do extrato da população que se leva em conta: a classe média, consumidora, leitora, urbana, formadora de opinião. É para essa camada social — que lê e compra livros — , que se escreve e se edita. Os autores representam seus dramas existenciais e cotidianos, numa busca tácita de identificação com o público disponível. As editoras, preocupadas com o mercado, não se arriscam a publicar nada fora desse esquema. Os originais que contrariam as estatísticas acabam não sendo aceitos para edição. Apesar disso, não se trata de tomar a pesquisa como patrulhamento nem direcionamento. Certamente não é isso que os pesquisadores desejam. Todos devem ser livres para escrever o que bem entenderem. Cabe aos escritores refletirem por si mesmos sobre o fato, lembrando do vasto Brasil rural, popular, negro, mestiço, das cidades interioranas — ricos nichos de vida, valores, imaginário e experiência humanos, que também devem figurar nas páginas da literatura contemporânea. Isso ampliaria a geografia social, étnica e política de nossa ficção, tornando-a mais representativa da complexidade do país e da nossa diversidade cultural. Dizer o Brasil plural, eis o grande desafio do escritor contemporâneo.

**ALEILTON FONSECA** é escritor e poeta, autor dos livros **Movimento de sondagem**, **O espelho da consciência** e **Teoria particular (mas nem tanto) do poema**. Também é co-editor da revista *Iara*ra. Mora em Salvador (BA).

## À universidade

José Castello

Esse tipo de pesquisa pode interessar à universidade, mas para a literatura não tem importância alguma. É verdade que muitos escritores, hoje, e infelizmente, passaram a escrever “para o mercado”, ou “para a crítica acadêmica”, ou até “para a história da literatura”. Não são os escritores que me interessam. A literatura é o campo do particular, é o lugar da liberdade interior, de modo que idéias como as do “politicamente correto”, ou do “academicamente correto”, ou mesmo do “literariamente correto”, não lhe dizem respeito.

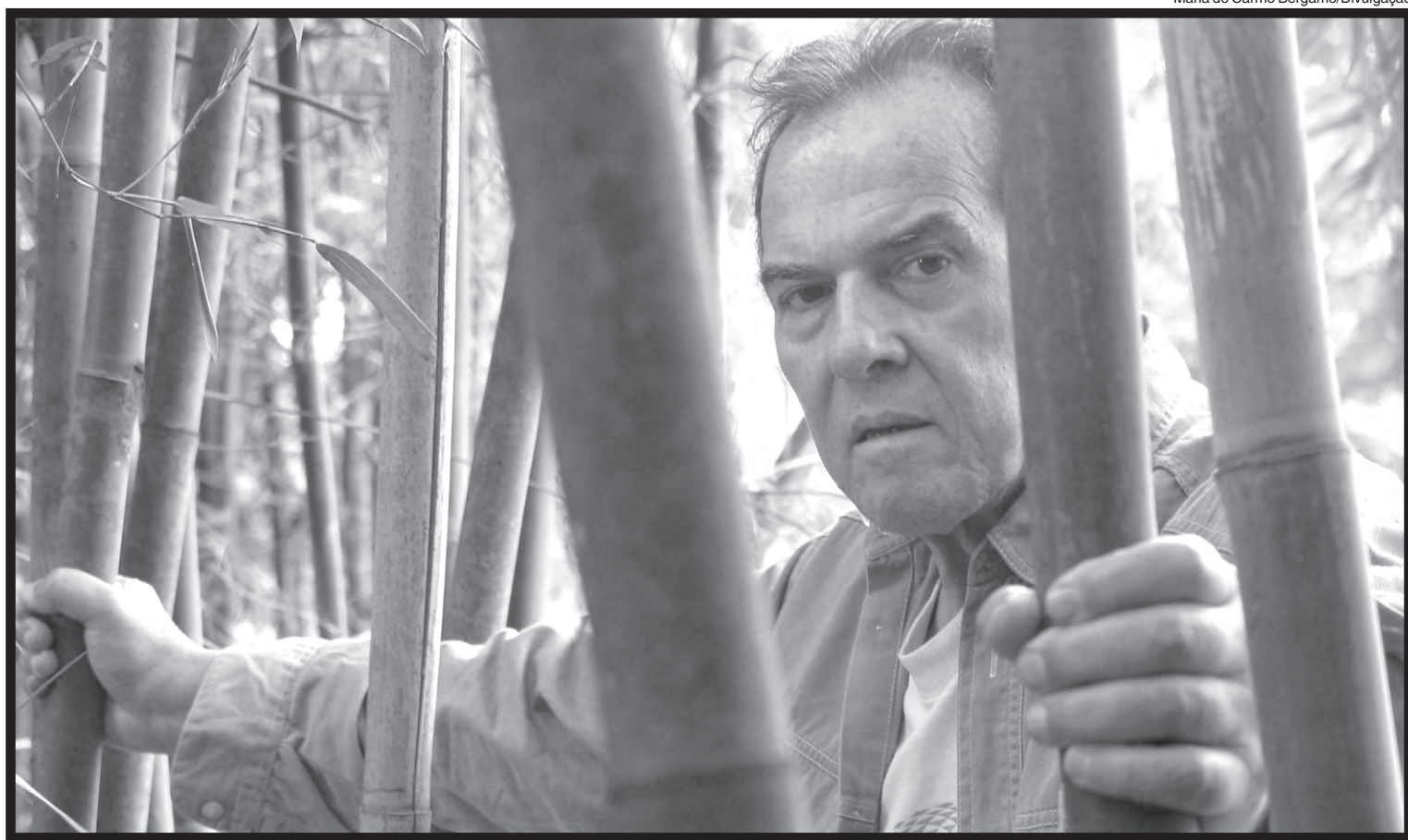
**JOSÉ CASTELLO** é escritor e jornalista. Autor dos livros **Inventário das sombras**, **Fantasma** e **O poeta da paixão**, entre outros. Mora em Curitiba (PR).



## os anjos de sodoma

Roberto Piva

Eu vi os anjos de Sodoma escalando  
um monte até o céu  
E suas asas destruídas pelo fogo  
abanavam o ar da tarde  
Eu vi os anjos de Sodoma semeando  
prodígios para a criação não  
perder seu ritmo de harpas  
Eu vi os anjos de Sodoma lambendo  
as feridas dos que morreram sem  
alarde, dos suplicantes, dos suicidas  
e dos jovens mortos  
Eu vi os anjos de Sodoma crescendo  
com o fogo e de suas bocas saltavam  
medusas cegas  
Eu vi os anjos de Sodoma desganhados e  
violentos aniquilando os mercadores,  
roubando o sono das virgens,  
criando palavras turbulentas  
Eu vi os anjos de Sodoma inventando  
a loucura e o arrependimento de Deus



ROBERTO PIVA: sempre à margem.

## O DEUS DEVASO

Globo inicia a reedição, em três volumes, da obra completa do poeta ROBERTO PIVA

ÁLVARO ALVES DE FARIA • SÃO PAULO – SP

Entrar no universo da poesia de Roberto Piva representa uma viagem ao poema que se alucina com as próprias palavras no que elas contêm de magia. Sempre foi assim. Desde o tempo da **Antologia dos novíssimos**, de 1961, lançada em São Paulo pelo editor Massao Ohno, que reunia os então jovens poetas — alguns adolescentes — da que hoje se chama Geração 60 de Poetas de São Paulo. Dessa geração, Roberto Piva é um poeta eloquente, voz expoente de um grupo que já nos anos 60 soava com o timbre da poesia levada às últimas conseqüências.

A poesia de Roberto Piva foi sempre acompanhada, ao longo dos anos, por manifestos que assinava revelando uma postura que, longe das palavras às vezes agressivas outras veementes, revelava — e ainda revela — a condição do homem e, especialmente da poesia diante dos entraves de um mundo visto por meio da loucura e quem sabe também por meio da beleza.

Não se sabe ao certo se Roberto Piva é mesmo da Geração 60 de Poetas de São Paulo enquanto grupo. Pouco fala sobre o assunto. Não que haja desinteresse nisso, mas porque, por certo, trata-se de tema enfadonho que não leva a nada. No máximo, faz pequenos comentários de poucas palavras: “Era um grupo de jovens que tinham coisas afins, uns mais, outros menos”.

É quase certo que nada mais tenha a acrescentar. No que está correto. Até porque não há certeza ainda de que tal geração exista de fato. Deve ser apenas uma ficção. Existe até uma antologia dos poetas dos anos 60 de São Paulo. Até um filminho já foi feito a esse respeito. Essas coisas existem muito no discurso, mas na prática a teoria é outra. A questão está em ser sério ou não. Mas seriedade é coisa rara. Honestidade também. No final, está tudo coerente com tudo.

Roberto Piva não escreveu muito. Sua produção não é extensa: **Paranóia** (1963), **Piazzas** (1964), **Abra os olhos & diga Ah!** (1975), **Coxas** (1979), **20 poemas com brócoli** (1981), **Quizumba** (1983) e **Ciclones** (1997).

No início dos anos 70, numa longa pausa na poesia, foi produzir shows de rock na periferia da cidade de São Paulo, lançando várias bandas. Numa entrevista para o crítico de música Ezequiel Neves, publicada na revista *Rolling Stone*, em 1972, Piva discorreu sobre essa experiência, dizendo que ia de bairro em bairro e, pela vibração, descobria os hambúrgueres, os botecos, as sinucas onde a garotada se juntava: “Chegando a esses bares eu sigo o princípio de Platão: escolho o garoto mais bonito, entrego os lembretes impressos do show e digo: você tem de levar todo mundo ao meu show. Aí consigo o que nenhum veículo de comunicação de massa vai conseguir: o toque pessoal da comunicação, aquilo que Charles Fourier chamou de ‘autoridade da atração’”.

Tornou-se famosa a autobiografia que escreveu reproduzida numa antologia poética lançada pela L&PM, de Porto Alegre, em 1985:

*Nasci na maternidade Pré-Matre, no coração de São Paulo [...] Piva é um antigo nome do Veneto (Itália do Norte). Meu avô era de Saleto, perto de Rovigo. O Livro de Família que tinha lá em casa conta a história de um antepassado cavaleiro que combateu nas Cruzadas. Como o avô Cacciaguída de Dante. Só que ao voltar das Cruzadas virou herético & começou a pregar a favor do Demônio. Por ordem do bispo local, foi queimado na praça pública com armadura & tudo. No momento, deve estar passando uma temporada na IX Bolgia do Inferno de Dante. Local destinado aos semeadores de discórdia. Os filhos fugiram da cidade e a descendência continuou.*

Nessa biografia, espécie de chave reveladora de

sua obra e sua vida, Piva explica que em matéria de revolta não precisa de antepassados:

*A minha vida & poesia têm sido uma permanente insurreição contra todas as Ordens. Sou uma sensibilidade antiautoritária atuante. Prisões, desemprego permanente, epifanias, estudos das línguas, LSD, cogumelos sagrados, embalos, jazz, rock, paixões, delírios & todos os boys. O cinema holandês informará.*

O passar dos anos moldou um poeta completo, nascido em 1937, que nos anos 60 assumiu a postura de poeta rebelde na linha da geração beat. Um erudito. Estudioso da fauna e da flora brasileiras e iniciado no xamanismo. Dessas vertentes — já disse — extrai sua inspiração poética.

Ainda dessa biografia, tornou-se seu retrato perfeito a declaração de que só acredita em poeta experimental que tenha vida experimental. Dizia e diz ainda não ter nenhum patrono no “posto”, nem leões-de-chácara e guarda-costas literários nas redações de jornais e revistas: “Nada mais provinciano do que os clubinhos fechados da poesia brasileira, com seus autores-burocratas tentando restaurar a Ordem & cagando Regras que o futurismo, dadaísmo, surrealismo & modernismo já se encarregaram de destruir”.

Aos que chamava de neo-zhdanovistas de todos os matizes, Piva lembrou uma passagem do manifesto redigido por André Breton e Leon Trotsky:

*Em matéria de criação artística, importa essencialmente que a imaginação escape a toda sujeição, não se deixe impor filiação sob nenhum pretexto. Aqueles que nos pressionam, hoje ou amanhã, para que consintamos que a arte seja submetida a uma disciplina que sustentamos radicalmente incompatível com seus meios, opomos uma recusa inapelável, e nossa deliberada vontade de nos manter no lema: todas as licenças em arte.*

Dizia ainda que fechava com John Cage e não abria: “Sou pela multiplicidade, a atenção dispersa e a descentralização, e portanto me situo ao lado do anarquismo individualista”. Ou Jean Dubuffet: “O unísono é uma música miserável”. Utilizando a primeira pessoa do plural, sustentava que “precisamos de criações desprovidas de regras & convenções paralisantes”.

Essa introdução se faz necessária para registrar a iniciativa da Editora Globo, que decidiu reeditar toda a obra de Roberto Piva, esse poeta admirável que sempre correu pela margem e se fez marginal e marginalizado dentro da própria poesia brasileira, feita de tantas enganações e vaidades lamentáveis. A organização da obra reunida de Piva está sendo feita pelo professor de Teoria Literária da Unicamp Alcir Pécora. O primeiro volume, **Um estrangeiro na legião**, reúne os textos dos anos 60, a começar pela *Ode a Fernando Pessoa*, **Paranóia** e **Piazzas**, incluindo, também, os primeiros manifestos de **Os que viram a carcaça**: “A nossa batalha foi iniciada por Nero e se inspira nas palavras moribundas: ‘Como são lindos os olhos deste idiota’. Só a desordem nos une. Ceticamente, Barbaramente, Sexualmente. A nossa Cathedral está impregnada do grande espetáculo do Desastre”.

Alcir Pécora observa, com razão, que a literatura de Roberto Piva leva a sério, mais do que qualquer outra coisa, o poder da própria literatura. É a literatura embebida em literatura, que respira literatura, que fala o tempo todo de literatura — diz ele. Assinala que nesse primeiro volume predomina, mas sem hegemonia, a linhagem maldita do romantismo, o que — de acordo com Pécora — ajuda a esclarecer o fato de que, quando o aspecto laico da profanação é mais evidente, a literatura já se insinua como limiar do sagrado. Alcir salienta que, assim, “o caminho da transgressão significa para a literatura é, por excelência, o lugar onde ainda se sustenta e respira uma potência resistente à institucionalização da vida”.

Roberto Piva sempre defendeu que a poesia é um salto no escuro, como o amor: “Por isso, meus leitores preferidos são os heréticos de todas as escolas & e os transgressores de todas as leis morais & sociais”.

Há um frase de Piva que incomodou e ainda incomoda as majestades de sempre: “Como não sou intelectual de esquerda, estou sempre às voltas com o problema da grana”.

É desconcertante ao dizer:

*Pasolini começou a contagem regressiva do nosso planeta a partir do desaparecimento dos vagalumes na Itália. Eu poderia começar a mesma contagem regressiva a partir do desconhecimento & desaparecimento da abelha Jataí no Brasil. Acredito que, para a defesa do nosso planeta, as melhores idéias, como disse Edgar Morin, são as idéias ‘biodegradáveis’. Uma tarde, numa ilha esquecida no litoral sul de São Paulo, um garoto com olhos de Afrodite me perguntou no que eu acreditava. Respondi: Amor, Poesia & Liberdade. E nos Óvnis também.*

No ensaio **O começo da busca — O surrealismo na poesia da América Latina** (Escrituras, 2001), o poeta Floriano Martins escreveu sobre Roberto Piva, observando que “tomado por um humanismo radical, não raro confundido com perversão inconseqüente, a aposta de Roberto Piva foi a do rompimento com um positivismo exacerbado que tem causado profundos males ao desdobramento de toda uma cultura no Brasil”.

Floriano afirma que “em meio a uma geração derrotada pelo devaneio (o *flower power* que fez morada em uma preguiça mental) e o arrivismo (os ídólatras do poder), a poesia de Roberto Piva acabou sendo desdenhada pelo panteão literário, justamente pela permanência do frescor, da inquietude, de um animismo incompreendido entre nós até hoje”. Floriano Martins lembra palavras de Piva para melhor situar a questão: “...não fico vivendo que nem um anarquista clássico, o anarquismo de sindicato”.

Carlos Felipe Moisés e João Silvério Trevisan escreveram os melhores, mais valiosos e competentes ensaios

sobre Piva até hoje. Respectivamente *Vida experimental* (em **O desconcerto do mundo**, Escrituras, 2001) e **Arte de transgredir — Uma introdução a Roberto Piva** (Agulha 38). Trevisan afirma que a genealogia poética de Piva apresenta raízes e inclui influências muitas raras na literatura brasileira, formando uma mistura fina que é a única por sua erudição, mas também por sua transgressão. Trevisan lembra que isso começa com Dante Alighieri, esclarecendo que ainda na década de 60, por três anos Piva aprofundou-se nos estudos da **Divina comédia**, orientado por Eduardo Bizzari, então adido cultural do Consulado da Itália em São Paulo. Esse contato com Dante — lembra Trevisan — foi como seu *imprinting* poético-filosófico: marcou para sempre sua visão de mundo, sua política e sua poesia. Ao conhecer os poetas metafísicos ingleses, sobretudo William Blake, Piva começou a aprofundar sua experiência mais direta com o sagrado e a vida interior — acentua João Silvério Trevisan.

E mais: salienta que as constantes caminhadas xamânicas de Piva pela represa de Mairiporã e pela Serra da Cantareira, nos arredores de São Paulo, além de Jarinu, no interior do Estado, selaram sua ligação sagrada com a natureza:

*Essa sacralidade é, para Piva, a única salvação possível ao mundo moderno, que colocou a destruição da natureza como parte do seu projeto consumista. No quadro da recuperação do sagrado e do mágico, enquanto forças da natureza, Piva passou a estudar e praticar o xamanismo. Para aprender o culto ao primitivo e às forças da natureza, foi buscar elementos não apenas em teóricos como Mircea Eliade, mas sobretudo*



**Um estrangeiro na legião**  
Obras reunidas —  
Volume 1  
Roberto Piva  
Org.: Alcir Pécora  
Globo  
197 págs.



do nas culturas indígenas brasileiras e na prática do candomblé. Ele não só cultua seus orixás (*Xangô, Yemanjá e Oxum*) mas também toca tambor para invocar seu animal xamânico, o gavião.

João Silvério Trevisan continua:

Paralelamente a essa trajetória em direção ao sagrado, Piva agregou dois elementos ligados à civilização grega. Um: a ingestão de drogas alucinógenas e bebidas libatórias, como formas de atualizar a tradição dionisiaca e a transgressão sagrada do paganismo. Dois: o culto a uma erótica homossexual, resgatando para a modernidade o amor grego, como um componente de transgressão do desejo.

Carlos Felipe Moisés, por seu lado, observa que “a poesia de Roberto Piva não obedece a aspirações meramente literárias, mas implica um projeto de vida: vida experimental”. Esclarece que, quanto a isso, o rumo perseguido por Piva é o mesmo de Rimbaud: “*Il faut changer la vie*”, é preciso mudar a vida. Carlos Felipe observa:

*Não se trata de ousar apenas em termos estéticos; não se trata de romper só com a tradição e a convenção literárias. Trata-se de usar a poesia como ponte de acesso à “verdadeira vida” (outra vez Rimbaud), como estágio preparatório ao advento do homem verdadeiramente humano, que, graças à persistência dos poetas e iluminados, deve nascer da desoladora desumanização que se abateu sobre todas a criaturas desde... Bem, já que adentramos território nietzschiano, Piva lembraria que, para Nietzsche, a desumanização começou a se alastrar a partir do advento do cristianismo.*

Para Carlos Felipe Moisés, “a lembrança de Nietzsche e da Grécia talvez aponte para o que seria a forma ideal de circulação para uma poesia como a de Roberto Piva: um dos festivais anuais, dedicados a Dionísio, em que o poeta, coro, músicos, dançarinos e público se entregavam durante horas, às vezes dias, à celebração coletiva da vida plena, ao prazer irrestrito, à liberdade sem barreiras — corpos, almas e espíritos irmanados no transe comum”.

Carlos Felipe acentua:

*Para continuar sonhando com a celebração da vida plena, o poeta precisa minar pela base todos os obstáculos, sobretudo os morais e religiosos que se lhe contrapõem. A utopia exige que cada um de seus versos se transforme num coquetel molotov de uma guerrilha sem tréguas, contra os valores estabelecidos.*

Está quase tudo num manifesto de Piva, escrito em fevereiro de 1984, no que ele chamou de **Hora cósmica do búfalo – O século XXI me dará razão**, com um alerta: “Se tudo não explodir antes”. Nesse manifesto Piva afirma que o século 21 lhe dará razão “por abandonar na linguagem & na ação a civilização cristã oriental & ocidental com sua tecnologia do extermínio & ferro velho, seus computadores de controle, sua moral, seus poetas babosos, seu câncer que ninguém-descobre-a-cause, seus foguetes nucleares caralhudos, sua explosão demográfica, seus legumes envenenados”.

O *Manifesto utópico-ecológico em defesa da poesia & e do delírio*, escrito em 1983, na **Hora cósmica do tigre**, é um grito de invocação ao grande deus Dagon de olhos de fogo, ao deus da vegetação Dionísios, ao deus Puer que hipnotiza o universo com seu ânus de diamante, ao deus Escorpião atravessando a cabeça do Anjo, ao deus Luper que desafiou as galáxias roedoras, a Baal, deus da pedra negra, a Xangô deus-caralho fecundador das Tempestades.

Nesse manifesto, Piva diz no início: “Eu defendo o direito de todo o ser Humano ao Pão & à Poesia”. Lembra que “o delírio foi afastado da Teoria do Conhecimento e que as escolas estão atrasadas pelo menos cem anos em relação às últimas descobertas científicas no campo da física, biologia, astronomia, linguagem, pesquisa espacial, religião, ecologia, poesia cósmica, etc, provocando o abandono das escolas pelas crianças que percebem que o professor não tem nada a transmitir, imobilizando nossas escolas no vício de linguagem & perda de tempo em currículos de adestramento onde nunca ninguém vai estudar Einstein, Gerard Nerval, Nietzsche, Gilberto Freyre, J. Rostand, Fourier., W. Heisenberg, Paul Goodman, Virgílio, Murilo Mendes, Max Born, Sousândrade, Hynek, G. Bern, Barthes, Robert Sheckley, Rimbaud, Raymond Rousset, Leopardi, Trakl, Rajneesh, Catulo, Crevel, São Francisco, Vico, Darwin, Blake, Blavatsky, Krucenyh, Joyce, Reverdy, Villon, Novalis, Marinetti, Heidegger & Jacob Boehme”. No *Manifesto da selva mais próxima*, de outubro de 1984, na **Hora cósmica da águia**, Piva afirmou:

*Terra minha irmã/ entraremos na chuva que faz inclinar a nossa passagem os Guiambês/ Delinqüência sagrada dos que vivem situações-limite/ É do Caos, da Anarquia social que nasce a luz enlouquecedora da Poesia/ Criar novas religiões, novas formas físicas, novos anti-sistemas políticos, novas formas de vida/ Ir à deriva da Existência.*

Dizendo que os partidos políticos brasileiros não têm nenhuma preocupação em trazer a utopia para o cotidiano, em nome da saúde mental das novas gerações reivindicou que a praça da

O passar dos anos moldou um poeta completo, nascido em 1937, que nos anos 60 assumiu a postura de poeta rebelde na linha da geração beat. Um erudito. Estudioso da fauna e da flora brasileiras e iniciado no xamanismo.

**roberto piva**

nasceu em São Paulo, em 1937. Polêmico, é considerado um dos maiores símbolos da poesia marginal, autor de volumosa obra poética. São dele os livros **Paranóia, Piazzas, Abra os olhos e diga ahl, 20 poemas com brócoli, Ciclone e Quizumba**.

Piva também pediu a criação de uma política eficiente com grande informação ao público em relação aos discos voadores, facilitando as relações eróticas entre terrestres e tripulantes dos óvnis.

Sé, em São Paulo, fosse transformada numa horta coletiva e pública. Entre outras reivindicações, destacou fazer da onça (pintada, preta & suçuarana) o Totem da nacionalidade, organizando grupos de proteção à onça em seu habitat natural, devolvendo às florestas as que vivem trancadas em zoológicos.

Piva também pediu a criação de uma política eficiente com grande informação ao público em relação aos discos voadores, facilitando as relações eróticas entre terrestres e tripulantes dos óvnis. Também propunha o surgimento da bossa-nova metafísica e do pornossamba. Ao dizer que o estado mantém as pessoas ocupadas em tempo integral para que elas não pensem eroticamente, Piva citou Novalis, o poeta do romantismo alemão: “Quem é muito velho para delirar evite reuniões juvenis. Agora é tempo de saturnais literárias. Quanto mais variada a vida tanto melhor”.

Roberto Piva se deixa levar pelo tempo em que a alucinação e o desespero são o mesmo ingrediente não apenas para a loucura necessária, mas para a passagem do remorso por tudo que deixou de ser feito, especialmente no que se relaciona à destruição das coisas, até mesmo da poesia. Como diz, citando Octavio Paz, a poesia não tem nenhuma utilidade.

É preciso dizer também que sua figura ligada à cidade de São Paulo está morta. Ele mesmo confessa que não escreve mais sobre a cidade, unicamente porque a cidade não existe mais, pelo menos aquela cidade dos anos 60, quando tudo se iniciou. Os poetas quase todos tinham 20 anos. E com 20 anos tudo é possível, todas as revoluções são realizáveis. Uns tomaram outros rumos na vida, foram mais práticos. Outros se desesperaram com a existência. Alguns se perderam em discursos inócuos. Outros morreram no suicídio lento de todas as horas. Restam poucos. E dos poucos que restam, nem todos têm na poesia o exercício da vida, o dia-a-dia da própria memória.

Roberto Piva não se considera mais à margem, pelo menos como o termo sugere. Agora publicado por uma grande editora, começa — como afirma — uma nova fase na sua vida. Mas garante: não fez qualquer tipo de concessão. Explica que não se marginalizou, foi marginalizado. Sua obra nunca abandonou sua proposição, guardando lugar a Dante, à poesia romântica alemã, aos beats, ao surrealismo. Piva ainda guarda a impossibilidade de se conformar com as coisas. Por isso se arremessa à violência e à angústia de observar o tempo. Afirma que sua poesia se manifesta como o magma dos vulcões. E nisso é preciso notar sempre a presença da indignação.

Ao se referir ao PT, lembra de Fidel Castro, a quem chama de criminoso, o homem da justiça sumária. Assegura que infelizmente o marxismo e o petismo alugarão a cabeça de muita gente. Hoje a esquerda é uma natureza morta. Já o PT é cúmplice da criminalidade de Fidel. Diz que sempre alertou que o país lidava com uma quadrilha leninista. Define o governo Lula como um atentado à democracia e à gramática da língua portuguesa. Mas, na verdade, não há muita alternativa. E diante disso lembra Allen Ginsberg, para quem os governos futuros existiam nos seus poemas e na morte de Maiakovski e de Hart Crane.

Piva tem o sonho de ainda ver o desaparecimento do que ele chama de último idiota da esquerda. Essa esquerda que, na verdade, se confunde com a direita, que se alia a qualquer coisa pelo poder. Quer estar distante desse lixo. Afirma ser um cidadão do mundo com a influência dos poetas planetários, e isso lhe basta.

Roberto Piva prefere não comentar a produção de poesia hoje no Brasil. Até, porque, sinceramente, não há muito a comentar, senão lamentar o que ocorre neste país na área literária. O melhor é não dizer nada, embora ainda existam poetas honestos praticando seu ofício de escrever poemas com seriedade. Falar em concretismo, por exemplo. Piva esclarece que esse assunto não tem qualquer espaço em seu interesse como poeta. Observa que sempre foi fiel à sua própria vida. A poesia de hoje é, como ele diz, “éxtase xamânico”.

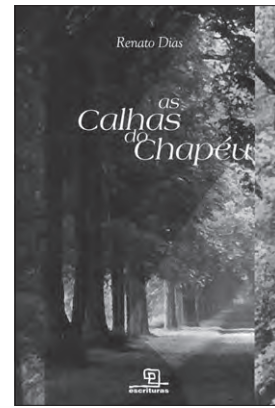
Um pequeno poema escrito em Ilha Comprida, litoral sul de São Paulo, em 1993, inserido no livro **Ciclones** talvez explique tudo melhor. O poema cita Pierre Reverdy: “*Le soleil et ton coeur sont de même matière*”.

o grande reflexo lilás caminha  
creme dos anjos  
flor ameaçadora da manhã  
vento varrendo a paisagem  
no momento sou um deus devasso  
no parapeito frágil do destino  
a névoa que me carrega é horizontal

## VAGA-LUME

poesia brasileira

### AFORÍSTICO



**As calhas do chapéu**  
Renato Dias  
Escrituras  
80 págs.

Sobre a poesia do ensaísta e artista plástico gaúcho Renato Dias, Carlos Nejar nos chama a atenção para o seu caráter profundamente aforístico, quase nietzschiano, presente em versos como “A vida é uma imagem na neblina/ Não guardo no armário” e “Quanto a mim/ Tenho mais espaço/ Para me perder”. Citando outro filósofo também afeito ao uso de máximas, o romeno Cioran, Nejar escreve que, em **As calhas do chapéu**, Renato Dias se dedica a provar que “o encanto da poesia contemporânea se radica na absoluta arbitrariedade das imagens”.

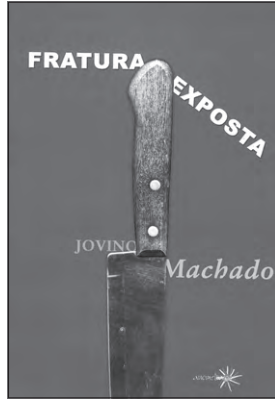
### CUSCUZ



**A terceira romaria**  
José Inácio Vieira de Melo  
Aboio Livre  
126 págs.

**A terceira romaria**, do alagoano José Inácio Vieira de Melo, é quase uma revisão de sua trajetória, um volume com que o autor — também coeditor da revista *lararara* — dá aos leitores notícias de sua evolução. Neste livro, encontra-se, sim, o poeta de **Códigos do silêncio** (2000), **Decifração de abismos** (2002) e **Luzeiro** (2003), ainda tão próximo dos cantadores e cordelistas de sua terra. Mas, hoje, mesmo fiel a suas origens, José Inácio é poeta mais metafórico. “Entro no poema como quem come cuscuzeiro e sai dia afora para encarar a existência,” escreve.

### DESABAFO



**Fratura exposta**  
Jovino Machado  
Anome  
56 págs.

Mineiro de Formiga, Jovino Machado atua como *restaurateur* em Belo Horizonte. Vem publicando sua poesia desde os anos 80, em volumes como **Deselegância discreta**, **Disco** e **Balacobaco**. Neste seu poema **Fratura exposta** — descrito por Joca Reiners Terron com “um grito, um desabafo, uma constatação de impotência, um chamado, uma declaração de ódio e amor” —, Jovino dá vida a uma personagem, “a poeta”, carregada de influências tanto de Clarice Lispector quanto de Hilda Hilst, Diadorim e Capitu.

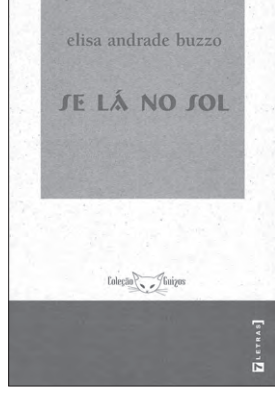
### VINTE E UM



**20 poemas escolhidos e um falso haikai**  
José Santiago Naud  
Thesaurus  
64 págs.

Foi Leda Maria Cardoso Naud quem — segundo seu marido, o poeta gaúcho José Santiago Naud — definiu **20 poemas escolhidos e um falso haikai**. Desde o seu título, referente ao clássico de Pablo Neruda, obra cara à adolescência de ambos. Na antologia, foram reunidos poemas publicados desde os anos 50, em livros como **Cartas a Juanila**, **Noite elementar** e **Cantares de Nossa Senhora**. Há também dois trabalhos inéditos. Para Victor Alegria, editor da Thesaurus, nos versos se misturam lirismo, amor, metafísica e religiosidade.

### CHICLETE



**Se lá no sol**  
Elisa Andrade Buzzo  
Coleção Guizos — 7 Letras  
64 págs.

A jovem estudante de jornalismo da ECA-USP Elisa Andrade Buzzo lança seu primeiro livro, **Se lá no sol**. De versos econômicos, modernos e precisos, Elisa é poeta que se define, nas três linhas de seu *Cupido*, como possuidora de um “coração barroco”. Entre um e outro poema mais extenso, ganham destaque seus trabalhos mais curtos, irreverentes, como *Grude*: “Agarro pela sola dos sapatos/ — sou chiclete invencível”. O livro traz ilustrações de Angelina Camelo e integra a coleção Guizos, homenagem da editora 7 Letras à poeta Adília Lopes.



# AMIGO DE FÉ

Desconhecido e persistente, Paulo Hirano volta a concorrer a uma vaga na ABL

LUÍS HENRIQUE PELLANDA • CURITIBA – PR

Londrinense de 69 anos, filho de imigrantes japoneses de Kyoto, criado na lavoura do café em Rolândia, Paulo Hirano está, mais uma vez, na mídia nacional. Quem? Hirano. Jornalista, publicitário, poeta, escritor e músico desconhecido. Apenas um nome nos jornais, impresso entre cinco outros, mais notórios: Nelson Pereira dos Santos, Dario Castro Alves, Jorge Tannuri, Ronaldo Cunha Lima e Waldemar Cláudio dos Santos (*leia o box*). Quem é Hirano, afinal? Simples: alguém que sonha com a imortalidade literária e espiritual, e que nunca, até o fim da vida, abrirá mão desse sonho. A morte recente do diplomata e historiador Sérgio Corrêa da Costa, ocupante da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, colocou-o novamente na pauta do dia. Assim, pela sétima vez, Hirano concorre a uma vaga na ABL. Já disputou as cadeiras deixadas pelos acadêmicos Roberto Campos, Evandro Lins e Silva, Raymundo Faoro, Geraldo França Lima, Roberto Marinho e Celso Furtado.

Desconhecido, mas persistente. Paulo Hirano é autor de 27 livros, sendo que apenas um deles chegou a ser editado. Trata-se do volume de poemas **Extroversão**, lançado em 1979 e prefaciado pelo es-

critor Vasco Taborda Ribas, da Academia Paranaense de Letras. Fala português, inglês e japonês. Já morou no Japão, aliás. Hoje mora sozinho em Curitiba, mas é pai de dois filhos, Dario e Suzana. Vive conectado à internet e costuma enviar e-mails a diversas redações jornalísticas do Brasil. Adora registrar sua opinião, sobre qualquer assunto. Entre suas principais atividades estão a oração e a leitura. Seus livros favoritos são **Profecias**, de Pietro Ubaldi; **Enterrem meu coração na curva do rio**, de Dee Brown; **Mônica Lewinsky: a minha história**, de Andrew Morton; **O ser e a consciência**, de S. L. Rubinstein; e **A princesa sob os refletores** e **A princesa à espera**, de Meg Cabot. Hirano também integra as seguintes entidades: Academia de Letras e Artes de Paranapuã (RJ), Academia Irajaense de Letras e Artes (RJ), Academia de Bellas Letras Del Cono Sur (Uruguai), União Brasileira dos Escritores (MS), União Brasileira de Trovadores (PR) e Clube Literário Brasília (DF).

Nesta entrevista ao **Rascunho**, Paulo Hirano revela o que espera de sua nova candidatura e o que pode oferecer aos acadêmicos e à cultura nacional. Também fala sobre suas chances de vitória, lembra de sua semelhança com o cantor Roberto Carlos e opina sobre a obra dos seus imortais prediletos.

Gustavo Ferreira



PAULO HIRANO: leitura e oração.

## • Como o senhor avalia as suas chances?

É difícil avaliá-las quando os jornais noticiam suas predileções ou os mais cotados a vencer. A única coisa que posso dizer é que aprendi a não cantar vitórias nem professar derrotas. Se meu destino é um dia ser honrado com uma vaga na ABL, certamente serei eleito, e tentarei honrar a Casa de Machado de Assis da melhor forma possível.

## • Por que o senhor quer ser imortal? O que a ABL ganhará com o seu ingresso?

Acredito que qualquer escritor gostaria de pertencer a uma entidade cultural de tanto reconhecimento nacional. Com meu ingresso, a ABL certamente ganhará o meu respeito, o zelo pelas coisas da academia e a amizade para com os ilustres acadêmicos. Também procurarei fazer o possível e o impossível para elevar o nome e o conceito da instituição.

## • O senhor pretende fazer campanha?

Para ser sincero, não. A única coisa que tenho feito é levar ao conhecimento do presidente da ABL (*Ivan Junqueira*) tudo o que faço. Mostro que sou persistente, operante, incansável e batalhador, e que estou preocupado com a cultura e as coisas sociais. Meus 23 livros pré-edição já estão na biblioteca da academia, segundo as palavras do seu presidente. E acredito que, dentro de 15 dias, eu possa enviar a ele mais três títulos: **Palco da vida** (fatos), **Estrela-guia** (poemas) e **150 poemas que mexem com os corações**.

## • Qual a função da literatura?

Por meio dela mostramos a cultura, criamos a cultura, registramos a cultura, ajudamos a pensar, a imaginar... Enfim, a literatura faz parte da cultura de um povo organizado e civilizado.

## • O senhor tem enviado originais a alguma editora? Por que não publica mais livros?

A primeira vez que procurei uma editora foi quando publiquei meu primeiro livro, **Extroversão** (poemas, Libero Técnica, 1979), prefaciado pelo escritor Vasco Taborda Ribas. Depois disso, procurei a editora Vozes para tentar publicar um livro ilustrado, **As maravilhas modernas e exóticas do Japão 2000**. No entanto, na época (1993), achei exorbitante o custo para imprimi-lo: a “bagatela” de 19 milhões de cruzeiros.

## • Como foi a sua educação?

Sempre muito complicada. Em Rolândia (*norte do Paraná*), quando eu era pequeno, por pertencer a uma família de imigrantes japoneses, havia o costume de falar japonês em casa e, na escola, a língua portuguesa. Isso criava um conflito muito grande, uma verdadeira desordem na minha cabeça. Acredito que o problema não foi só meu e, sim, de todos os filhos de imigrantes — japoneses, alemães, suecos, holandeses e outros — que faziam parte da nossa comunidade na época. Os filhos de japoneses freqüentavam a escola primária pela manhã, fazendo uma caminhada de quatro quilômetros de ida e quatro de volta. No período da tarde iam para a escola japonesa e, para tanto, percorríamos outros três quilômetros de ida, e o mesmo tanto de volta. Assim era nossa rotina. Aprender o que com essa confusão toda?

## • Como é o seu dia-a-dia?

Procurar viver em paz, em oração, não importa onde eu me encontre. Dia e noite estou em oração. Não sou um religioso, mas alguém que tem fé o bastante para esquecer tudo — se for necessário — para praticar o que o momento exige. Freqüento a Igreja Universal do Reino de Deus pelo que é ensinado naquele lugar, e por considerá-la uma escola de primeira grandeza. Seus ensinamentos visam a corrigir os costumes equivocados dos dias de hoje. Lá, trabalha-se para que as pessoas jamais aceitem a derrota, o fracasso, a prática da prostituição, a corrupção, as mentiras, o uso do tabaco, da maconha, da cocaína, da heroína e de outras substâncias tóxicas, e para que se evitem crimes e tantas outras coisas que estão acabando com nossa sociedade.

## • O senhor se sente discriminado por não integrar o mercado editorial brasileiro?

Não. Não me considero discriminado, pois até o momento nada fiz para integrar o mercado editorial brasileiro. Há muito tempo escrevo, mas a vida de escritor não é fácil. Publicar livro só por publicar não vale a pena. É preciso fazer algo que consagre nosso nome. Depois poderemos publicar todos os livros que desejarmos.

## • Qual dos imortais o senhor mais admira?

Gostaria de admirar todos, mas infelizmente os conheço só pela mídia. Carlos Heitor Cony é um escritor consagrado no Brasil, não precisa de elogios e badalações, pois é um vencedor. Paulo Coelho é um escritor internacionalmente reconhecido, e tive a felicidade de disputar minha primeira eleição com ele. A escritora Nérida Piñon é consagrada no Brasil e no exterior. Todos os escritores acadêmicos da ABL são merecedores da vaga que ocupam, pois são de fato escritores com E maiúsculo. É professo grande admiração pelo doutor Ivo Pitanguy, que tem feito verdadeiros milagres na área da cirurgia plástica.

## • O senhor pertence ou simpatiza com algum grupo ou movimento literário da atualidade?

No momento, não, mas depois que passei a concorrer a uma vaga na ABL pude ver que suas atividades são importantes. Não é só a chás da tarde que se resume a vida dos acadêmicos e, sim, a muitos eventos, palestras e edições de livros. Em suma, consi-

dero a ABL o melhor grupo literário da atualidade.

## • Na sua opinião, por que não há imortais paranaenses na ABL? Que escritores do Paraná poderiam se candidatar?

Acredito que existem grandes escritores no Paraná, mas nem todos desejam fazer parte da ABL. Como a academia tem admitido no seu quadro social diversos segmentos da sociedade, tenho a certeza de que o médico Moisés Paciornick — que já tem importantes obras falando sobre sua experiência e conhecimento na área médica — está, sem dúvida, apto a ocupar uma cadeira. Outro é um crítico de respeito: Wilson Martins.

## • O senhor também é músico. O que já compôs?

Na verdade, não me dediquei à música. Estudei cerca de quatro anos na Escola de Belas Artes para aprender a tocar violino. Depois, tive vários professores particulares, mas eles eram muito impacientes e não paravam de gritar, exigir mais e mais, por mais que eu procurasse fazer o melhor. Saturado com os gritos, que me soavam como um diapasão no momento de afinar as cordas do instrumento, acabei desistindo.

## • Como o senhor gostaria de ser lembrado?

Muita gente acha que sou uma cópia do Roberto Carlos e me pedem até autógrafos. Outros me chamam de Michael Jackson. Alguns de Elvis Presley. No Japão, me chamavam de Roberto Carlos japonês e de Elvis. Claro que não sou tão parecido com eles, mas quando passo em frente ao Colégio Leôncio Corrêa, no Bacacheri (*bairro de Curitiba*), rapazes e moças me pedem autógrafos. E quando caminho pelas ruas da city, as pessoas — homens, mulheres e crianças — me olham como se eu chamasse a atenção. A razão de tudo isso fica no ar... De fato, a verdade eu não sei. Para ser franco, não sei como gostaria de ser lembrado: jornalista, poeta, escritor, persistente, sonhador. ☛

## Seja imortal

Para concorrer a uma vaga na ABL, basta que você seja brasileiro e tenha publicado pelo menos um livro na vida. É necessário também enviar à academia, juntamente com seu pedido de inscrição, um currículo e, se possível, a sua obra anexada. Informe-se sobre o endereço da ABL no site da instituição: [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). As inscrições para a cadeira número 7, que pertencia ao embaixador Sérgio Corrêa da Costa, encerraram-se no dia 6 de novembro. A eleição acontece no dia 9 de março de 2006, às 16 horas.

## Os adversários de Hirano

### NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Cineasta. Diretor, roteirista, argumentista e produtor. São dele os filmes *Rio 40 graus*, *Boca de Ouro*, *A terceira margem do rio*, *Na estrada da vida*, *Memórias do cárcere* e *Vidas secas*. É autor do livro **Três vezes Rio**.

### DARIO CASTRO ALVES

Ex-embaixador do Brasil em Lisboa. É autor de **Era Tormes e amanhacia**.

### WALDEMAR CLÁUDIO DOS SANTOS

Teatrorólogo e autor de óperas. Escreveu **Oscilações da vida**, **O Brasil e suas riquezas** e **Quatro amores**.

### JORGE TANNURI

Engenheiro, economista e “recordista de sonetos”. Com mais 2.100 publicados, pretende-se o maior sonetista da história da humanidade. É autor de **Sonetos do último quarto do século 20**.

### RONALDO CUNHA LIMA

Político e jurista, ex-governador, ex-senador e hoje deputado federal pela Paraíba. É autor de **Versos gramaticais**, **Poemas amenos**, **amores demais** e **Gramática poética**.



# VIRAMUNDO



literatura estrangeira

18 **javier cercas**

o motivo

19 **josé saramago**

as intermitências da morte

20 **césar aira**

las noches de flores

22 **antonio di benedetto**

os suicidas

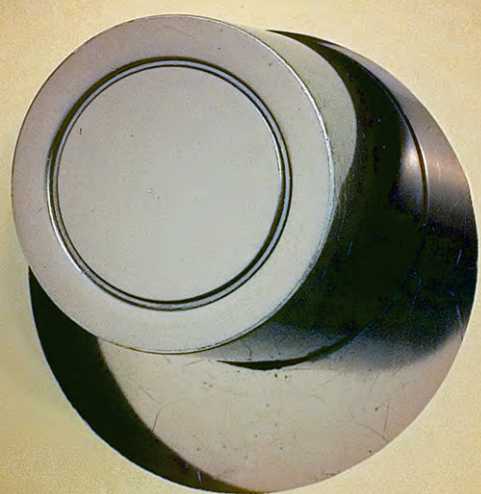
23 **vladimir nabokov**

ada ou ardor

Reprodução



STU@T



**POR FAVOR,  
NÃO  
PERTURBE**

**(PASSEI O DIA INTEIRO  
CONHECENDO FOZ)**



**PARA FICAR DESCANSADO,  
RESERVE JÁ UNS DIAS EXTRAS  
EM FOZ DO IGUAÇU.**



Exatamente no ponto de encontro dos rios Iguaçu e Paraná, num clima agradável e acolhedor, mais de 1 milhão de turistas brasileiros e estrangeiros se encontram todos os anos. O motivo é um só: ver belezas naturais e atrações únicas como as Cataratas, o Parque Nacional do Iguaçu, a usina de Itaipu e as praias do lago da maior hidrelétrica do mundo em produção de energia. Quem curte os esportes da natureza pode aproveitar o tempo para praticar escalada, rafting, trilhas, e o tradicional passeio do Macuco Safari. Ou pode dar uma esticadinha ao outro lado da fronteira para saborear um suculento bife de chorizo argentino ou, ainda, apostar a sorte nos cassinos. Além disso, para seu conforto, Foz conta com uma rede hoteleira de qualidade, gastronomia e comércio comparável aos melhores destinos turísticos do mundo. Reserve já uns dias extras para conhecer melhor Foz do Iguaçu. Com toda certeza, você vai querer voltar sempre.

IGUASSU



CONVENTION  
VISITORS  
BUREAU

[www.iguassu.com.br](http://www.iguassu.com.br)



# O ESCRITOR NO ESPELHO

O **MOTIVO**, primeiro livro do consagrado Javier Cercas, não faz por merecer sua republicação

PAULO KRAUSS • CURITIBA – PR

Escrever um romance sobre um romance dentro de um romance é como aquela brincadeira de colocar um espelho à frente de outro espelho, em que a imagem vai se refletindo indefinidamente. É divertido no começo, mas parece que vai cansando no final, quando nos damos conta que só um espelho já bastaria.

Essa experiência é sempre um risco para o escritor, principalmente se suas tramas não são das melhores, já que suas deficiências acabam multiplicadas pelo romance dentro do romance.

O espanhol Javier Cercas ganhou fama devido a uma bem-sucedida história dentro de outra história, **Soldados de Salamina**, em que, a partir de um escritor que inicia uma investigação para um livro, compõe um maravilhoso relato de um episódio da Guerra Civil na Espanha.

Antes de **Soldados de Salamina**, Javier Cercas já havia brincado com espelhos na novela **O motivo**, publicada em 1987 num livro de contos, e agora relançada solitariamente. É um livro simpático, mas no qual Cercas abusou das imagens.

O protagonista, o escritor Álvaro, está em busca da grande obra de sua vida. Álvaro resolve escrever sobre um autor que planeja um romance em que um casal mata um vizinho de prédio para lhe roubar. Um assassinato semelhante acaba realmente ocorrendo no prédio do escritor e ele se sente culpado, como se sua história tivesse causado a morte.

Impressionado com as próprias idéias, Álvaro passa a enxergar em seu prédio os personagens criados por seu protagonista. Assim, ele se transforma em criador de si mesmo, e age para que a interferência imaginada pelo escritor realmente aconteça na sua vida e na de seus vizinhos. Álvaro passa a ingerir em suas rotinas, tentando obrigá-los a praticar atos que deveriam estar somente no romance dentro daquele outro romance. É nessa hora que Cercas exagera, transitando perigosamente pela inverossimilhança para facilitar as coisas para seu alter ego Álvaro e para o alter ego de Álvaro, aquele outro escritor.

Parece confuso, e é. Cercas optou por um jogo de espelhos para mostrar alguns truques da literatura, mas o que fez foi estragar a mágica, anunciando precipitadamente, em pouco mais de duas dezenas de páginas — a partir da 25.<sup>a</sup>, quando Álvaro realmente começa a escrever a novela —, tudo o que vai acontecer em **O motivo**.

*Um dia o escritor encontra seus vizinhos no elevador; o casal leva consigo um objeto comprido envolto em um papel pardo. O escritor imagina que esse objeto é um machado, e ao chegar em casa resolve que o casal de seu romance matará a machadadas o velho rentista. Alguns dias depois coloca o ponto final em seu romance. Nessa mesma manhã, a porteira descobre o cadáver do velho, assassinado a machadadas.*

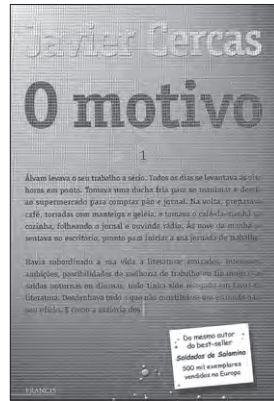
Há somente um escritor em **O motivo**, e ele é Javi-



Divulgação

javier cercas

nasceu em Ibahernando, Espanha, em 1962. É romancista, cronista, colaborador da edição catalã do jornal *El País* e professor de literatura espanhola na Universidade de Girona. Seu primeiro livro publicado no Brasil, **Soldados de Salamina**, já ganhou 32 edições mundo afora e, pelas mãos do cineasta David Trueba, virou filme.

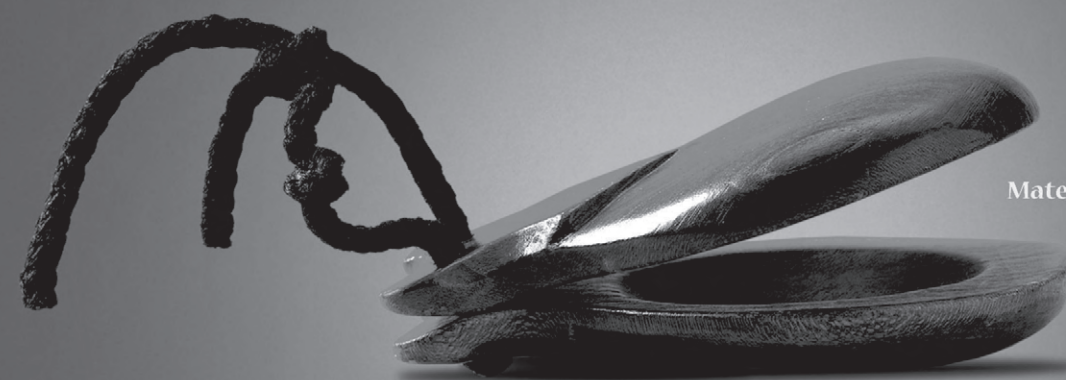


**O motivo**  
Javier Cercas  
Trad.: Tony Rodrigues Francis  
118 págs.

## TRECHO

O motivo

Esboçado o plano geral da obra, Álvaro redige os primeiros rascunhos. Ambiciona construir um perfeito mecanismo de relojoaria; nada deve ser entregue à sorte. Confecciona um fichário para cada uma das suas personagens, no qual registra minuciosamente o curso de suas vacilações, atitudes, desejos, erros. Logo percebe que o essencial — ainda que também o mais difícil — é indicar esse fenômeno osmótico por meio do qual, de uma forma misteriosa, a composição do romance em que o protagonista se entranha modifica de tal forma a vida de seus vizinhos que ele, de alguma forma, acaba sendo o responsável pelo crime por eles cometido. Voluntária ou involuntariamente, arrastado por seu fanatismo criador ou por sua mera inconsciência, o autor é responsável por não ter compreendido a tempo, por não ter podido ou querido evitar essa morte.



Mate sua fome de cultura espanhola.

Get



## josé saramago

nasceu em Ribatejo, Portugal, em 1922. Antes de se dedicar exclusivamente à literatura, trabalhou como jornalista, desenhista, funcionário público e serralheiro. É autor de vinte livros, entre eles **Ensaio sobre a cegueira**, **O evangelho segundo Jesus Cristo** e **Todos os nomes**. Ganhou o Nobel de Literatura em 1998.



JOSÉ SARAMAGO: em sua melhor forma.

# A GREVE DA INDESEJADA

Em **AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE**, José Saramago retorna à sua especialidade literária: transformar o absurdo em realidade

LUÍZ PAULO FACCIOLI • PORTO ALEGRE – RS

Detenhamo-nos por um instante na figura maiúscula e inconfundível de José Saramago: enquanto seu porte avantajado mostra a solidez e o vigor do camponês de origem — e consegue a rara proeza de ocultar a octogenária idade —, o rosto de angulosos contornos, sobranceiras farras e olhos pequenos atrás dos enormes óculos, conjunto que faz a alegria dos caricaturistas, compõe o ar grave e algo *blasé* do intelectual. Aliada a essa ligeira incongruência no visual, a fala serena, em tom sempre baixo e um pouco arrastada, no sotaque característico dos de além-mar. A imagem em nada combina com a velocidade e o depauperamento cultural do mundo contemporâneo, com a corrida tecnológica ou o consumismo exacerbado. Muito menos com o fenômeno da globalização, lugar-comum entre os modismos de hoje. É difícil até mesmo imaginá-lo à frente de um microcomputador, pilotando o correio eletrônico. Saramago é um cavaleiro à la antiga, que — assim idealizamos — continua a escrever seus livros de próprio punho, talvez com caneta-tinteiro, unindo a paciência de um oriental à visão de um humanista. É, sobretudo, um ser inofensivo, que construiu a carreira literária passo a passo, como convinha a uma índole desdenhosa à pressa. Aos poucos, porém, conseguiu atrair a atenção do mundo todo para sua prosa barroca e inimitável, mescla de densidade reflexiva, discurso sinuoso e humor, que ele classifica, modestamente, de “intenção da oralidade”.

O prestígio de José Saramago no universo das artes veio num crescendo ao longo das últimas quatro décadas e culminou com o Nobel em 1998, na primeira e única vez em que o prêmio internacional mais importante da literatura foi concedido a um escritor de língua portuguesa. Como era de se esperar, a conquista trouxe a notoriedade e, junto com ela, também a controvérsia. Primeiro foram os apaixonados de primeira hora da literatura lusitana, para quem o brilho da premiação a Saramago acabou por ofuscar o trabalho de outros escritores portugueses de igual ou maior quilate. Estes, contudo, usando sua polidez característica, afirmam e reafirmam que são gratos a José (assim mesmo eles o chamam) por ele ter iluminado com seu prêmio a produção literária de Portugal e de outros países lusófonos. Talvez essa demonstração de elegância espelhe mesmo a verdade. Mas alguns comentários de natureza política feitos pelo escritor geraram celeuma. Opinando sobre o eterno conflito no Oriente Médio, assumiu uma postura francamente favorável aos palestinos e hostil aos judeus, o que levou seu colega israelense Amós Oz a declarar que ele sofria de “miopia intelectual” (depois da bronca de Oz, Saramago trocou os óculos que eram sua marca registrada por um modelo menor e mais moderno, tornando inevitável a piada).

A visão crítica do sistema político e econômico hoje predominante no mundo — a que apareceu até agora nos livros e, portanto, a única que nos interessa no momento — peca por seu anacronismo. Comunista de velha cepa, na definição precisa de Moacyr Scliar, ele ainda raciocina pelos dicotômicos e maniqueístas conceitos de esquerda e direita, exercício que, levado à ficção, acaba às vezes tangendo perigosamente o panfletário. É o caso de **Ensaio so-**

**bre a lucidez**. Lançado em 2004, o romance tem um argumento dos mais originais — uma eleição municipal cujo escrutínio vai revelar um índice de votos em branco na formidável casa dos oitenta por cento, gerando uma alarmante crise política em todo o país —, mas a exploração de suas várias possibilidades literárias é traída em favor de uma inexplicável ênfase no matiz ideológico, o que acabou frustrando o leitor que se tinha fascinado antes por um irmão mais velho, **Ensaio sobre a cegueira**, de 1995, e esperava encontrar algo de igual grandeza. Afinal, quando um Nobel lança livro, não se pode mesmo esperar dele nada menos que a excelência.

Essas considerações todas passam inevitavelmente pela cabeça do leitor que tem agora em mãos **As intermitências da morte**, romance cujo lançamento mundial aconteceu no Brasil há poucas semanas. Vígésimo título do escritor a entrar para o catálogo da Companhia das Letras, ele segue o mesmo padrão visual dos anteriores que, entretanto, sempre apresenta sutis variações de uma obra a outra. Nessa mais recente, a cor predominante é o branco, do miolo à capa, e esta, assinada por Hélio de Almeida, traz em relevo a reprodução de um belo trabalho do artista plástico Arthur Luiz Piza. Na contracapa está transcrita a abertura do romance. A escolha não poderia ter sido mais feliz: em poucas palavras, o instigante trecho contém o argumento principal da história, além de se constituir num ótimo exemplo da prosa peculiar de Saramago (a pedido do autor, é sempre mantida a ortografia original nas edições brasileiras de todas as suas obras):

*No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada. Nem sequer um daqueles acidentes de automóvel tão frequentes em ocasiões festivas, quando a alegre irresponsabilidade e o excesso de álcool se desafiavam mutuamente nas estradas para decidir sobre quem vai conseguir chegar à morte em primeiro lugar.*

Embora absurdo, o que a princípio não passa de um dado estatístico de uma única data acaba se repetindo no dia seguinte e também no outro, autorizando por fim a população e as autoridades do fictício país a pensar que a morte tenha de fato entrado em greve. Passado o regozijo inicial por essa inesperada conquista da imortalidade humana, o caso logo revela seu lado nocivo e acaba atingindo proporções de calamidade pública. Primeiro os agentes funerários, depois os hospitais, os asilos de velhos — apelidados de “lares do feliz ocaso” na ironia finíssima e contumaz de Saramago —, as companhias seguradoras, vários setores da economia entram em colapso por conta desse descontrolado fornecimento de, digamos assim, sua ma-

téria-prima: enquanto para alguns faltam defuntos, outros não têm como administrar o excesso inusitado de pacientes. E mais não se deve avançar neste resumo sem que se comprometa a surpresa do leitor.

## Ingredientes

A originalidade da trama não garante por si a novidade, como se viu há pouco. Em **As intermitências da morte** ela se apóia em outros detalhes. Em primeiro lugar, chama a atenção o fato de o romance ser excepcionalmente enxuto se comparado aos outros que o antecedem, e isso favorece sobremaneira o ritmo e a força do texto. É claro que a concisão, no caso de Saramago, deve ser sempre relativizada: os longos parágrafos, as frases sinuosas, as digressões, tudo continua como sempre foi — e nem se poderia esperar ou desejar uma mudança profunda num traço estilístico distintivo do autor e que parece já ter chegado definitivamente à maturidade. Mas um tema tão fértil nas mãos de um escritor caudaloso por natureza teria no passado exigido muito além das exiguas 208 páginas que compõem o livro atual. Permanece também a sátira política, outro poderoso ingrediente, mas a ideologia sai de cena com a sábia opção por um país cujo regime é o da monarquia constitucional nos moldes da inglesa: com a figura decorativa do rei como chefe de estado e um primeiro-ministro no comando de um governo corruptível que só faz agravar a crise a cada interferência desastrosa, o autor monta um cenário perfeito e se diverte, na primeira parte da narrativa e justamente sua melhor, a imaginar as trapalhadas que os governantes conseguem sempre cometer em casos que fujam da banalidade burocrática, bem como as chicanas onde eles estão invariavelmente metidos, a despeito de qualquer situação, até mesmo numa tão absurda como a imaginada.

Outro tema recorrente em Saramago, levado agora ao extremo do *nonsense*, é o da impossibilidade. O próprio autor, em recente entrevista à televisão brasileira, admitiu que tornar possível o que jamais o será no plano real é para ele o aspecto mais fascinante da criação ficcional. O insólito, mais do que servir ao caráter fabular de toda sua obra, presta-se também a expor o homem confrontado com aquilo que ele não tem condições de compreender, ridicularizando, de certa forma, a eterna tentativa de ele tratar pela lógica humana questões absolutamente transcendentais a ela. Quando a morte entra na história como personagem real, inaugurando a segunda fase do romance, ela toma a velha e conhecida imagem do esqueleto e sua gadanha, que pode assumir, eventualmente, a forma de uma bela mulher. Como se vê, nada de novo. Contudo, à medida que a narrativa avança, Saramago mostra-se mais afiado que nunca no exercício daquilo que ele considera o melhor de seu ofício: transformar o absurdo em realidade. Então é a morte que se vê subitamente confrontada com um problema insólito, completamente incompreensível para ela, cuja solução levará o romance a um fecho de ouro, chegando ao requinte de usar como derradeira frase a mesma que o abre.

Caso o leitor tenha alguma vez percebido em Saramago sinais de fadiga pela repetição de uma fórmula que já dera certo, mas andava carente de renovação, **As intermitências da morte** está aí para provar que o grande escritor continua em sua melhor forma. **7**

A concisão, no caso de Saramago, deve ser sempre relativizada: os longos parágrafos, as frases sinuosas, as digressões, tudo continua como sempre foi.



**As intermitências da morte**  
José Saramago  
Companhia das Letras  
208 págs.





CÉSAR AIRA: criativo e angustiante

# NO ESCURO

Virtudes do argentino CÉSAR AIRA se encontram principalmente na originalidade com que sua prosa aborda o mundo social

LUÍS AUGUSTO FISCHER  
PORTO ALEGRE – RS

Flores é um bairro grandão numa cidade imensa, Buenos Aires. Não é dos bairros mais afastados, mas também não está tão perto assim das partes e passagens mais óbvias da capital argentina — nem Obelisco, muito menos Boca, nem Florida, nem mesmo as livrarias da Corrientes, nada de Recoleta. Flores era, duas gerações atrás, um aglomerado de casas com terrenos quase de chácaras; hoje, com seus nada significativos oito quilômetros quadrados, abriga umas 140 mil almas (censo de 1991).

É um bairro de classe média, sem maior encanto, e aliás pelo contrário: nos anos 1970, aquela região sofreu um enorme problema, com mudança nos padrões dos trens que por ali passavam, com o deslocamento do comércio para outra parte, com o esvaziamento do bairro em sua antiga qualidade de quase pequena cidade encravada na megalópole. Flores, com sua velha igreja (dedicada a San José de Flores, razão do nome) e sua antiga praça, passou pelos maus bocados que todo habitante de grande cidade conhece: algum vandalismo, depreciação imobiliária, fim da antiga vida mansa.

Não sei se César Aira viveu por lá. Sei que nasceu no interior, em 1949, foi tradutor e professor e é um escritor de grande prestígio na Argentina de nossos dias. Tem um monte de romances, entre os quais este **Las noches de Flores**. Romance? Talvez não exatamente. É uma narrativa longa, de suas 140 páginas, mas com um temperamento mais próximo da novela do que do romance, pelo menos em um sentido, dentre as tantas inutilidades e arbitrariedades da distinção: é que à novela dá para se atribuir uma leveza no trato com os personagens que ao romance me parece que não; este, quando entra em cena, trata de dar um mapa com começo, meio e triste fim ao protagonista, enquanto aquela pode levar a coisa com menos empenho, menos visão de conjunto sobre a época, a sociedade ou mesmo o indivíduo que testemunham a história a ser contada.

Me encantei com a narrativa assim que entrei na primeira página, ainda na livraria. A abertura dá a pista: “Aldo y Rosita Peyró, un matrimonio maduro de

O que mais importa é a verve do narrador de sempre alinhar os episódios com temas da vida, desta vida aqui, do século 21, com o seu neoliberalismo triunfante.

## césar aira

Romancista, dramaturgo e ensaísta argentino, César Aira é o autor de livros como **A trombeta de vime**, **La liebre**, **Embalse**, **Canto castrato**, **El infinito** e **Copi**. Nasceu em Coronel Pringles, em 1949.

Pelo aspecto da paranóia que se materializa na televisão, talvez o único parente de Aira no Brasil seja Fausto Fawcett, o criativo escritor de **Básico instinto**.

Flores, adoptaron un curioso oficio en el que eran únicos y despertaban la curiosidad de los pocos que se enteraban: hacían delivery nocturno para una pizzería del barrio”. Casal de velhinhos que entrega pizza na noite de um bairro decaído — a quem jamais teria ocorrido, no Brasil, fantasiar ou registrar uma tal singularidade, a que não falta enorme dose de tristeza? Não é que nos faltem casais de velhinhos precisando de algum serviço, mesmo que degradante, para complementar a aposentadoria miserável; o que parece nos faltar é escritor com apetite para temas assim tristes.

## A noite do bairro

O livro de Aira começa por aí e segue dando-nos a vida do casal de aposentados, sem pieguice e sem ilusões, por alguns capítulos, quando vamos conhecendo os hábitos da gente do bairro durante a noite, com os aspectos que correspondem: os trajetos que os dois novos levadores de pizza faziam, os hábitos dos compradores, as gorjetas que lá, como aqui, são dadas, etc. Ficamos sabendo que o casal trabalha dividindo o serviço com entregadores em pequenas motos, o que é muito mais comum, lá e aqui, do que entregadores a pé, e ainda por cima velhinhos. Os motoqueiros são gente dali do bairro também, meninos de 15 anos, que já pela idade são ousados, de vez em quando correndo acima da velocidade permitida e aconselhada.

Vai seguindo a história, e vamos ficando interessados por seu aspecto humano, quando o narrador começa sua brincadeira metanarrativa, que vai seguir até o fim. Já a poucas páginas do começo, quando se menciona a morte recente de um dos entregadores, um certo Jonathan, menino da redondeza como os outros, acontece o seguinte: os Peyró, que são gente cumpridora e regular, e portanto caminham direitinho pela calçada — e mais ainda, Aldo sempre dá o lado de dentro da calçada para sua esposa, como havia aprendido na infância —, são surpreendidos por uma louca correria das motos por cima das calçadas, em alta velocidade e em trajetos estranhos, num bailado meio satânico que, se sabe depois, é uma espécie de procissão pela morte do amigo.

Uma barulheira dos infernos, que cessa subitamente e que os vizinhos es-

tranham mas entendem como um castigo dos Céus pela morte de Jonathan, dezenas de motos fazendo estrondo pelas calçadas e desaparecendo de imediato. Daí diz a narração (que traduzo para simplificar a vida do leitor):

*É preciso reconhecer que havia motivos para que ficassem atônitos: a rua vazia, a procissão pela calçada. Em geral na vida contemporânea não acontece nada. Se há uma notícia, a televisão a conta, e tem um modo de assimilá-la muito rápido e deixar de ser novidade. Quase não existe possibilidade de surpreender-se, porque a surpresa sempre já retrocedeu ao passado imediato e só resta a repetição. Aquilo, ao contrário, seguia vibrando, sem explicação, sem repetição.*

O romance vai se fazendo assim, numa estranha mescla de relato da vida dos dois aposentados e de alusão paranóica a uma talvez conspiração, talvez subleção de gente jovem e inarticulada, tudo isso ainda acrescentado de comentários desarvorados sobre a vida moderna. O leitor habilitado na literatura argentina talvez lembre Roberto Arlt, um dos bambas da narrativa portenha da primeira metade do século passado, ele cujas histórias sempre mesclam relato de vidas amargas e de destino miserável, com uma visão conspiratória da vida, mistura que talvez seja representativa do modo de ver o mundo forjado por lá, na capital argentina. Aira mesmo vai espargindo aqui e ali umas breves anotações sobre isso: “E não podia descartar-se totalmente [que a procissão das motos fosse] a exaltação da morte, que havia estendido um manto de melancolia sobre toda a Argentina mas que neles podia ter gerado uma reação do tipo ‘Se Jonathan está morto, tudo nos está permitido’”. Dostoiévski reprocessado à moda portenha, que cultua os mortos de modo obstinado, como em Evita, como em Perón.

## Unidade rara

Aira constrói seu romance de tal maneira que parece não haver plano ou roteiro de conjunto, como se cada cena ou capítulo estivesse sendo pensado na hora em que é relatado e em que o leitor dele toma conhecimento. As cenas se sucedem mas a tensão, que existe, não está na trajetória dos personagens. Onde estará, então? O que é que garante unidade ao livro? Pode ser que o laço de união entre as partes esteja em um dos motoqueiros-entregadores, chamado Walter, que traz certo mistério porque se supõe que ele tinha relação com certo outro motoboy, que se chamava Diego mas que, suspeitava-se, era na realidade uma menina que se fazia passar por rapaz. O leitor logo se dá conta de que Aira faz mais uma brincadeira metanarrativa, agora com a lenda da donzela guerreira, reencarnada num (ou numa) motoqueiro(a) entregador de pizza. Os tempos, os costumes. (Em matéria de donzela guerreira, a literatura brasileira fez viver um caso absoluto, que ano que vem completa 50 anos: Diadorim em **Grande sertão: veredas**.)

Todas as cenas transcorrem no escuro da noite,



como se pode imaginar. Inclui-se aí um encontro inusitado do casal com um tipo apresentado como “metade morcego, metade papagaio”, mas com voz humana e raciocínio de gente, um ser da noite que vira quase amigo dos velinhos caminhadores. Era uma alucinação? Talvez, não se sabe ao certo quase nada, a não ser o fato de que os meninos entregadores também o conheciam. Absurdos como este convivem no bairro com as casas onde vivem os que pedem as pizzas, casas que eram casas mesmo mas também apartamentos ou antigas casas e apartamentos que foram sendo repartidos e re-repartidos, formando uma teia. “Aqui a cidade revelava sua natureza de labirinto espaço-temporal.” Lembra Borges, claro, outro portenho ilustre, mas aqui a coisa engrossa pelo lado social: Aira, que não faz literatura de denúncia ou coisa assemelhada, certamente não foge dessa bronca.

Aparece depois um convento com freiras que pedem pizza noturna, e o relato caminha mostrando o que fazem os meninos com suas motos, o tempo todo sob o enigma da morte do tal Jonathan e da vontade de descobrir o que houve, ao menos de parte dos amigos que ficaram, já que da polícia pouco se pode esperar, porque é corrupta, etcétera, conversa em que os brasileiros também somos experimentados. Mas o que mais importa, para este leitor aqui, ao menos, é a verve do narrador de sempre alinhar os episódios com temas da vida, desta vida aqui, do século 21, com o neoliberalismo triunfante que fez dos antigos aposentados de classe média os novos entregadores de pizza, e fez do antigo operário o papelão de hoje.

Da mesma forma, vai o romance comentando a estranha natureza da vida nos tempos de *reality shows*. Por exemplo: “Aldo e Rosa haviam deixado de ver televisão desde que o trabalho para a pizzaria os fizera adotar outros hábitos e horários. Podiam até crer que tinham saído do mundo da representação e entravam no da realidade”. A amargura dessa observação vai de par com o relato das negociações entre — surpresa — seqüestradores e fa-

Empobrecimento da classe média, motoboys se matando, seqüestro e resgate, televisão onipresente: é a nossa vida, que no romance ganha contornos menos cotidianos por força do arranjo ficcional.

miliares do tal Jonathan, que entram na narração por um flashback, lá pelas tantas, e relata um processo que demorou dias e determinou plantões ininterruptos dos vários canais de televisão na frente da casa da família, a tal ponto que seus amigos entregadores de pizza a cada noite passavam umas três vezes pelos holofotes da televisão ao vivo, sendo vistos num aparelho receptor de televisão por seus mesmos colegas de ofício, que ficavam aguardando pedidos na sede da pizzaria. Curto-circuito em que não se sabe onde começa o relato, onde termina a realidade, se é que há mesmo realidade que exista sem o relato televisivo.

### A paranóia como método

Se o leitor me acompanhou até aqui, deve ter visto que o livro de Aira é realmente criativo e, por isso mesmo, angustiante. Empobrecimento da classe média, motoboys se matando, seqüestro e resgate, televisão onipresente: é a nossa vida, que no romance ganha contornos menos cotidianos por força do arranjo ficcional, que sublinha a paranóia de nossos dias. “No fim das contas, não há modo mais eficaz de estar em toda parte do que não estar em nenhuma, porque os absolutos se tocam e todos se equivalem”, comenta o narrador, que está pensando na polícia, neste momento — “A polícia

(...) é o modelo social deste mecanismo”. Mas pode ser a televisão também, dizemos nós, desolados, porque também ela está em toda parte e em nenhuma. (Por este aspecto, o da paranóia que se materializa na televisão, talvez o único parente de Aira no Brasil seja Fausto Fawcett, o criativo escritor de **Básico instinto** ou dos relatos alucinados e deprimentes que publica aqui e ali.)

O enredo segue com a entrada em cena de novos personagens, um promotor cujo filho é parado numa blitz da polícia, um escritor boliviano que vai passar uns dias na casa desse promotor (cuja esposa, vale notar, é uma escultora desiludida, que parou de esculpir), outro escritor, agora argentino mesmo, que é autor de roteiros para *reality shows* e se chama Pedro Perdón (trocadilho misturado com alusão bíblica). Roteiro para *reality shows?*, perguntará o leitor atento. Mas justamente o que os caracteriza é o não haver roteiro, pois não?

Pois é. César Aira realmente opera numa faixa peculiar. Para mim, parece que suas virtudes estão na originalidade do trato com o mundo social, por um lado, e por outro na criatividade da mescla de realismo trivial com certa inventividade na percepção dos mecanismos de falseamento (a expressão me saiu sem querer, e talvez tenha cabimento) a que somos diariamente expostos. Por isso mesmo suas brincadeiras metanarrativas são tão interessantes e, para gosto de quem curte o tema, criativas.

Por exemplo: este escritor boliviano (Ricardo Gonzáles), segundo vamos lendo, ficou famoso por ter escrito folhetos sobre um sistema de identificação de textos; quer dizer, não escreveu nada, mas divulga um sistema para reconhecer textos escritos por outros. Estamos no campo de uma outra falsificação, de uma outra paranóia, desta vez próxima do talento narrativo de Chico Buarque, especialmente o de **Budapeste**, cujo protagonista é um satisfeito *ghost-writer*, primeiro em português e, depois, em búlgaro. Pode-se dizer que o que está em causa, neste Chico e neste Aira, é a radicalidade da autoria, incluindo a autoria da arte

narrativa, essa mesma que nos permite conhecer a vida discursivamente.

### O novo e o diferente

Lá pelas tantas, já o livro alcançando seu quarto final, ocorre um debate estranho entre Ricardo Gonzáles e o promotor que o acolhe em Buenos Aires. O boliviano, ligeiramente cínico (não por acaso seu pai fora um grande investidor no mercado de artes visuais, com a consciência de que ali está o investimento, o capital, e não qualquer fantasia de transcendência), dirá:

*A arte está buscando sempre o novo, e o novo terminou identificando-se com o diferente. Produziu-se uma reversão de causas e efeitos, e agora basta que seja diferente. E a realidade se define pelo diferente. Mas o crescimento vegetativo da população, e o aumento relativo de artistas na sociedade contemporânea, multiplicou o diferente artístico a tal extremo que hoje quase se pode assegurar que qualquer configuração da realidade já foi antecipada na arte.*

Onde antes o leitor e eu sonhávamos com a arte como representação, como elaboração, como fantasia sobre a vida, Aira vê a dureza da arte como antecipação da vida, dado o imperativo da busca pelo novo, que por sinal é, mas a gente pouco percebe, o mesmo imperativo da mercadoria, que sempre tem que parecer nova, para mobilizar a volúpia do consumo, que nos bota no seu bolso. (Um dos sentidos de paranóia é precisamente este: a presunção de que se pode antecipar a vida nas simulações, a exemplo da arte. Outro sentido de paranóia, que me parece igualmente cabível no caso: ela é o excesso de sentido, ela resulta da multiplicação cancerosa de sentido ali onde não há mais que a vida, a banal vida.)

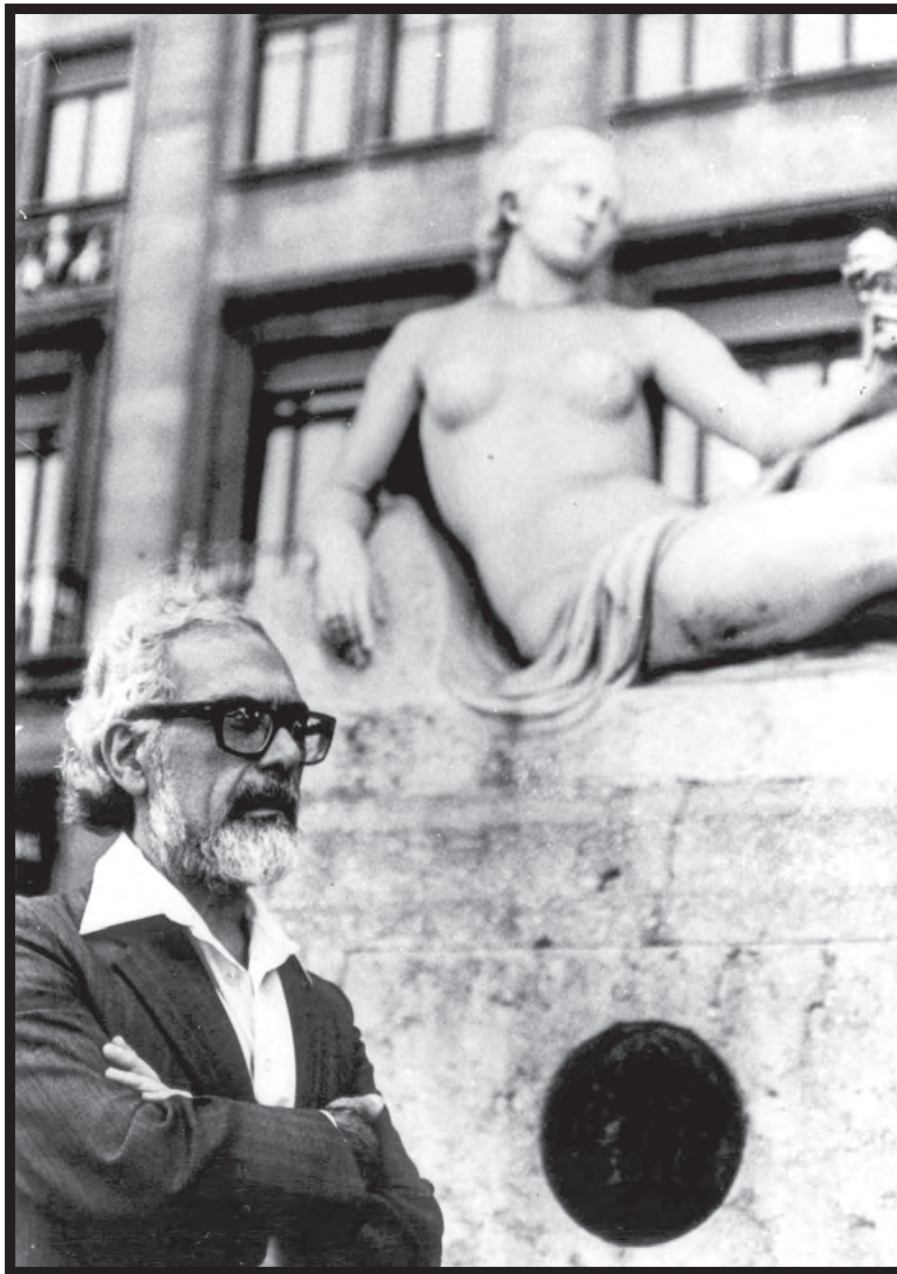
O desfecho de **Las noches de Flores** é menos interessante do que eu esperava (e é claro que não vai ser referido aqui, para não cortar o barato do leitor). Mas, como espero ter apresentado, seu percurso realmente mobiliza a percepção, desautomatizando os canais pelos quais o mundo nos chega. Não é pouca coisa em matéria de narrativa atual. 7

“EU FIZ DE TUDO PRA LEVANTAR O NEGÓCIO DO MEU MARIDO”

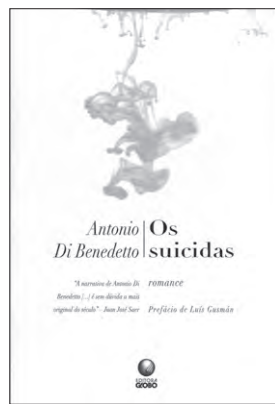
DE ACORDO COM A EXECUTIVA VERA LÚCIA CHAVES, SEU TRABALHO FRENTE À EQUIPE DE VENDAS DA EMPRESA FOI VITAL PARA A RETOMADA DO CRESCIMENTO DA ORGANIZAÇÃO, QUE, DESDE JULHO, VOLTOU A LIDERAR O MERCADO.



Divulgação



ANTONIO DI BENEDETTO: suicídio e sutileza.



**Os suicidas**  
Antonio Di Benedetto  
Trad.: Maria Paula  
Gurgel Ribeiro  
Globo  
164 págs.

A forma como a história se desenrola mostra um autor preocupado não em julgar o suicida ou em rotulá-lo. Mas em mostrar as nuances que permeiam esse ato.

# NA MORGUE

Em **OS SUICIDAS**, o argentino Antonio Di Benedetto discute as várias razões que movem aqueles que se matam

ANDREA RIBEIRO • CURITIBA - PR

## TRECHO

Os suicidas

Na agência, o chefe me disse: “Pode ser a sua chance”. Sem requerer consentimento, ele me introduziu na tarefa. Sobre a escrivãzinha, esparramou três fotografias e me incitou a descobrir o que possivelmente ele já havia observado.

— O que vê nelas?

Considerarei que esperava de mim uma dedução fora do comum. Inclinado, examinei as fotos, que tinham, cada uma, um corpo humano, deitado e vestido. Eu disse:

— Vejo que estão mortos, os três.

— Não é uma resposta muito sagaz.

Aceitei sua mordacidade como uma advertência de que devia ver melhor, e rápido. Incomodou-me, mas transigi, mais pelo pressentimento de que começava a decifrar. Indiquei:

— Uma é mulher, dois são homens.

Realcei, lentamente, como se custasse a se inteirar. Prossegui, sem pressa:

— Ela e este outro conservam os olhos abertos. O terceiro, não.

— Oh! — disse o chefe, deixou de lado a escrivãzinha e caminhou.

Então pensei que não sou um gozador e já bastava porque ele também podia dizer basta. Eu disse:

— Aqueles que estão com os olhos abertos continuam olhando...

O chefe se deteve, eu também.

Senti que entendia e que me importava o que havia entendido:

— Olham... como se olhassem para dentro, mas com horror.

Não precisava de sua aprovação — um som que me lançou —, nem o silêncio com que propiciou a impressão de que faltava alguma coisa. Sim, na minha mente havia um sinal, confuso, até que pude afirmar:

— Estão espantados, têm o espanto nos olhos e, no entanto, em suas bocas se esboçou uma careta de prazer sombrio.

Não duvidei de que havia acertado, que lhe havia ampliado a visão. Isso já bastava. O que em seguida, com urgência, eu precisava saber era o que lhe perguntei:

— Foram mortos?

— Não, se mataram.

Quando aquela voz se torna insuportável, quando ela perfura olhos e ouvidos, não há mais nada a fazer senão obedecê-la. Quem já a ouviu diz que essa voz, tão conhecida como sua própria, é mais forte do que qualquer tipo de controle sobre seu corpo. Domina as mãos, os pés, a cabeça. Faz levantar, pegar uma corda, pendurá-la numa árvore e nela repousar o pescoço, que em breve vai se partir. E tudo vai desaparecer. Para sempre. Dizem que com Judas foi assim. Que os demônios (é com eles que, às vezes, a consciência é comparada) o perturbaram tanto, que aquelas vozes o atormentaram tão imensamente dizendo que ele era o responsável pela morte do filho do Homem, que ele não suportou e deu cabo delas da forma mais rápida que encontrou. Preferiu não ver mais o sol a ouvi-las novamente.

É mais fácil associar os suicidas a gênios incompreendidos, a pessoas depressivas, a homens e mulheres que têm segredos terríveis ou a malucos — a pessoas que ouvem as tais vozes. Fazer isso é, também, muito mais literário, romântico, artístico. Mas é óbvio que não se pode resumir os suicidas, a espíritos livres, geniais e atormentados, a pessoas que têm algo a esconder ou que carregam um peso maior do que o que podem suportar e preferem partir para o desconhecido. Seria muito raso pensar desta forma. Acabar com a própria vida não é literatura. Não é arte e, muito menos, romântico. É uma decisão solitária que, na maioria das vezes, não tem uma razão lógica, mas também não é de todo maluca — sem entrar aqui em juízo de valores ou coisa que o valha.

Camus disse que os são pensam, pelo menos uma vez na vida, em suicídio. Há quem concorde, quem discorde, e quem pense: “Ora, e por que não?”. Esse, aliás, é o questionamento do protagonista do livro **Os suicidas**, do argentino Antonio Di Benedetto. Um jornalista medíocre que tem sua chance na agência de notícias quando o chefe lhe pede para que faça uma série de matérias sobre suicidas. O que, afinal, leva uma pessoa a acabar com sua vida? A matéria, assim como todos nós, já nasce com a morte dentro dela. Quem trabalha com jornalismo sabe: em geral, não se divulga suicídio — a menos, é claro, que seja de uma pessoa bem famosa, como Getúlio Vargas ou Kurt Cobain, por exemplo. Mesmo assim, o jornalista aceita o desafio. Afinal, ele tem motivos pessoais para isso: seu pai se matou, aos 33 anos. E em breve se aproxima, para ele mesmo, a idade de Cristo — como gritam nos bingos da vida.

Já disse uma vez — ao falar de um outro livro com o mesmo tema, há alguns **Rascunhos (O suicida feliz**, de Paulo Nogueira) — que é complicado escrever sobre suicídio sem cair na pieguice. E, novamente, reconheço que alguns escritores conseguem a façanha. Di Benedetto, contemporâneo de Borges, é um deles. Escreve de forma profunda, mas muito leve. Trata do assunto espinhoso com talento. Não cai no óbvio. A forma como a história se desenrola mostra um autor preocupado não em julgar o suicida ou em rotulá-lo. Mas em mostrar as nuances que permeiam esse ato. Desespero? Medo? Coragem? Tédio? Não interessa. Mesmo. Mas, por não se tratar de um estudo científico ou de um tratado sobre o suicídio, é óbvio que **Os suicidas** acaba se agarrando em alguns aspectos mais literários. Pelo livro desfilam personagens secundários — os objetos de estudo do jornalista — que demonstram, além da vontade de se matar, outra característica em comum. Têm a vida morna. Sem sal. Mesmo assim, o que sobra, no final, é o corpo rígido e estendido na mesa do IML. Cru assim. Solitário assim. “[...] qualquer um, em qualquer momento, pode se lembrar que vai morrer e medir a importância do que vai perder, a vida, porque ‘não se volta’, não se volta a viver.”

O livro é fluido. A linguagem tem frases curtas, orais, visuais. Deve ser lido de um fôlego só. Deve ser lido como um caso dos bons. Nem mesmo as várias citações (que fazem parte da pesquisa sobre o suicídio para o fechamento da matéria, às vezes bastante técnicos) são suficientes para quebrar o ritmo da leitura. Pelo contrário. Enriquecem a obra. Corroboram para a idéia de Di Benedetto: a de que os suicidas não têm sempre as mesmas razões para dar ouvidos às vozes interiores. Que eles têm tantos motivos para dar cabo de suas vidas quanto os têm os que querem preservá-la a todo custo. 7



antonio di benedetto

nasceu em Mendoza (Argentina), em 1922. Era jornalista e escritor. Foi preso no primeiro dia da ditadura militar em seu país, em março de 1976. Exilado por quase dez anos, voltou à Argentina em 1984 e morreu dois anos depois. Entre suas obras mais importantes estão **Zama** e **El silenciero**.

Camus disse que os são pensam, pelo menos uma vez na vida, em suicídio. Há quem concorde, quem discorde, e quem pense: “Ora, e por que não?”. Esse é o questionamento do protagonista do livro **Os suicidas**, do argentino Antonio Di Benedetto.





## Introdução a Marina

Na introdução que escreveu para o primeiro livro de Marina Tsvietáieva lançado no Brasil — traduzido por ele e recém-publicado pela Travessa dos Editores —, o poeta e semiota Décio Pignatari (foto) destacou que se o século 19, na Rússia, foi dos grandes prosadores, o século 20 jogou luz sobre o trabalho de alguns dos melhores poetas de nosso tempo. E entre eles — Pasternak, Maiakovski, Iessênin, Ana Akhmátova, Puchkin —, sem dúvida, estava Marina, pouco conhecida no Brasil, mas fundamental a qualquer antologia modernista russa. Marina nasceu em Moscou, em 1892, numa família que poderia ser considerada, hoje, de classe média alta; de pai viúvo, o professor universitário Ivan, casado em segundas núpcias com sua mãe, Maria, uma pianista frustrada, descendente de alemães e poloneses, morta pela tuberculose quando a filha tinha apenas 14 anos. Dela, a menina herdou sua musicalização, seu antimaterialismo e seu interesse pela língua e pelo romantismo ger-

mânicos. Marina sempre levou uma vida extremamente liberal, em todos os sentidos. Casou-se cedo, criou três filhos, manteve dezenas de amantes, nunca escondeu sua bissexualidade e participou ativamente da vida cultural européia, em especial da checa e francesa. Mas as grandes guerras do século, auxiliadas pela Revolução Russa, acabaram por vencê-la. Entre outras tristezas menores, viu dissolver-se sua família, entre mortes, exílios e prisões. Em 1941, enforcou-se, deixando apenas um bilhete: “Não me enterrem viva: verifiquem bem!”. Ninguém compareceu ao funeral. Para Pignatari, seu *Poema do fim*, presente no livro *Marina Tsvietáieva*, é o “mais espantoso poema de amor do século” passado. ❶

### poema do fim

Marina Tsvietáieva

1.

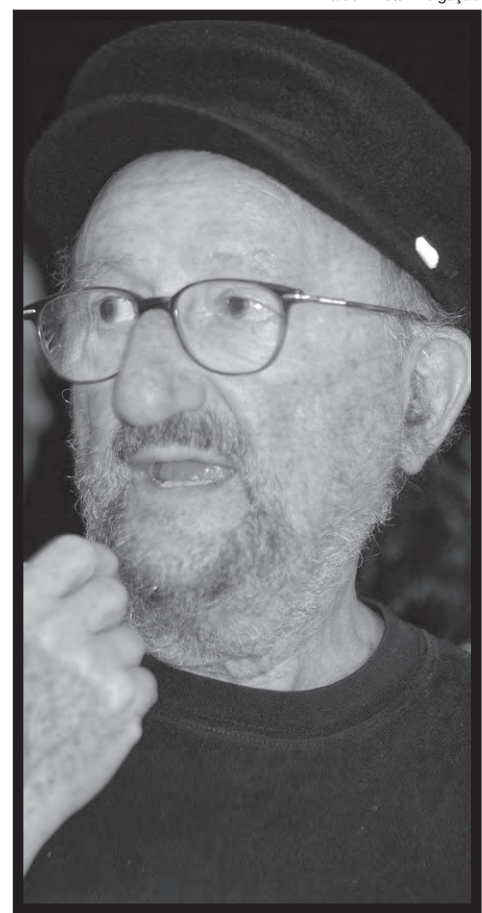
Céu de lata e ferrugem.  
Indicador em riste — o poste  
aponta o nosso lugar:  
destino triste.

Menos quinze — Pontual?  
(A morte não espera). Muito  
lento o gesto —  
de-co-la-gem do chapéu.

Cada cílio — farpa.  
Boca — risco: afeta  
sem afeto a larga  
reverência teatral.

— No horário, hem?! Friso  
falso no tom: alarme:  
(coração capta aviso): sinal  
que a mente trans-mente?

[...]



Arnaldo Alves/Divulgação

# COMO ESCREVER ROMANCES

ADA OU ARDOR, lançado por Nabokov aos 70 anos de idade, é a obra mais ambiciosa de sua carreira

FABIO SILVESTRE CARDOSO • SÃO PAULO – SP

Alguns escritores, para o bem ou para o mal, têm suas trajetórias marcadas por alguma obra. Para ser mais claro, ainda que eles possuam inúmeros livros publicados, sempre que seus nomes são mencionados em antologias, estudos literários, discussões acadêmicas e conversas entre literatos, há sempre um livro que é tido como peça-chave. Com efeito, exemplos desses autores (e suas *masterpieces*) não faltam: Kafka e *A Metamorfose*; T. S. Eliot e sua *Waste Land*; Charles Baudelaire e *As Flores do Mal*; Nabokov e *Lolita*. Este último, a propósito, tem não apenas sua obra centrada na importância de apenas um romance, como também sua literatura restrita a uma discussão moral, posto que o já referido *Lolita* aborda um tema para lá de espinhoso, dizendo o mínimo, que é a pedofilia. Contudo, Nabokov não parou nesse romance. É o que se tem visto com a edição de sua obra no Brasil, pela Companhia das Letras, que agora lança em português *Ada ou Ardor — Crônica de uma família*, livro em que o autor reforça o viço do seu estilo e aprimora a virtude temática.

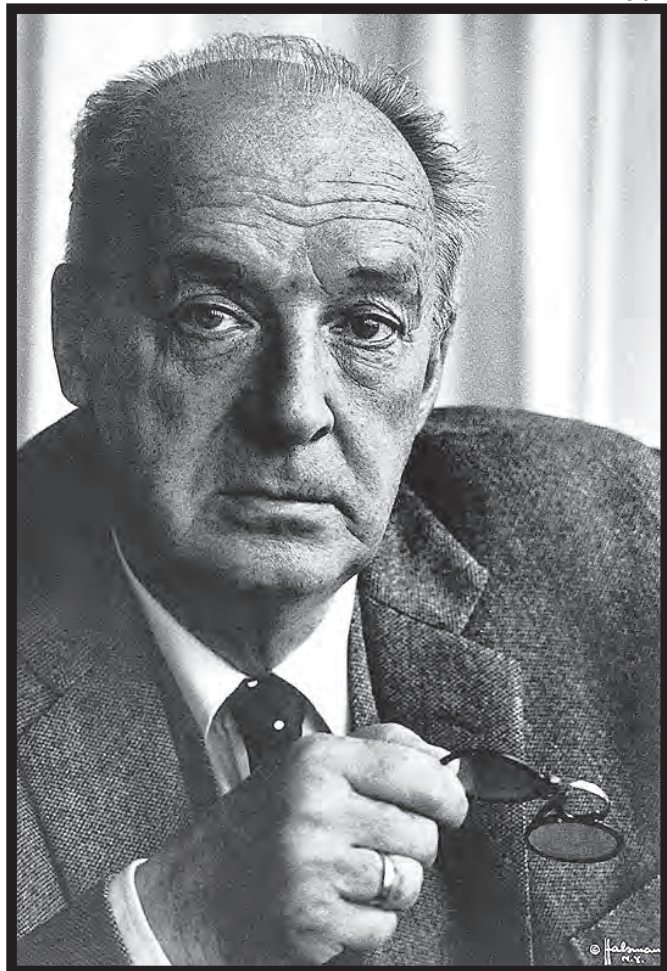
Tal quilate literário fica claro desde as primeiras linhas. Isso porque quem conhece *Anna Karênina*, de Tolstói, costuma esticar a primeira frase daquele romance a todos os outros que mencionam como índice a família (como faz este título de Nabokov). Assim é natural que a frase inicial do romance de Tolstói apareça: “Todas as famílias felizes são mais ou menos parecidas; as infelizes são infelizes cada qual à sua maneira”. Em *Ada ou Ardor*, Nabokov faz uma paródia com essa sentença e, conseqüentemente, até um princípio de blague. Diz ele, em seguida, que, ao contrário do que o leitor possa supor, não há qualquer relação entre aquele romance e esta crônica familiar, uma vez que é outra obra de Tolstói que se assemelha ao presente livro. Em todo caso, essa explicação, que consta logo no primeiro parágrafo, é uma mostra do que aguarda o leitor nas páginas seguintes: muitas referências literárias e uma narrativa bem elaborada que, por sua vez, demandam uma atenção especial a fim de apreender todos os sentidos deste romance.

### Na Mansão de Ardis

Resumindo-o em poucas palavras, o livro dissecar, para todos os efeitos, o profundo íntimo das relações humanas (bem como amorosas) de um casal desde sua tenra infância. Nesse sentido, o vínculo familiar é de tal maneira intenso que o próprio Nabokov decide estruturar, antes que o romance se inicie, uma árvore genealógica que remonta os primórdios da família em questão. Assim, o leitor logo descobre quem é quem, mas, desde os primeiros parágrafos, percebe-se que os personagens centrais deste livro são o casal Van e Ada, fiéis depositários de esperanças, sonhos, amarguras e frustrações.

É preciso afirmar que, ainda nesse princípio, a trajetória de Ada e Van se confunde com a história da Mansão de Ardis. Nabokov deixa isso bem claro ao descrever a casa com riqueza de detalhes semelhante aos perfis que traça das personagens, apontando, no primeiro caso, elementos de sua decoração e de seu ambiente; e, no segundo, traços de personalidade e, sobretudo, olhares sobre pessoas e lugares. As minúcias e, com isso, nunca cessam, a ponto de o narrador ressaltar com a mesma fidelidade nuances da fala e gestos. Isso fica evidente quando é trazida a referência a propósito do título do livro: “Dá para se ver o Tarn da janela da biblioteca, disse Marina. Daqui a pouco Ada vai te mostrar todos os quartos da casa. Ada? (Pronunciou o nome à maneira russa, com dois ‘a’ profundos e graves, fazendo-o soar como a pronúncia inglesa da palavra ardor)”.

Os parênteses, espécie de notas de rodapé, evidenciam o caráter quase ensaístico que o autor propõe nesta obra. Desse modo, à medida que se avança na leitura, o leitor aprende porque é possível considerar *Ada ou Ardor* um



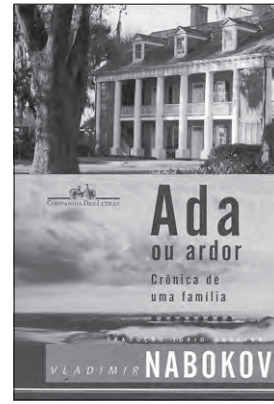
Divulgação

NABOKOV: homenagem ao cânone ocidental.

romance sobre como escrever romances. Composto a partir de anotações realizadas entre 1959 e 1966, a narrativa por vezes se torna entrecortada de referências internas à origem e ao conteúdo de outros romances. Só isso explica a existência, para além da metalinguagem e do *roman à clef* (texto que trata de temas reais por trás da fachada de ficção), o número de paródias aparentemente fora do lugar, mas que estão presentes nas grandes obras da literatura mundial, em especial nos romances do século 19. Aqui, além de Tolstói, surgem os franceses Flaubert e Guy de Maupassant, sendo que deste último o enredo de um de seus contos é tomado emprestado para virar obra de uma personagem do livro.

Nota-se, ainda, outro contraste no que se refere à forma, posto que, se os parágrafos são extensos, alguns capítulos são mais curtos que o esperado. Com tudo isso, o leitor pode acreditar que Nabokov preferiu um exercício de estilo a uma narrativa convencional, como se quisesse provar que, de fato, é um escritor genial e brilhante. Entretanto, muito embora a leitura seja um pouco pedregosa, há que se notar não somente o aspecto experimental, mas, principalmente, farsesco, burlesco, até mesmo cômico de *Ada ou Ardor*. De um lado, porque o escritor mescla em sua narrativa não somente a con-

dição humana, com seus vícios e virtudes, mas também tece um panorama da vida aristocrática na Rússia pré-revolução (algo que ele mesmo, Nabokov, presenciou — eis aí o dado biográfico da história), sem mencionar o elemento da ficção científica — os personagens vivem na Antiterra, lugar que se parece muito com a Terra, mas não é ela. Por outro lado, os elementos farsescos podem ser atestados à medida que se entendem, e daí a importância da leitura das notas acrescentadas ao final do livro, todas as referências que o autor propõe. A começar pelo já citado *Anna Karênina*, no qual está incutida a piada das péssimas traduções, as demais citações são uma forma de fazer comichão da chamada alta literatura, como quando diz que Proust “gostava de decapitar ratos quando perdia o sono, ou tratar da barbicha pontuda do dramaturgo William [Shakespeare]”.



Ada ou Ardor  
Vladimir Nabokov  
Trad.: Jorio Dauster  
Companhia das Letras  
465 págs.

### vladimir nabokov

nasceu em São Petersburgo, na Rússia, em 1899. Viveu na Alemanha, na França e nos Estados Unidos. Morreu na Suíça, em 1977. É autor de *Lolita*, *Ada ou Ardor* e *Fogo pálido*, entre outros.

### Biscoito fino

Com todos esses elementos juntos, a sensação de que o escritor elabora uma “obra com teor de ensaio ganha ainda mais força se se perceber a prosa requintada de Nabokov. De fato, mesmo lidando com literatura erótica e ficção científica (temas aparentemente “menores”), ele não faz concessão ao estilo. A forma não perde espaço e, conseqüentemente, arremata o chamado romance de idéias. Obviamente, como se trata de um texto acima da média, não é, de longe, uma literatura popular; mesmo assim, há inúmeros elementos de uma narrativa cômica, num estágio acima, quem sabe, da piada pronta; para citar Oswald de Andrade, é um biscoito fino.

Nesse sentido, ao final do livro, há um posfácio intitulado *O fascínio de Ada*, assinado por Brian Boyd, autor de duas biografias de Nabokov. A leitura é de fundamental importância para o entendimento das menções existentes em *Ada ou Ardor*, mas também se faz necessária para colocar o livro em seu devido lugar na história. Em outras palavras, Boyd assevera que esta obra se equivale ao *Ulisses*, de James Joyce, mesmo que os paralelos traçados entre os livros estejam mais encontrando pontos distintos do que detalhes em comum. Ainda assim, o que o biógrafo assinala é o caráter único que as duas obras adquirem, cada qual em seu lugar na história da literatura. Com isso (e o leitor que me perdoe o *name-dropping* a seguir), enquanto Joyce mistura Homero e Shakespeare, escreve Boyd, Nabokov passeia por Chateaubriand, Dickens, Rimbaud, Proust, Cervantes, numa espécie de homenagem ao cânone da literatura ocidental. De volta ao terreno do ensaísmo, é como que uma referência indireta aos clássicos nesse estudo literário.

Em que pese essa interpretação, *Ada ou Ardor* não deve, de maneira alguma, ser encarado como um livro para iniciados, os cultores dos clássicos. Se é verdade que eles poderão apreciar o romance com maior prazer, também é verdade que o leitor médio poderá, com esforço e disciplina, poderá conhecer uma nova forma de contar histórias, com a vantagem de poder conferir as pistas ao final do livro. Por outro lado, é uma ótima oportunidade para conhecer mais de Nabokov e saber que, ao contrário do discurso lugar-comum, ele escreveu outras obras-primas. ❷



## PRATELEIRA

### O MELHOR POSSÍVEL

Apesar de possuir um talento incomum para as letras e para as artes do pensamento, o insolente francês François-Marie Arouet acabou levemente desconsiderado tanto por escritores e filósofos de carteirinha quanto por beletistas e acadêmicos. Mas como é que Voltaire — pseudônimo pelo qual ficou conhecido — poderia ajustar sua pena irreverente e anticlerical aos estatutos dessa ou daquela escola de pensadores? Os filósofos o viam como um dileitante bem-intencionado. Por outro lado, os colegas ficcionistas acreditavam que seus textos literários não tinham valor estético autônomo, que só existiam enquanto ligados às teses iluministas que seu autor defendia. No entanto, os quase quatro séculos de popularidade da novela *Cândido* ou *O otimismo* atiram essa querela no lixo da história. O bordão irônico do sábio Pangloss — “tudo está o melhor possível” — sobreviveu ao tempo, juntamente com tantas outras zombarias: *Zadig* ou *O destino*, *Micrômegas*, *O mundo como está*, etc. Assim, novamente reunidos pela Globo, os **Contos e novelas** de Voltaire voltam às livrarias brasileiras. Com tradução de Mario Quintana, prefácio de Roger Bastide, notas de Sérgio Milliet e introdução de Gilbert Chinard.



Divulgação



**Contos e novelas**  
Voltaire  
Trad.: Mario Quintana  
Globo  
784 págs.

### VELHA NEGRA



**Baixo calão**  
Réjean Ducharme  
Trad.: Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson  
Estação Liberdade  
320 págs.

Um dos maiores representantes literários da Revolução Tranqüila, movimento que mexeu com a sociedade canadense dos anos 60, o recluso Réjean Ducharme ainda hoje recebe da mídia alcunhas estranhas como “a ovelha negra do Canadá francês”. Apesar de já publicar seus trabalhos há quatro décadas, sempre dando vazão a uma literatura de viés pessimista, mas indiscutivelmente cômico e um tanto desviado, Ducharme nunca havia sido lançado no Brasil. Agora, integrando a coleção *Latitude* — que a Estação Liberdade dedica aos ficcionistas contemporâneos de língua francesa —, o escritor finalmente edita por aqui **Baixo calão**. Ambientada na Montreal dos anos 70, a obra conta a história de Johnny e de seus relacionamentos com as muitas mulheres de sua vida.

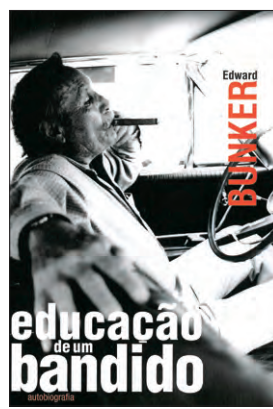
### INVEJOSO



**Quase o autor**  
John Colapinto  
Trad.: Ana Maria Mandin  
ARX  
336 págs.

Cal Cunningham quer ser um escritor cultuado, mas não passa de um sujeito medíocre que acredita que suas aventuras sexuais dariam um grande livro. E aqui elas vêm. Mas quem acaba escrevendo a obra-prima é seu colega de apartamento, Stewart. Quando Cal lê os originais do amigo, se espanta: o material é excelente. Por isso, quando Stewart morre num acidente, ele assume a autoria do romance. O trabalho vira um *best seller* e Cal é acolhido com louvor pelo seleto círculo de intelectuais de Nova York. Mas seu segredo não está tão bem guardado quanto ele imaginava, e, para preservá-lo, vale tudo. **Quase o autor** foi escrito pelo célebre repórter americano John Colapinto, colaborador de publicações como *Vanity Fair*, *Rolling Stone*, *Esquire*, *The New Yorker* e outras mais.

### DA BANDIDAGEM



**Educação de um bandido**  
Edward Bunker  
Trad.: Francisco R. S. Innocêncio Barracuda  
384 págs.

Edward Bunker morreu em julho, aos 71 anos. Até os 40, viveu encarcerado. Sua primeira prisão aconteceu aos quatro anos, quando o meteram num internato. Aos 17, tornou-se o detento mais jovem de San Quentin. A partir de 1975 — quando ganhou a liberdade para nunca mais perdê-la —, endireitou-se. Tornou-se um escritor marginal respeitado, autor de livros como *Cão come cão* e *Animal Factory*. Como ator, chegou a atuar em *Cães de aluguel*, de Quentin Tarantino. Resumindo, Bunker fazia o tipo “avião”. Construiu cuidadosamente sua lenda pessoal. Na autobiografia **Educação de um bandido**, ele deixa isso bem claro. Garante, por exemplo, que foi concebido em Hollywood durante o terremoto de 1933. E teria nascido no réveillon, em meio a uma enchente devastadora.

### ENTRE IMIGRANTES



**Balada russa**  
Wladimir Kaminer  
Trad.: Claudia Abeling  
Globo  
186 págs.

Moscovita de 30 e tantos anos, Wladimir Kaminer, aos 22, emigrou, com sua família para Berlim. Dramaturgo e colaborador constante da imprensa germânica, apresentador de seu próprio programa de tevê, Kaminer rapidamente se tornou uma das grandes revelações literárias da Alemanha. Nos contos curtos de **Balada russa**, seu livro de estreia, de 2000, o autor retrata, baseado nas experiências que teve ao chegar ao país, a vida dura que levam seus conterrâneos na Berlim contemporânea. Mas, diferentemente do que se dá com outras obras relativas à imigração, **Balada russa** o faz com bom humor e leveza. Sobre o livro, a crítica alemã já disse que, enquanto não se escreve o “grande romance berlinense”, as histórias de Kaminer servem como substitutos divertidos.

### ULTRAJANTE



**Vou cuspir no seu túmulo**  
Boris Vian  
Trad.: Mauro Pinheiro  
Ediouro  
126 págs.

Boris Vian — engenheiro, escritor, poeta, trompetista, cantor e compositor cardíaco francês — profetizou que morreria antes dos 40. E, em 1959, aos 39 anos, enquanto assistia a um filme baseado num de seus livros, finalmente viu cumprir a profecia. O longa era **Vou cuspir no seu túmulo**, inspirado no romance lançado por Vian 12 anos antes. Com o objetivo de compor um *best seller noir* no estilo norte-americano, ele, em apenas 15 dias, teria escrito a obra. Mas inventou uma mentira para divulgá-lo. Atribuiu-o ao fictício Vernon Sullivan. Vian seria somente seu tradutor. A história dos assassinatos cometidos por um mulato louro para vingar a morte do irmão vendeu horrores. Mexia com violência, sexo e racismo. Ao ser revelado como o autor da obra, Vian, por sua “imoralidade”, acabou condenado por ultraje.

### TRECHO DE VOU CUSPIR NO SEU TÚMULO

“Reincidi e abri seu penhoar. Consegui arrancar sua calcinha, antes que pudesse me acertar de novo. Interceptei seu soco e segurei suas mãos nas costas. Elas cabiam facilmente na palma da minha mão direita. Ela lutava em silêncio, porém furiosa, e tentou me atingir com seus joelhos, mas deslizei minha mão esquerda sobre seus quadris e a apertei contra meu corpo. Ela tentou me morder sobre o pijama. Eu precisava de mais uma mão. Senti seu sexo crespo contra minha coxa direita e a ergui um pouco do chão. Mas não conseguia me livrar da minha cueca. Larguei-a bruscamente e a empurrei sobre sua cama. — Finalmente — lhe disse — você conseguiu se virar sozinha até agora. Seria besteira minha me cansar por tão pouco. Ela estava a ponto de chorar, mas seus olhos brilhavam de ódio. Nem sequer tentou se vestir, e eu me deleitei com a visão. Ela tinha os pêlos pubianos negros e espessos, brilhantes com astracã. Eu me virei e andei até a porta.”

## VIDRAÇA

### Cristão? Frescão?

Não é grande novidade, mas vale o registro no **Rascunho**: o escritor curitibano Yves Hublet, autor de várias obras infanto-juvenis, emplacou seu maior sucesso no fim de novembro. Meteu duas bengaladas retumbantes na idéia do cassado José Dirceu. E Yves gritava, quase desvaído: “Frestão! Frestão!”. A palavra causou estranheza entre os presentes. Cristão?, entenderam alguns. Frescão, sugeriram outros. E dá-lhe jornalista correndo atrás de professor universitário, caçando explicações para a referência quixotesca. Resta saber que gigantes Dirceu teria transformado em moinhos de vento.

### Pitol leva o Cervantes

O mexicano Sergio Pitol é o vencedor do Prêmio Cervantes de Literatura 2005, considerado o mais importante concedido a autores de língua espanhola. Para melhorar sua vida, Pitol, autor de **O desfile do amor**, ganhou o equivalente a 105 mil dólares.



Divulgação

### Outros premiados

O Prêmio Portugal Telecom 2005 também anunciou seu vencedor. O gaúcho Amílcar Bettega Barbosa (foto) ficou em primeiro lugar, com o livro de contos **Os lados do círculo**. Em segundo, ficou Silvano Santiago (com **O falso mentiroso**), e, em terceiro, Edgard Telles Ribeiro (com **Histórias mirabolantes de amores clandestinos**). O trio ganhou, respectivamente, R\$ 100 mil, R\$ 35 mil e R\$ 15 mil.

### Nestlé é do Bartolomeu

Quem também ganhou prêmio foi o mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, vencedor do Nestlé de Literatura 2005, por seu livro **O olho de vidro de meu avô**. Bartolomeu recebe R\$ 55 mil. Já Salim Miguel, Maria José Silveira e Sinval Medina receberam menções honrosas.

### Fronteira aberta

O escritor paranaense Miguel Sanches Neto, colaborador do **Rascunho**, foi o vencedor do 2.º Prêmio Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina, que visa estimular a produção de artistas e intelectuais dos dois países vizinhos. Miguel, autor de **Chove sobre minha infância**, **Herdando uma biblioteca** e **Um amor anarquista**, levou R\$ 25 mil. O brasileiro premiado no ano passado, quando o prêmio foi instituído, foi o cineasta Beto Brant, diretor de *O invasor*, *Ação entre amigos* e *Os matadores*.

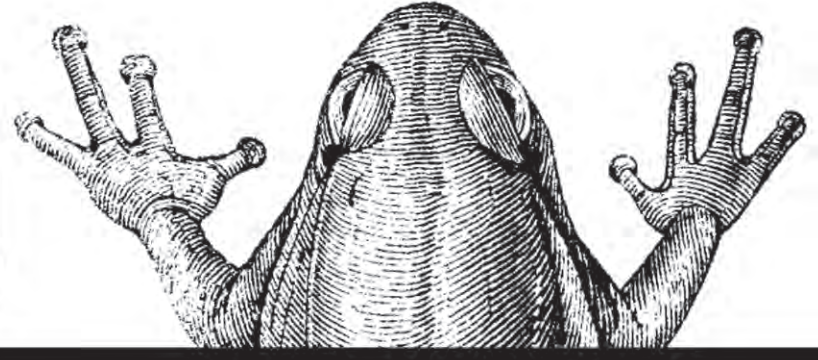
### Simple, pequeno e poderoso

García Márquez conquistou uma nova fã. A atriz Luana Piovani anunciou em seu blog pessoal (<http://tudodebom.luapio.zip.net>) que acabou de ler **Cem anos de solidão** — seu “companheiro de seis meses”. Adorou. E garantiu que se despede dele “com uma sensação boa de respeito por uma coisa tão simples, pequena e poderosa: o livro!”.

### Muniz Sodré na Biblioteca Nacional

Já tomou posse o substituto de Pedro Corrêa do Lago na presidência — conturbada — da Fundação Biblioteca Nacional. O professor universitário baiano Muniz Sodré, pesquisador de comunicação e cultura, assume o cargo prometendo, entre outras ações, criar 400 bibliotecas públicas pelo Brasil. Durante sua cerimônia de posse, ocorrida no final do mês passado, Sodré e o ministro da Cultura Gilberto Gil comentaram alguns dos acontecimentos que recentemente abalaram a Fundação — como o roubo de centenas de fotos históricas de seu acervo —, mas evitaram pronunciar o nome de Corrêa do Lago. ●





## Dolorida

Ronaldo Correia de Brito

Sete nós na camisa e o Pai-Nosso resmungado de trás pra frente. Era esse o conjuro das catimbozeiras de minha terra pra mudar de signo, se tornar diferente, melhor ou pior. Só isso. Nada de coração de bode preto, língua de víbora, cabeça de codorna, miolo de asno, fava-moura, pedra-ímã, flor de hidra, corda de enforcado, unha de cobra, sombra de mulher menstruada, nadinha de nada. Sete nós numa camisa, um espojado de cavalo, a encruzilhada em lua cheia, meia-noite de uma quinta pra sexta-feira. Arre! Cuspo de raiva! Fiz pior que tudo isso. Arribei-me do meu mundo distante, saí à cata de outro destino. E no que deu? Nisto. Uma cidade grande, uma rua, uma esquina, um viaduto, caixas de papelão, sacos plásticos, e a mesma fome me roendo por dentro.

Dei os sete nós na camisa e vesti pelo avesso. Cumpri o que ensinaram pra reverter a sina ruim. E agora, que sou eu? Dolorida. E esse homem morto aos meus pés? Um homem. Uma carniça que os urubus estão doidos pra comer, mas não comem porque não deixo. Eu, Dolorida. Esse é meu nome, mesmo. Parece nome de gente? Parece não, mas é o que carrego desde que nasci. Dolorida, para me dolorir bem muito. Xô, desgraça! Xô! Xô! Só porque o meu velho era um bêbado e vivia caído pela rua, pensam que vão levar? Levam não! Nem o corpo e nem a alma. O Diabo que experimente. Ninguém me passa a perna. Ele não prestava, nunca prestou, mas é meu. Podre do jeito que está é a única coisa que tenho. Xô! Xô! Vão agourar a mãe.

Ah, memória fraca e perdida. Esqueci tudo. Desde hoje eu tento me lembrar de uma reza. Queria rezar pra meu morto. Eu sabia tantas. Na minha terra se rezava pra tudo: pra chover, pra caírem os dentes, pra nascerem outros, pra tirar olhado de menino, pra espinhela caída e carne trilhada. Meu Deus, até pra casar! Como eu rezei pra casar com esse homem.

*Meu São Roque  
aqui estou aos vossos pés  
sem me rir e sem chorar  
a vós pedindo que me dêis  
um noivo para casar.*

Meu São Roque, faz tanto tempo, era tão longe. Ainda existe aquele lugar? Um povoado com nove casas, ou dez, ou onze, nem me lembro mais. Mergulhamos no esquecimento e, quando acordamos, o Diabo aparece e carrega a gente. Mas este Ele ainda não carregou. Só se me levar junto. Meu velho não valia nada. Não dizia coisa com coisa. Desde que viemos embora e nos perdemos neste mundo grande de cidade, ele se apalermou. Meu São Roque, por que você não disse pra gente não vir? Agora tudo é longe. Está escuro sem ser noite. E este morto, aqui do meu lado, marca o meu tempo. O que foi que eu deixei de ver?

Um dia, olhando pela janela vi passar um homem cheio de feridas. O que é isso tão feio, ninguém falou a mim que existia? É a doença, responderam. Numa tarde, olhei de novo pela janela e vi uma mulher se arrastando, enrugada como estou agora. Disseram que era a velhice. Não é possível que ainda falte conhecer coisa pior.

Não! Não! Xô! Xô! Xô! Não levam o meu velho que eu não deixo.

Conheci a morte. Este homem caído aos meus pés está morto. Morto, mesmo. Duro, amarelo, frio, sem respirar. Quando São Roque me deu ele em casamento, não me disse que íamos ficar velhos, doentes, miseráveis e, por cima de tudo, morrer.

Se eu não viesse embora pra cidade, será que ele teria morrido? Teria, sim. Os de lá também morrem. Mas, pelo menos, aparece um conhecido, uma vizinha que ajuda a encomendar o corpo e rezar bonito. Aqui, estou sozinha. Sozinha com ele, que não valia nada, mas era meu marido.

*Uma incelência...*

Se passa alguma pessoa e escuta, acha que estou doida. Cantar para um morto... Só na minha terra. Lá, as pessoas adoecem e morrem em casa. Aqui, vão morrer nos hospitais.

*Uma incelência...*

Eu cantava a noite toda. Até pra vestir o defunto, peça por peça.

*Arrecebe pecador  
a derradeira camisa  
os anjos tão te esperando  
pra levar pro paraíso.*

E vestia a calça, as meias, a camisa... Meu Deus, eu não tenho nada pra vestir no meu homem! Ele só tem a roupa com que morreu.

*Uma incelência da Virgem da Conceição  
ai que dor, minha mãe  
ai que dor no coração  
ai que dor, minha mãe...*

*Duas incelências...*

Era assim mesmo, eu me lembrei. E tinha outra. Como era a outra? Meu Deus, se nós esquecemos quem fomos, o que será de nós? Eu não tenho nada, mas posso ter, pelo menos, a minha lembrança. Como era aquela outra, eu cantei muito quando minha mãe morreu!

*Uma incelência  
da estrela madona  
galho de alecrim  
rosa manjerona...*

Eu me lembrei dessa, também. Escute, meu velho. Enquanto as mulheres cantavam pro morto, na sala, os homens bebiam cachaça no terreiro. Quando mor-

ria um menino, a gente levava pra enterrar e ganhava doce, bolo e ponche de laranja. Parecia que o povo se alegrava porque um anjinho tinha subido ao céu.

Está ouvindo, meu velho? Se você fosse um anjo eu fazia uma mortalhazinha de cetim branco, colocava você num caixãozinho azul e enterrava bem alegre. E quando fosse de noite, olhava o céu, procurava uma estrelinha e dizia: lá está ele piscando os olhinhos de anjo pra mim. Não é, meu anjinho papudo? Todo anjinho vai pro céu. Mas os velhos como eu e você podemos queimar no inferno ou no purgatório. Como se não bastasse o que já padecemos na terra. E se formos pro céu, ainda temos de passar no purgatório, pra vomitar o leite que mamamos. Minha mãe falava e eu lembrei agora. Tinha esquecido tudo. Sinto um arrepio só de lembrar. Não sei se é bom, nem se é ruim. Sei que estou lembrando.

Você está morto, eu estou viva, nós estamos sozinhos. Ou é o contrário? Sou eu que estou dormindo? Daqui a pouco chega um Anjo ou o Diabo pra levar você. Mas ninguém leva. Xô! Xô! O Anjo São Miguel vinha buscar as almas boas. O Diabo carregava as almas ruins. Bastava eu fechar os olhos pra ver o Satanás. As mulheres cantavam, os homens bebiam cachaça, o defunto não se mexia na cama. Os meninos se agarravam com medo às saias das mães. O vento apagava as lamparinas e o Diabo entrava de mansinho. Era preto, vestia paletó branco e tinha os olhos vermelhos. Xô! Xô! Daqui você não leva nada! Xô! Eu, Dolorida, não deixo. Xô! Xô! Xô!... ❶

**RONALDO CORREIA DE BRITO** é escritor. Autor de **Livro dos homens e Faca**. Vive em Recife (PE).

### O rei da selva virou rei da cidadania!



Destine parte do seu Imposto de Renda  
para ajudar crianças e adolescentes:  
[www.fiepr.org.br/fundoproinfancia](http://www.fiepr.org.br/fundoproinfancia)



# OCEANOS

literaturas de língua portuguesa

# Baby boom

Paulo Nogueira

Osvalter



Como aquilo era bonito. Mais do que bonito, até: belo. Belo era mais do que bonito? Fátima achava que sim, mas não tinha a certeza. Não era boa com as palavras, muito menos com as palavras bonitas. Ou belas. Na verdade, aquilo era mais do que bonito e mais do que belo. Como é que sabia? Fácil: dantes já vira coisas (bem poucas, é certo) a que chamara bonitas e coisas a que chamara belas — e aquilo era muito, mas muito mais bonito e belo do que tudo o que havia visto até hoje. De longe.

Claro que toda aquela beleza, toda aquela elegância opulenta e majestosa, toda aquela simetria delicada era, por isso mesmo, infame e repulsiva. No país donde ela vinha, tinham sido proibidos, de entre inúmeras outras aberrações, as jarras de flores.

Chamou-o "Paraíso". Era uma blasfêmia, claro, e das piores, daquelas que dão direito a lapidação até à morte. Mas estava segura, ali. Não contaria nada a ninguém, e os seus bebês muito menos.

O primeiro bebê não passava de um feto de três meses, sem dentes ou unhas, apenas um monograma de plasma e albumina bordado no seu ventre. Já o segundo bebê, embora plenamente desenvolvido e capaz de rugir com um vombante e ensurdecido, também dormia docilmente na manjedoura da sua barriga. Por sua vez, Fátima tão-pouco diria fosse o que fosse, pois daqui a pouco já não teria língua. Nem traqueia nem cabeça nem nada.

Avançou timidamente à procura do elevador de serviço, encostada à parede de mármore como quem foge à chuva. Enquanto se esgueirava, aproveitou para

admirar mais um pouco, de soslaio e cabeça baixa, aquele esplendor desenganado e malsão: os tapetes, os quadros, as colunas, as esculturas, os sofás, as escadarias como sopés de montanhas, a fragrância doce que pairava no ar, numa Primavera eterna. Os futuros restos mortais do Paraíso.

Era o Palácio das Mil e Uma Noites. Ela era a Sherazade. E daqui a nada diria a última palavra. Não "era uma vez", mas "fim". E viveram infelizes para todo o sempre.

Fátima estava ali para aniqui-

lar aquele hotel, aquele caravançarai do Éden. Riscá-lo do mapa, varrê-lo da face da terra. Ela era a emissária do caos. *Emissária do caos* — fora assim que ele a tinha chamado, na bafianta tenda do campo de treino, arranhando-a com a sua barba de ouriço. Fátima fechou os olhos e abriu as pernas de par em par, como um compasso, e ele semeara nela aquele rastilho de pólvora, aquele cavalo de Tróia. Depois, enquanto ela ainda arfava e tentava perceber se gostara ou não daquele vórtice barulhento, e se gostava ou não dele, e se ele gos-

tava ou não dela, o mestre acariciara-lhe uma melena murcha e murmurara: *Minha emissária do caos... Ninguém nunca desconfiará de ti* — com uma doçura tão terna e sonhadora que Fátima considerara a coisa mais bonita (e mais bela) que já vira ou ouvira.

Mas o Paraíso era ainda mais bonito e ainda mais belo que os galanteios dele.

Também não era preciso muito.

— O teu nariz é de águia, e os teus olhos são de toupeira — rira-se o mestre mais tarde, e os outros riram-se também, como hienas. E ela também se riu, achando que era o mínimo que podia fazer, já que estava ali para ajudar no que fosse preciso, de lavar o chão a engravidar para matar. — Tu, Fátima, que não fazes nada certo, só serves para aquilo.

Ela ficou sem saber se aquilo era *aquilo*, ou se aquilo era *isto*, agora. Não sabia qual das coisas lhe metia mais medo. Mas era verdade, ela não prestava mesmo para nada: não tinha rabo, não tinha mamas, não tinha cintura — só aquele buraco ermo lá em baixo a identificava como mulher. Um buraco não passa de um vazio. Ela era um vazio, uma terra de ninguém.

Porém, a partir de agora, um vazio cheio com duas metades. Um vazio siamês. Um vazio de alguém. Um vazio dela. E ninguém senão ela poderia executar aquela dança do ventre.

Empurrou o carrinho das limpezas para o elevador, sobre a carpete felpuda. Um paninho escorregou da borda e ondulou para o chão, como um peixe na corrente. Um senhor de fato ia a passar, com um telemóvel na mão. Baixou-se, apanhou o pano e estendeu-lho, com um vago sorris-



so afável. Não a olhou nos olhos nem deixou de tagarelar entusiasticamente ao telemóvel, e foi-se embora. Fátima não disse nada. Grunhiu qualquer coisa gutural que nem ela entendeu.

Ah, e nem sequer agradeceu. O mestre tinha-lhe explicado que eram todos maus, lá, e que os bons eram os piores de todos, pois eram uns hipócritas — faziam as maldades e ainda gozavam conosco. E existia ainda um género muito pior que o falso bom, que era o bom genuíno, pois este só empatava as coisas com a sua bondade estúpida. Bem, talvez aquele hóspede tivesse sido amável apenas por causa dos bebés dela, que já lhe avultavam no ventre. O bebé de carne e osso era o seu passaporte, o seu salvo-conduto. O feto de três meses contrabandeava a passagem do seu irmão gémeo, a ovelha negra da família. Fátima lembrou-se das bonecas russas, com uma bonequinha dentro da outra, dentro da outra, dentro da outra — até não haver mais nada. Até não sobrar nada.

Apertou o botão do elevador e esperou. Sim, o mestre não gostava muito dela. Mas ela tão-pouco o amava. Como podia amá-lo se mal o conhecia, se ele não era suficientemente belo ou meigo ou ardente para uma espécie de amor à primeira vista? A única coisa que Fátima amava nele era que queria ser amada por ele. Não por ele ser o mestre, mas por ser outra pessoa que não ela. Até ontem, ela era o vazio. O zero, aquele algarismo que eles tinham inventado.

A luz do elevador acendeu-se e Fátima empurrou o carrinho lá para dentro. Saiu num andar intermediário e depois voltou a entrar, de mãos a abanar, já sem aquele fardo. Ia ter ao *spa*. O seu oásis. As suas areias movediças.

O elevador rangeu e deslizou para a cave. Suavemente, como se uma mão o amparasse com uma luva, daquelas bem gordas e acolchoadas, que ajudam a retirar os assados fumegantes do forno. Ainda assim, sentiu um bebé a palpitar. Qual deles? O que transportava a vida? Ou o que semeava a morte? Introduziu devagarinho uma mão sob o avental e tocou no cinto com os explosivos. Segurou-o delicadamente, entre o polegar e o indicador, como se seguram as borboletas para não se lhes retirar o pó das asas. Tudo bem. Tudo bem com ambos os bebés, cujos corações batiam quase em uníssono — o relógio como um coração, e o coração como um relógio. Era como se cantassem uma cantiga de embalar, aquelas duas coisas vivas que Fátima trazia nas entranhas — aquelas filhas dos homens. Brevemente — na verdade, dentro de minutos — teria de escolher com qual bebé queria ficar.

Deteve-se, incrédula, no *ball* do *spa*. Aquele era o cenário mais belo que ela jamais vira. Embutidas nas paredes, concavidades rectangulares revestidas de mogno continham pilhas de toalhas dobradas, como lenha numa cabana florestal. Num silêncio quase pós-nuclear, Fátima podia aspirar o aroma a alfazema que emanava delas, e adivinhar a sua maciez de cetim. Um labirinto povoado de balcões, sofás e mesinhas com sais aromáticos, sabonetes, chá de hortelã e flores secas serpenteava rumo à sauna. Do lado oposto, depois de uma parede de vidro imaculado e sob um tecto abobadado, espriava-se o mais belo de tudo: uma imensa piscina de água cor de lótus, num ambiente climatizado. Chaises-longues rodeavam hospitaleiramente a piscina, tão amplas que um rinoceronte poderia estender-se nelas com todo o conforto e dormir o sono dos justos.

Para sua surpresa, ninguém lhe dirigiu a palavra, nem lhe perguntou nada. Era uma hora morta, é certo, mas mesmo assim... Mais uma vez, o mestre acertara em cheio.

— Ninguém falará contigo. Ou porque têm mais que fazer, ou para não parecerem paternalistas. Mais do que tudo, eles detestam parecer paternalistas. De resto, já te conhecem de vista.

Puxou respeitosamente a maçaneta de madeira e entrou no recinto da piscina. Ui, que quentinho. Suspirou de modo imperceptível. O ar puro como pão ázimo. Olhou em volta e não viu viva-mente, a não ser a diminuta cabeça da jovem no balcão da recepção, lá ao longe, ao pé do elevador.

Aquilo era realmente tão bonito. Que pena não trazer consigo uma câmara fotográfica. Para mostrar a quem, quando? E depois? Soubera que as mulheres-bomba de Beslan haviam tirado fotos com os filhos ao colo, antes de seguirem para a sua missão sem regresso. Bem, ela não trouxera a máquina mas trouxera o próprio filho — e a outra máquina. O que aconteceria ao bebé a seguir a explosão? Morreria biologicamente, certo, mas e depois?

Porém, a partir  
de agora, um  
vazio cheio  
com duas  
metades. Um  
vazio siamês.  
Um vazio de  
alguém. Um  
vazio dela.  
E ninguém  
senão ela  
poderia executar  
aquela dança  
do ventre.

Adriana Freire/Divulgação



## Paulo Nogueira

nasceu no Brasil, em 1961. Estudou na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Em meados dos anos 80, viajou para a Europa, fixando-se em Portugal. Lançou o seu primeiro romance, **O homem que foi para o céu**, em 1996. Depois vieram mais cinco: **O último dia do mundo**, **O corpo estranho**, **Um é pouco, dois é demais**, **O suicida feliz** e **Transatlântico**. Também já publicou contos em várias revistas europeias. Trabalha como jornalista na área cultural, e uma antologia de suas crônicas, **Penso rápido**, foi editada em 1995. Em 2006, deverá sair uma compilação de perfis culturais de sua autoria: **Wittgenstein, caviar e calcinhas**. **O suicida feliz** acaba de ser publicado no Brasil, pela Planeta; **Transatlântico** sai no ano que vem. O escritor é casado pela segunda vez e tem três filhos.

O mestre explicara-lhe:

— O Corão diz explicitamente que os mártires ascendem directamente ao Céu, onde descansam em leitos incrustados de ouro e pedras preciosas. Os homens são servidos de frutas e bebidas por jovens beldades que fazem sexo incessantemente, mas permanecem virgens para sempre. Cada mártir tem direito a 100 virgens.

Fátima olhou para os sapatos rotos, pensou um pouco e perguntou:

— O que faço com elas, mestre? Com as 100 virgens?

O mestre não se dignou a responder, mas o seu lugar-tenente não se fez de rogado:

— Podes guardá-las para mim, se faz favor.

Fátima não sabia se ele estava a brincar. Provavelmente não, pois eles nunca brincavam em serviço. Mas como podia ter a certeza? Nunca andara numa boa escola, nem tivera um emprego decente, nunca morara numa casa com quatro paredes. Até aos 18 anos, quando emigrara mais ou menos sem saber como, o pai dela só lhe dissera uma palavra: “*Silêncio*”. Para uma mulher jovem, viver ali, naquele mundo árido e austero em que vivia antes, era como fazer sexo com o homem que ela mais odiasse. Todos os dias. Como uma das tais 100 virgens. Era ser enterrada viva.

No entanto, o martírio iria alterar tudo. Ao ser enterrada morta, conquistaria admiração, aceitação e até amor, mesmo na sua condição de mãe solteira (não se lapida uma mártir). Wafa e Ayat, duas mulheres-bomba que atacaram um concerto de rock, tinham sido homenageadas este ano por astros do cinema egípcio (alguns deles bem bonitos ou belos), durante uma gala beneficente no Cairo. De qualquer forma, o mestre dissera-lhe, antes da derradeira prece:

— Matar o inimigo não é legítimo — é obrigatório.

A piscina continuava deserta. Por causa da barriça em forma de crescente, Fátima contorceu-se um bocadinho e sentou-se, hirta, numa daquelas camas macias como nuvens. Sentiu uma cólica a chegar. Sabia-o, agora. Se calhar sempre o soubera. Por todas as razões e mais algumas, teria de escolher entre os dois bebés. Com qual deles queria ficar. Soltou todo o ar dos pulmões. Um dos bebés dava-lhe tudo: respeito, empatia, comunhão, até inveja. O outro arrebatava-lhe tudo isto. Mas ela gostava dos dois da mesma maneira... Para uma mãe, todos os filhos são iguais, independentemente dos seus méritos.

Sim, teria de escolher, como naquela história do Rei Salomão. A mãe que prescindiu do filho, para que ele não fosse cortado ao meio, era a mãe verdadeira. Se pudesse banhar o seu bebé naquelas águas — o primeiro banho! —, já não lhe custaria tanto... Ora, ela própria armara o relógio e ainda dispunha de alguns momentos para uma ablução. Relanceou os olhos por cima dos ombros, entreabriu a blusa e soltou o cinto cravejado de bombas. Pousou-o cautelosamente no chão, a seu lado. O mestre dissera-lhe:

— Um homem armado é um cidadão. Um homem desarmado é um súbdito.

Escurregou furtivamente para a água, que ninguém estava a olhar. Acariciou o ventre rotundo, o umbigo desabrochado, e sentiu um frémito de prazer. Sorriu. Aquela criança não seria esquisita na hora do banho.

Naquele instante, a porta de vidro abriu-se de rompante, e dois meninos loiros avançaram lá para dentro, com uma impetuosidade infantil. Uma mulher de biquíni, presumivelmente a mãe, veio logo atrás deles, ralhando-lhes em voz baixa e explicando-lhes, numa das muitas línguas que Fátima desconhecia, a proscricção dos mergulhos naquele *spa* recatado. Os meninos avistaram a intrusa e, por um momento, detiveram-se, paralisados. Depois, um deles esboçou um sorriso envergonhado e contrito, e o outro deitou-lhe uma língua travessa, cor de salmão.

Fátima tomou a decisão. Já sabia com qual gémeo ficar. Saltitando nas plantas dos pés, como um astronauta no Mar da Tranquilidade, deslizou de novo da borda da piscina, onde jazia o cinto. Pegou nele e esticou o dedo para desactivar o detonador. Mas era tarde de mais. Um dos meninos lançou-se à água com os braços em redor dos joelhos. O clarão foi ofuscante, jorrando em todas as direcções um branco ártico — e o impacto indescritível.

Confusa, Fátima só teve tempo de pensar isto: “Deus queira que Deus exista”. E quase no mesmo instante: “Se calhar talvez seja melhor que não”. ⑦



# O inglês do Cemitério dos Ingleses

romance

## Fernando Monteiro

### 8. Julian Storrs era um dos poucos que ainda

### 9. Faltou?

### Na próxima edição:

### 10. Conrad

### 11. Aqui está o momento, digamos, mais

### 12. A cotovia calcinada

### 8. Julian Storrs era um dos poucos que ainda

escreviam sobre T. E. Lawrence. O “herói da Arábia” não era mais assunto de impacto (ou de grande interesse) para a imprensa, com o passar dos anos. Até, digamos, a metade do século passado, movera rios de tinta, o homem e a sua aventura estrelada, o acidente e os ovos esmagados na manha frita sobre o selim de couro (não adianta tentar entender, é uma piada britânica demais) que Bacon retratou como uma mancha de “amarelo” — gema e pérola rodada no cinturão dos cavaleiros virgens, dos Templários do Nada —, sangue e areia (as duas botinas que, depois, dois enfermeiros venderam para um colecionador foram devidamente substituídas por duas botinas falsas, isso em 1955, vinte anos depois do acidente, no auge da memória das coisas que haviam se passado com um herói perdendo a aura, em plena Guerra Fria), o frio, a lápide gelada, os anos que me trouxeram aqui para perto de um assunto portanto algo anacrônico (estou numa casa abafada, ouço uma bicha velha falando sobre o arqueólogo e militar controvertido, morto há setenta anos). Ninguém que desapareceu há tanto tempo consegue continuar vendendo jornais apenas porque se afirma que foi assassinado e, não, a vítima de um acidente de estrada...

— Não há mais muitos leitores interessados nessa história — Julian Storrs era enfático. — No *seu* país, então... Faz muito tempo, claro. Eu imagino que você tenha sempre de explicar, primeiro, quem foi Lawrence, para, em seguida, discutir sobre o sujeito que o leitor acabou de conhecer, não é assim?

— Mais ou menos. Mesmo o filme de Lean tem mais de trinta anos.

— Mais de quarenta, você quer dizer. É de 1962, se não me engano. Tido faz tanto tempo, agora... O século findou e as coisas se enfiaram para trás, na dobra...

Se fosse uma conferência numa sala abafada, aquele homem fora de moda estaria dizendo Thomas Edward Lawrence não pertencia ao século 20, mas ao 13, saíra dele, da bruma dos cavaleiros desconfortáveis em qualquer época que não a sua. Ele poderia falar das sarjetas (conhecendo o assunto), de pombas brancas de claustro e poços de pedra trabalhada, mãos frias de uma moça vestida de homem como Santa Joana — a peça de Shaw baseada na vida de Lawrence.

O veludo das cortinas da sala de palestras do Arab Hall, os muitos bocejos, a troca de um bilhete indiferente ao “ascetismo” dos cavaleiros virgens, implacáveis e crentes...

Só em relação à crença, havia uma grande diferença: a fé de Thomas Edward era vazia de um Deus, “e oca e miserável na terra desolada”. Ninguém podia entendê-lo, agora, com o “elo que faltava” (o elo?), “a qualidade remota, velha de duzentos anos de ausência... uma antiguidade de porcelana sobre mobília eduardina que você vê abarrotando os antiquários baratos. Os melhores antiquários já começaram a recusar peças desse período extenuado”...

Interrompi aquela conversa de fresco refinado, perguntando sobre o furgão preto, diretamente (eu estava cansado e sem querer falar sobre antiquários, jornais modernos ou a beleza dos adolescentes que amavam homens mais velhos, “por dinheiro, naturalmente”).

— Não há nada sobre um furgão preto nos relatórios. Quem você disse que teria visto esse carro?

— Ernest Catchpole, cabo da RAOC\*. Disse que o caminhão vinha também na estrada, na direção de Lawrence. Uma dessas furgonetas...

— Ah. Mas essa tal “testemunha” do acidente foi, depois, inteiramente desacreditada. Não me diga que fez uma viagem tão longa só para falar desse cabo! Tudo que ele teria visto... a uns noventa metros. E Catchpole estava lá... fazendo o quê?

— Passeando com o cão, o senhor sabe muito



Ricardo Humberto

bem. E ele viu quando...

— Sim, diga-me o que ele viu, meu caro senhor. Setenta anos depois, esta conversa me diverte. Não tenho mais o que fazer na vida.

Era um velhote difícil, mas eu não fui na sua onda. Disse exatamente o que Catchpole declarou ter visto:

— O cabo viu a motocicleta, a 85 ou 90 por hora, sem precisar de óculos ou de versões ensinadas. Depois, ela teria ficado encoberta, segundo ele, exatamente como os ciclistas, por causa do declive do terreno. Foi quando Catchpole viu o furgão e, depois, já ouviu o baque, o choque (dois choques, aliás: o outro foi o do corpo). Então, ele correu para buscar socorro, no Campo de Bovington, depois de dar uma olhada em Lawrence e na Brough, atirada longe.

— E o caminhão?

— Sumiu.

— Bem, então Catchpole não andou dizendo que viu nada de especial, na verdade. Um furgão preto trafegando por aí. Nada demais. Era uma estrada como outra qualquer.

— Aquela era uma via secundária...

Eu não esperava uma resposta: era mais um pensamento em voz alta — que ele interrompeu, com sua voz ainda forte e os olhos vivos:

— Não era um caminhão militar.

— Pela cor, acho que não.

Rodei o copo com gim nas mãos, antes de acrescentar:

— Dois policiais à paisana “velaram” Lawrence, o tempo todo. Um na cabeceira da cama, praticamente, e outro na porta. Só foram embora quando ele morreu.

— O senhor acha estranho? O nosso “Lawrence da Arábia” era um tipo e tanto.

— Também acha natural que Clouds Hill ficasse toda guardada?...

— Guardada como?

— Cheia de policiais. Foi um aparato dos diabos.

— Vou lhe trazer um jornal do dia da morte de Lawrence, para que possa julgar por si mesmo...

Disse isso, e se levantou, a fim de ir buscar um álbum amarelado de recortes de jornais e revistas das últimas semanas de maio de 1935, onde localizou uma notícia do dia 19, contornada com tinta de caneta, em traço grosso:

**Faleceu ontem, no começo da manhã, no Hospital Militar de Bovington, Dorset, o famoso “Lawrence da Arábia”, depois de seis dias de coma provocado por um acidente que sofreu no dia 13 último, na estrada de Bovington Camp. Disseram os médicos que, logo às primeiras horas da manhã de ontem, o coração do herói da Arábia começou a dar sinais de que não iria continuar resistindo às consequências de ferimentos (sobretudo na cabeça) oriundos da manobra que fez, na sua moto, a fim de evitar o abaloamento, segunda-feira passada, contra uma dupla de ciclistas que seguiam pela mesma estrada secundária. Ainda segundo os médicos não só do Hospital de Bovington, mas de Londres (inclusive Sir Farquhar Buzzard, médico pessoal do Rei), enviados a Dorset, as aplicações de oxigênio e de adrenalina, ontem, de nada adiantaram na crise verificada na madrugada do sábado.**

O ex-Coronel Lawrence — que usava, atualmente, o nome de “T. E. Shaw” — faleceu no leito de hospital do campo militar onde havia servido, há poucos anos, ao se alistar, como recruta, sob essa nova identidade (escolhida em homenagem ao eminente escritor G. B. Shaw, seu amigo pessoal). Assim que se espalhou a triste notícia, começaram a chegar parentes e amigos, além de personalidades das relações de amizade do orientalista que em 1926 publicou o relato de suas aventuras na Arábia apenas para seletor círculo de subscritores da edição, privada, do livro intitulado “Os Sete Pilares da Sabedoria”. Uma nova versão, mais condensada, deu a conhecer ao público em geral a participação destacada de T. E. Lawrence na chamada “Revolta do Deserto”, através da qual os Árabes, no seu movimento de “libertação” nacionalista (liderado, militarmente, pelo ex-Coronel) levaram a cabo operações contra a Turquia — aliada da Alemanha —, que muito contribuíram para o bom êxito do esforço britânico na Frente Oriental, entre 1916 e 1918...

“Parece extraordinariamente distante (e está), descrito desse modo inodoro. Na verdade, o tor-

velinho de areia pisada pelas cargas de camelos, entre gritos de guerra tribais no meio do rumor do vento respondido pelo drapejo de seda dos estandartes do sherif de Meca, um som perdido no meio da cena dos trens dinamitados, queimando ainda, no meio dos gemidos...” (estava anotado num papel de rascunho, dentro do jornal velho. Era bom o estilo de Julian, sobrevivente das redações cheias de pontas de cigarro e papéis amassados, de antes dos computadores)

O Bureau de Imprensa do Palácio de Buckingham teve a gentileza de excepcionalmente fornecer o teor da mensagem de pésames já enviada à família de T. E. Lawrence. Diz Sua Majestade o rei George V, em certo trecho do telegrama dirigido ao Professor Robert Lawrence, irmão mais novo do herói tragicamente falecido: “O nome do seu irmão perdurará através da história. Eu, o Rei, reconheço a proeminência dos serviços que ele prestou a este País, e considero trágico que tenha chegado ao fim, dessa forma, uma vida tão cheia, ainda, de promessas...”

O sepultamento do enigmático *Lawrence da Arábia*, desaparecido de maneira realmente tão trágica quanto inesperada (para quem se expôs a perigos tão maiores, no deserto e noutros lugares), será no cemitério de Moreton.\*

“Isso das *promessas* — na circunspecta visão palaciana — era digno do mais irônico dos inimigos de Lawrence (que eram muitos), se algum deles tivesse senso de humor e a oportunidade de redigir os telegramas do rei George”.

— Fui convidado a escrever sobre as tribos do Iraque atual, mas recusaram o texto que eu apresentei, a guerra vista sob o ângulo de respeito do qual ainda não vi ninguém tratando, até agora. — Ele me estendia umas três ou quatro laudas que, no mínimo, seria polido ler, com toda a curiosidade que fosse possível fingir diante do título absurdo:

**Faltou um Lawrence no Iraque?**

\* *Royal Army Ordnance Corps.*

### 9. Faltou...?

Bagdá era, para T. E. Lawrence, um dos “sete pilares da sabedoria” — junto com mais seis cidades presentes no título da obra-prima (*Seven pillars of wisdom*) que ele escreveu com base nas suas anotações sobre a Revolta Árabe. Lawrence ficou conhecido como o condutor militar dessa “revolta”, inspirada em parte pelo Bureau Árabe, onde trabalhou para o arqueólogo e agente D. G. Hogarth. Jovens ingleses que dormem tarde e assistem, eventualmente, reprises de velhos filmes na tevê, terão visto uma parte dessa aventura no filme *Lawrence da Arábia*, co-produzido e dirigido por Sir David Lean, em 1962. Nos anos 20, o jornalista americano Lowell Thomas já populariza a vida e as ações do então tenente Lawrence, como agente de ligação e comandante de guerrilheiros na região do Mar Vermelho e da antiga Mesopotâmia, entre 1916 e 1918. Se as datas parecem recuadas no tempo, as consequências dessa ação permanecem no noticiário: Lawrence foi responsável pelo surgimento do reino do Iraque, saído diretamente do compasso regulado por ele, sobre os mapas orientais do Foreign Office, como conselheiro plenipotenciário e figura-chave da Conferência do Cairo, convocada por Winston Churchill em 1921.

Apesar disso, o famoso “aventureiro” ainda não foi ainda tão mencionado quanto mereceria, nos comentários de fundo da guerra atual. A urgência em relatar os bombardeios e choques de tropas, via satélite, até este momento falou mais alto do que as tão menos estrondosas ressonâncias de acontecimentos antigos, que nem todos recordam, mas que estão na raiz dos conflitos em curso no Oriente Médio, mais uma vez sacudido pelo piscar dos mísseis na escuridão. Enquanto escrevo, é a ponte Allenby (nome do general superior imediato de Lawrence) que surge no noticiário — uma vez que ela é a via de passagem, agora, de muitos dos jovens mártires atraídos para o sacrifício em defesa da capital iraquiana. Talvez nem eles se lembrem das batalhas sangrentas ali travadas, assim como das inúmeras conferências dos políticos. Tanto umas como outras no entanto alteraram os destinos deles, dos seus pais e dos seus avós, vindo a culminar com a hora estranha dessa torre de loucura em que muitos partem da antiga “Transjordânia” para lutar pelo Iraque, ambos criados no Egito — há oitenta e dois anos — como monarquias entregues a dois príncipes da família hachemita que levantou as tribos em luta (sob o comando de Lawrence) contra os turcos aliados dos alemães, na Primeira Grande Guerra...

Sei que é confuso, porém não há como descomprimir a menção de tudo que vai de uma ponte a outra, na história recente do mundo. A sensação de oportunidades perdidas, de acontecimentos abortados e tragédias repetidas, é grande.

Há algumas semanas, Saddam Hussein parecia inspirado na estratégia lawrenciana, quando percebeu o valor tático das tribos iraquianas, que ele conclamou para lutar, em típica ação de guerrilha, contra o avanço das tropas invasoras. O ditador poderia ter feito suas as palavras de ordem da Revolta Árabe de 1916, pois literalmente exortou as tribos “a golpearem em qualquer lugar, com determinação, sem esperar pela ordem dos comandantes”. Lawrence da Arábia teria aprovado — como o meio mais adequado, por sinal, de combater na região bem conhecida dos xeques e guerreiros lançados em *raids* mortais contra as tropas regulares otomanas, conforme se acompanha nos **Sete pilares**.

Sob as ordens do tenente enviado, pelo Cairo, apenas como “observador militar”, eles investiram contra as linhas de abastecimento turcas, via estrada de ferro do Hedjaz (ainda mais longa do que a linha das tropas da coalizão, no primeiro avanço para Bagdá), em pouco tempo cortadas.

Continua na página 30



A estrada de ferro se tornou irrecuperável, e ainda hoje é possível encontrar, no deserto das proximidades de Amann e Medina, os restos de vagões e ferros retorcidos da antiga linha, nos trechos pessoalmente dinamitados pelo herói vestido de beduíno — “El Aurens” — cuja atuação deixaria marcas indeléveis na história na região.

#### DE ONDE VEIO O HOMEM

Thomas Edward Lawrence (1888-1935) se formou naquele molde, de velha linhagem inglesa, dos “orientalistas” antigamente ouvidos para a definição da política, dos gabinetes, para o Oriente. Alguns deles eram francos partidários do modelo colonialista, mas outros se mostraram sensíveis ao apelo nativo, ao anseio das colônias distantes. E um grupo ainda mais restrito fez da “Questão Oriental” algo vital nas suas vidas, meio sonho político e meio “visão de estranhamento”, ou de libertação (espiritual) através da liberdade do Outro. É o que Lawrence confessa, logo na epígrafe do seu grande livro: “*Por isso tomei nas mãos estas ondas de homens/ e a minha vontade eu inscrevi/ entre as estrelas, para ganhar-te a Liberdade/ o Solar de sete pilares/ que talvez brilhasse para mim/ em teus olhos, quando chegássemos*”.

Quase todos saídos de Oxford, tais especialistas tomaram o caminho profissional da diplomacia, da arqueologia, da literatura e da cátedra, como eruditos de uma têmpera cuja receita hoje parece perdida, ou pelo menos substituída por pragmatismos sem imaginação, se não inteiramente estúpidos. Os ingleses de *antes* — e ainda da geração de Lawrence — eram, alguns deles, “sonhadores acordados”, dispostos a trocarem as confortáveis camas de Londres pelo chão rude das tendas, no deserto, e foi assim que seus nomes de fato se inscreveram “entre as estrelas” do céu oriental: Wilfrid Scawen Blunt, Richard Burton (não o ator de *Cleópatra*, mas o escritor e diplomata inglês que foi cônsul em Santos, na segunda metade do século 19), Charles Montagu Doughty, Ronald Storrs, David George Hogarth, Gertrude Bell e o próprio T. E. Lawrence foram alguns dos viajantes e orientalistas dessa estirpe, tornando-se autores obrigatórios da disciplina saída do limite dos estudos, para tentar redesenhar políticas e mapas modernos. Nas palavras de Edward W. Said, “cada um acreditava que a sua visão era individual, criada a partir de um encontro intensamente pessoal com a região, com o Islã e com os árabes e cada um deles exprimia um desprezo geral pelo conhecimento oficial sobre o Oriente”...

#### DE ONDE EMERGIU A SITUAÇÃO

A política “descompressiva” do colonialismo no antigo Crescente Fértil — pelo menos no que diz respeito à visão britânica — iria partir da já citada

Conferência do Cairo, como encontro de especialistas convocados pelo Colonial Office subordinado a um político novo e inquieto como Churchill se mostrou, pelo menos no início da sua carreira.

Por sugestão do venerável Wilfrid Blunt, ele convocou Lawrence para atuar como “ministro plenipotenciário”, na conferência de 1921, entre orientalistas e altos funcionários civis e militares, britânicos e árabes. O objetivo era dar o “conserto que fosse possível” a alguns aspectos da “Questão Oriental”, muito mal encaminhados durante a Conferência de Paz, em Versailles, dois anos antes. Em outras palavras: o que poderia ser feito para se conseguir, no Cairo, um mínimo cumprimento das promessas inglesas, feitas aos árabes revoltosos representados pelo rei Hussein, emir de Meca?

A resposta veio a ser, como já foi dito, justamente a criação dos reinos do Iraque e da Transjordânia, confiados respectivamente ao príncipe Feisal — companheiro de batalhas de Lawrence — e ao seu irmão mais velho, o emir Abdullah. Filhos do velho Hussein, ambos eram aristocratas da família hachemita, descendente do profeta, e, mais, aquela que dera o “aval” político (e religioso) para que as tribos do deserto se unissem às forças inglesas, cujo alto comando buscava abrir uma segunda frente, no Oriente, de modo a dividir tropas e esforços do Kaiser — aliado da Suprema Porta. Tal frente fora aberta e, em dois anos de guerrilhas e conquistas militares (e tomadas as cidades-símbolo de Jerusalém e Damasco), estava definida a vitória aliada nos dois “fronts”, com Allenby e Lawrence emergindo como heróis do conflito. O general no seu jardim de esguichos desligados para não borrifarem as muitas medalhas no seu peito largo, e o jovem tenente-coronel mais afastado, não pelos toques de água, areia ou sangue na camisa debaixo da túnica emprestada...

Ficava aberto, também, o caminho da paz e da prometida criação de um “grande país árabe”, o qual teria significado a existência, desde 1919, de uma nação aglutinadora dos povos de origem semita — no sentido mais amplo da palavra — e, portanto, sem fronteiras reclamadas, sem conflitos e sem um povo desalojado na Palestina (ferida aberta na carne do século 20, desde que Lorde Balfour começou a “preparar o terreno” para um futuro Lar Nacional Judaico), por exemplo.



*É claro que  
não levei  
comigo  
a capa  
caspenta —  
pela  
amostra  
dos ombros  
do pulôver  
do filho  
adotivo  
de Sir  
Ronald.*



Em vez disso, até a nobre família do rei Hussein se veria desalojada de Meca, em 1926, quando o trono hachemita foi usurpado, à força, pela tribo “estrangeira” de Ibn Saud, sultão do distante Neged. Isso aconteceu quando a exploração do petróleo começava a mudar a face da região, e esse interesse é que parte para o uso do mapa interno — das disputas étnicas, territoriais e religiosas — a fim de tornar cada vez mais *lucrativa* a desunião árabe. De outro modo, talvez não se possa entender, por exemplo, o quanto Osama Bin Laden odeia os ianques (aos quais desgraçadamente nos associamos). Fomos os primeiros *patronos* da família saudita, por intermédio do “pequeno Lawrence” que foi Kim Philby — de triste memória para este país —, até entrar em cena, com mais pragmatismo, a política americana do pós-guerra para o Oriente Médio, que incluía o pleno apoio dos usurpadores do trono da cidade santa dos muçulmanos. Como consequência direta disso, os descendentes de Ibn Saud aceitam tropas dos EUA, estacionadas no coração da chamada Arábia Saudita, e fica, por isso, difícil de acreditar que...

Não li até o fim. Ali, naquela casa, não havia nada do que eu esperara entre os papéis daquele lawrenciano triste, sonhando com o fragor de batalhas há muito esquecidas, numa Arábia distante — de antes do petróleo. Ele esperava despertar o interesse do pragmatismo de hoje por um desenho riscado, na areia, pela mão de um homem e quase tão esquecido quanto Casement?

Deixei aquela casa pelo mesmo curto caminho — um pequeno jardim maltratado — do começo da tarde. Uma velha gravação de “Skip” Nelson (eu apostava) fazia *In the blue of evening* sublinhar a minha partida, como se fosse num filme nostálgico da guerra animada ao som de orquestrações de Glenn Miller ou Tommy Dorsey passando qualquer coisa ainda mais recuada no tempo.

A conversa mole de Julian — sobre o acidente, acima de tudo — não me demovia de nada, nem desanimava, até porque eu estava saindo, pelo pequeno portão sem tranca, com uma relíquia inestimável, adquirida diretamente do “herdeiro” de Sir Ronald Storrs: **The letters of T. E. Lawrence**, primeira edição toda anotada por Storrs, com a sua letra elegante (Julian era filho adotivo do antigo governador de Jerusalém, “o homem mais generoso que já viveu na terra”, na opinião parcialíssima do velho cercado dos últimos livros da biblioteca particular daquela autoridade).

O livro custara salgadas 300 libras que, via-se, eram bem-vindas para aquele homem retirado, cheio de queixas e vivendo no passado, entre as obras raras da biblioteca do seu “protetor”, na casa de subúrbio fedendo a almofadas úmidas e comida talvez grudada na louça que ele mesmo fora lavar (ouvi o som de água e xícaras) para servir um ótimo chá de menta, enquanto eu folheava o exemplar com as anotações de Ronald Storrs, lendo algumas com surpresa. Pelo menos duas tratavam de Roger Casement e, numa delas, algo surpreendentemente relacionado com Joseph Conrad — duas figuras que eu não juntaria jamais, em qualquer quebra-cabeça.

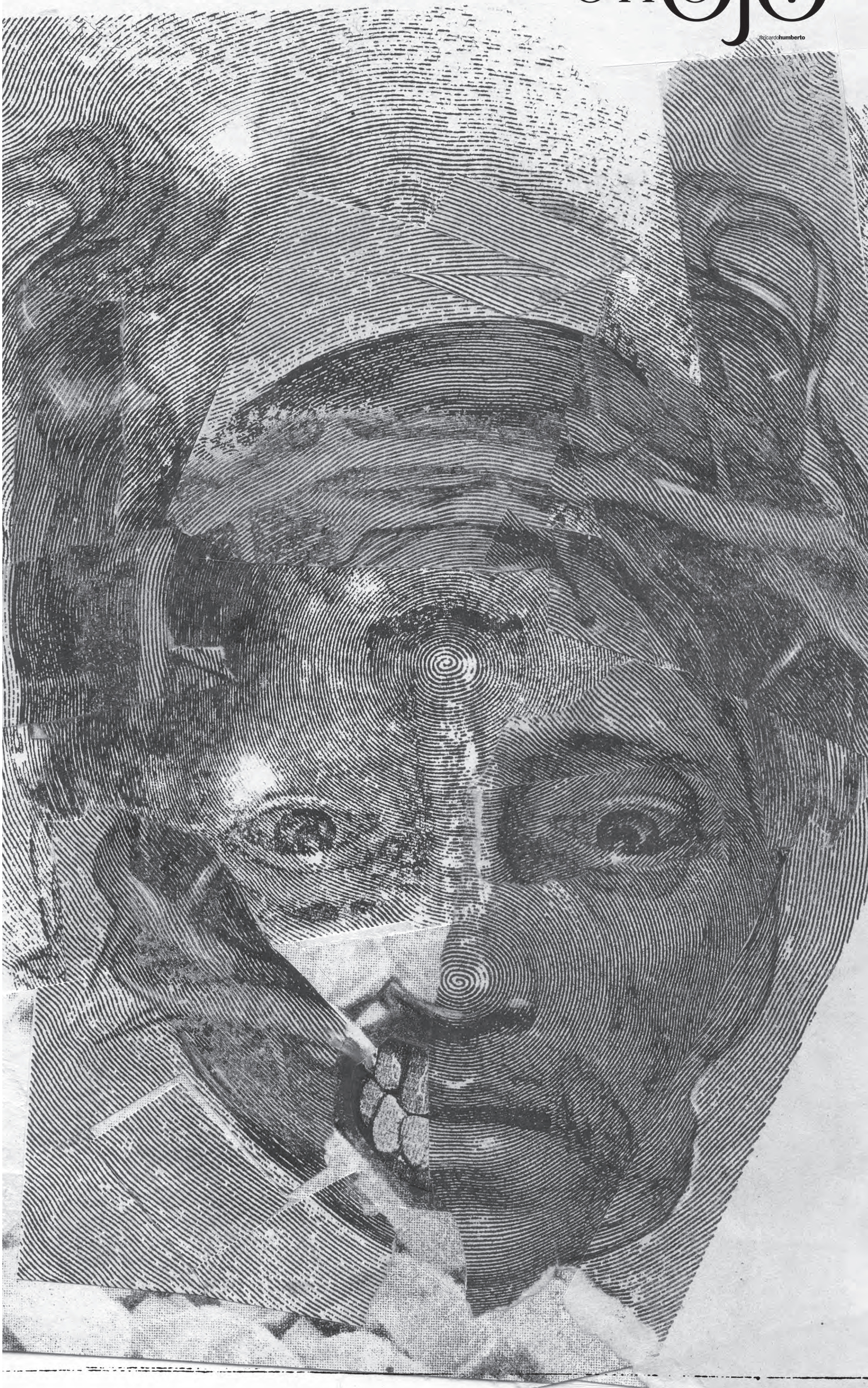
Ao me despedir de Julian\*\*, enquanto ele me oferecia uma capa de chuva difícil de, mais tarde, devolver (“o senhor a envia de volta pelo correio”, sugeriu ele, com um misto de timidez e otimismo), pensei — não sei por quê — que ali estava alguém fisicamente perfeito para representar **Country life**, de John Ward, trabalhando o estilo rebuscado de acordo com a hora, a moda e o clima tão britânicos:

“O céu, vestido com seu delicado manto de cinza, colocara o Sol em seu bolso de cima, como um lenço de seda escarlate.”

É claro que não levei comigo a capa caspenta — pela amostra dos ombros do pulôver do filho adotivo de Sir Ronald.

\*\* Este livro já estava na prova final quando fiquei sabendo que Julian Storrs havia lançado, em Londres, um certo **Lawrence of Arabia of Night**. Estranho fato e estranho título. Oferecendo seu chá de menta, ele não mencionou que, da sua lavra, estava no prelo “o que não é mais uma biografia de Lawrence, nem uma obra de ficção desabrida sobre um das figuras mais controversas do século passado”, conforme anuncia Constable & Company Ltd (10-12 Orange Street, W.C.2). O título é particularmente intrigante, ao se referir talvez à noite sanjuanescas da alma — no sentido em que, associando-a à “Arábia” (lembro o conto de Joyce, no **Dubliners**), alarga a curva de ressonância da palavra como que suspensa num parque de diversões apagado. É o que suponho, ou melhor, é a impressão que me passa o batismo da obra que já encomendei, via internet, ao preço de 29 libras (mais 8 de postagem). Espero que o calhamaço de 519 páginas valha as 37 esterlinas pagas pelo livro daquele homem hesitante e tão longe do autor “vigoroso e imaginoso no trato do seu assunto”, segundo elogia a Granta, entre outras páginas inglesas de literatura. ①







# O olhar

Pedro Salgueiro

Quem me conhece bem sabe que eu tenho uma obsessão pelo olhar. E vivo dizendo que o olho é o caminho mais curto da alma para tudo o que está aqui fora, no mundo vivido; mas nem sempre foi assim — houve um tempo em que ele significava o mesmo que o olfato, o gosto e outros sentidos vulgares.

E, se hoje não consigo mais olhar alguém nos olhos, não é fraqueza — essa covardia comum a qualquer indivíduo medroso — e, sim, uma espécie de medo que me consome desde a juventude.

Descobri o poder de um olhar no dia mais infeliz da minha vida. Explico: desde a mocidade eu planejava uma vingança contra um sujeito que bateu no rosto de meu pai, em meio a uma discussão besta, por causa de não sei que teima. Era uma tarde morta, triste — dessas em que os únicos barulhos ouvidos são os gritos das crianças, vindos com o vento de bairros distantes. Lembro como se fosse hoje, no entanto já se passaram setenta anos desde aquela tarde.

Começaram conversando baixo, depois as vozes foram aumentando, até silenciarem com um tabefe seco, do meu pai engoliu fundo; baixou a vista, apanhou o chapéu do chão... e eu continuei seguindo seus passos de longe (nunca o caminho de nossa casa parecera tão longo): desde aquele dia ele nunca mais foi o mesmo, e até o último instante de sua vida jamais haveria de levantar a vista — morreu com os olhos baixos, como se fosse (desde aquela maldita tarde) indigno de olhar os outros nos olhos.

No dia de sua morte, jurei para mim mesmo que o responsável por tudo aquilo pagaria com a vida pelo que fizera. Planejei durante muito tempo, teria de ser em uma ocasião singular; não poderia acontecer rápido, exigiria uma ocasião especial. Levei quarenta anos estudando a situação e várias vezes estive lado a lado com ele, só eu o conhecendo; vezes houve em que até trocamos algumas palavras; depois o perdi de vista por quase dez anos. Eu não tinha pressa, estava certo de que logo ele estaria em minhas mãos, inevitavelmente.

Um dia eu soube, através de um tio que continuava residindo no vilarejo de minha infância, que o meu desafeto regressara para passar os últimos dias de sua velhice na terra natal. Havia chegado a hora, eu não poderia deixar para depois; seria naquele momento ou nunca. Convenci minha esposa e meus filhos já rapazes de que

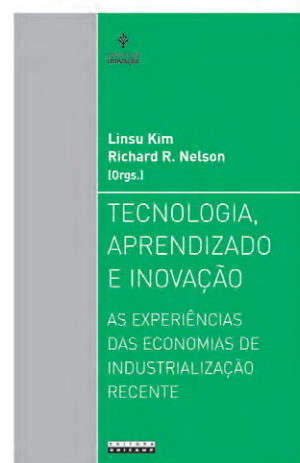
precisava ir ajudar a família em uma questão de terras, mas que logo estaria de volta.

Cheguei pela manhã, no primeiro trem — e foi como se a vida toda desfilasse em minha mente; as idéias tornavam-se confusas: o passado e o presente se misturavam como fosse em um sonho. Passei o resto da manhã meio perdido, não conseguia reconhecer ninguém. Da janela da hospedaria fiquei esperando a saída dele para um passeio, e que acontecesse à tarde, do jeitinho de outrora.

Quando ele despontou na esquina da farmácia era boquinha da noite. Eu me aproximei: olhei-o nos olhos, bem fundo, puxei vagarosamente a faca e, notando que o seu olhar me reconhecia (tive certeza disso), afundei-a toda em seu peito, depois outra e mais outra. Da surpresa inicial de seus olhos, passou a não, mas reagir tentando se proteger com as mãos, mas aceitava tudo parado, a me olhar tristemente; as feições de surpresa e dor deram lugar a uma calma superior, quase arrogante. Olhou-me bem fundo. Naquele instante, quando meu braço jazia suspenso no ar, um último golpe inútil foi contida por aqueles olhos. E ao que vi em seguida teria preferido a morte: em simples olhar sereno, mais forte que toda a minha raiva guardada, um único olhar que eu jamais vira em minha existência inteira, um olhar de quem já não estava neste mundo, um olhar que (com certeza) nunca mais me dará paz nesta vida. Fugi como o diabo foge da cruz, depois me apresentei com um advogado e cumpro (em parte devido à idade) a pena em domicílio; porém sinto que já não vivo depois daquele olhar. E desde aquele dia não levanto a vista, pois não sou digno de olhar para mais ninguém... neste mundo.

**PEDRO SALGUEIRO** é escritor. Autor dos livros de contos **O peso do morto**, **O espantinho**, **Brincar com armas** e **Dos valores do inimigo**. Vive em Fortaleza (CE).

## Coleção Clássicos da Inovação



Tecnologia, aprendizado e inovação  
*As experiências das economias de industrialização recente*

Organização:  
Linsu Kim e Richard R. Nelson  
Tradução: Carlos D. Szlak

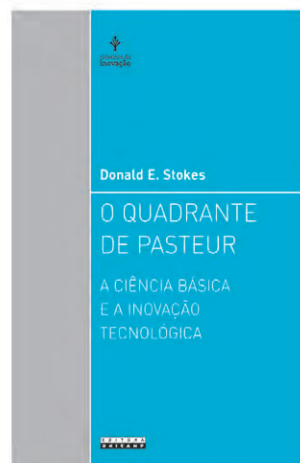
Preço: R\$ 58,00



Trajetórias da inovação  
*A mudança tecnológica nos Estados Unidos da América no século XX*

David C. Mowery  
Nathan Rosenberg  
Tradução: Marcelo Knobel

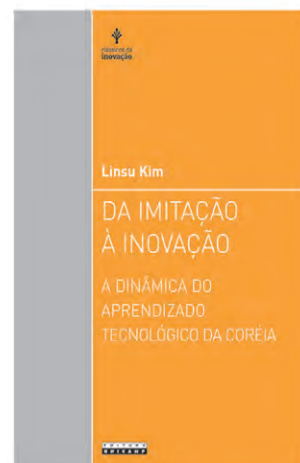
Preço: R\$ 34,00



O quadrante de Pasteur  
*A ciência básica e a inovação tecnológica*

Donald E. Stokes  
Tradução: José Emilio Maiorino

Preço: R\$ 36,00



Da imitação à inovação  
*A dinâmica do aprendizado tecnológico da Coreia*

Linsu Kim  
Tradução: Maria Paula G. D. Rocha

Preço: R\$ 48,00



Uma teoria evolucionária da mudança econômica

Richard R. Nelson  
Sidney G. Winter  
Tradução: Cláudia Heller

Preço: R\$ 68,00

nas melhores livrarias

vendas 19 3788-7786  
www.editora.unicamp.br

EDITORA  
UNICAMP